

**MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE**

PARQUE NACIONAL DA TIJUCA



**Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Instituto Chico
Mendes de Conservação da Biodiversidade- PIBIC/ICMBio**

**Relatório de Final
Ciclo 2022-2023**

**DIAGNÓSTICO DA PERCEPÇÃO E DAS INTERAÇÕES ENTRE
COMUNIDADES DO ENTORNO DO PARQUE NACIONAL DA
TIJUCA COM A FAUNA SELVAGEM**

Nome da estudante de IC: Isis Ferreira Lopes

Orientadora: Katyucha Von Kossel de Andrade Silva

**Coorientadores: Henrique Bastos Rajão Reis, Marcelo Lopes Rheingantz, Joana
Silva Macedo e Isaura de Oliveira Bredariol**

Instituições dos coorientadores: PUC-Rio, UFRJ, UFRJ e ICMBio

**Rio de Janeiro
09/2023**

Resumo

O Parque Nacional da Tijuca, menor e mais visitado parque nacional do Brasil, é localizado centralmente na metrópole do Rio de Janeiro. O histórico de desmatamento e o isolamento pela matriz urbana contribuíram para tornar a área ocupada pelo Parque uma floresta defaunada. A ausência de diversas espécies afeta interações ecológicas importantes para a manutenção e resiliência da floresta a longo prazo. Diante desse cenário, surge o Refauna, programa de reintrodução de vertebrados que tem por objetivo restabelecer essas interações e revitalizar a Mata Atlântica do Parque Nacional da Tijuca. Para isso, é necessário que se compreenda o que pode afetar o sucesso das reintroduções, inclusive na relação dos habitantes do entorno com a fauna local. A partir disso, este projeto busca o entendimento das relações entre moradores de favelas do entorno - tendo foco nos Morros da Formiga, Borel, Chácara do Céu, do Cruz, Andaraí e na Borda do Mato - com o Parque e sua fauna. Para tal, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com representantes institucionais e lideranças comunitárias e foram aplicados questionários a diferentes grupos sociais das referidas favelas. Para analisar o conteúdo obtido por meio dessas entrevistas, nos inspiramos na metodologia “Análise de Conteúdo” (BARDIN, 1977). O interesse demonstrado pelo tema revela um grande espaço para trabalhos de educação ambiental. A partir da interpretação dos dados, poderemos construir ações de sensibilização e integração com os moradores. Os contatos estabelecidos podem contribuir para o fortalecimento da participação social na gestão da unidade de conservação e indicar possibilidades de colaboração para a sustentabilidade local.

Palavras-chave: reintrodução de fauna; entorno de unidades de conservação; favelas.

Abstract

Tijuca National Park, the smallest and most visited national park in Brazil, is centrally located in the metropolis of Rio de Janeiro. The history of deforestation and isolation by the urban matrix developed to make the area occupied by the Park a defaunated forest. The absence of several species affects ecological interactions that are important for the long-term maintenance and resilience of the forest. Given this scenario, Refauna emerged, a vertebrate reintroduction program that aims to reestablish these interactions and revitalize the Atlantic Forest of *Tijuca National Park*. To do this, it is necessary to understand what can vary the success of reintroductions, including the relationship between the surrounding inhabitants and the local fauna. Based on this, this project seeks to understand the relationships between residents of surrounding favelas - focusing on *Morros da Formiga, Borel, Chácara do Céu, do Cruz, Andaraí* and *Borda do Mato* - with the Park and its fauna. To this end, semi-structured interviews were carried out with institutional representatives and community leaders and questionnaires were applied to different social groups in the mentioned slums. To analyze the content obtained through these interviews, we were inspired by the "Content Analysis" (BARDIN, 1977). The interest shown in the topic reveals a large space for environmental education work. From the interpretation of the data, we will be able to build awareness and integration actions with residents. The built up contacts may contribute to strengthening social participation in the management of the conservation unit and indicate possibilities for collaboration for local sustainability.

Key words: *fauna reintroduction; communities surrounding the PNT; slums.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa com os quatro setores do Parque Nacional da Tijuca e comunidades do entorno.....	15
Figura 2: Área de estudo, incluindo o Morro da Formiga (no canto inferior direito), Borel contíguo à Chácara do Céu, Morro do Cruz e Complexo do Andaraí.....	15
Figura 3: Entrevista piloto, realizada com o responsável pela iniciativa Formiga Verde.....	24
Figura 4: Entrevista com o Orlando, responsável pelo projeto Hortas Cariocas do Morro da Formiga.....	24
Figura 5: Equipe do Projeto junto ao Pastor da Igreja Batista na Chácara do Céu.....	24
Figura 6: Porcentagem de questionários autopreenchidos e preenchidos por entrevistadores.....	39
Figura 7: Oficina de “carne” de jaca no JOCUM Borel em dia de aplicação de questionário.....	40
Figura 8: Equipe com integrantes da iniciativa Roda Viva após aplicação de questionários com o público do projeto.....	41
Figura 9: Missa que precedeu a aplicação de questionário no Morro do Andaraí.....	42
Figura 10: Quantidade de questionários aplicados por favela.....	43
Figura 11: Comparação dos números de respostas de acordo com a idade.....	44
Figura 12: Comparação dos números de respostas de acordo com o gênero.....	44
Figura 13: Respostas sobre o autorreconhecimento de cor/raça.....	45
Figura 14: Número de entrevistados por escolaridade.....	46
Figura 15: Nuvem de palavras com as ocupações/profissões declaradas pelos entrevistados.....	46
Figura 16: Comparação dos números de respostas de acordo com a religião.....	47
Figura 17: Comparação dos números de respostas de acordo com o tempo de residência na favela aplicada.....	48

Figura 18: Comparação dos números de respostas de acordo com a origem de abastecimento de água.....	48
Figura 19: Comparação do tipo de coleta feito pelos moradores na mata.....	49
Figura 20: Proximidade da moradia com a mata.....	50
Figura 21: Frequência do tipo de uso da mata pelos moradores.....	50
Figura 22: Frequência com que os moradores visitam a mata.....	51
Figura 23: Respostas voltadas ao conhecimento do PNT pelos moradores.....	51
Figura 24: Tipos de animais de estimação recorrência.....	59
Figura 25: Ocorrência de animais silvestres próximos às casas.....	59
Figura 26: Frequência de ocorrência de animais silvestres nas favelas.....	60
Figura 27: Opinião dos moradores sobre se os animais causam algum problema.....	61
Figura 28: Quais animais deveriam ser reintroduzidos de acordo com os moradores..	61
Figura 29: Quais animais não deveriam ser reintroduzidos de acordo com os moradores.....	62
Figura 30: Conhecimento dos moradores a respeito da reintrodução de animais silvestres.....	63
Figura 31: Conhecimento dos moradores a respeito da reintrodução de animais silvestres no Parque Nacional da Tijuca.....	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Levantamento de instituições de cada comunidade e seus focos de atuação.....	19
Quadro 2: Caracterização das Organizações Comunitárias.....	25
Quadro 3: Vantagens de morar nas favelas do entorno do PNT.....	28
Quadro 4: Desvantagens de morar nas favelas do entorno do PNT.....	29
Quadro 5: Biodiversidade e influência da poluição sobre a fauna do Parque Nacional da Tijuca.....	32
Quadro 6: Visões e compreensão da mata do entorno.....	33

Quadro 7: Questões relacionadas à proximidade com nascentes e suas vantagens.....	35
Quadro 8: Conhecimento sobre o Parque Nacional da Tijuca.....	37
Quadro 9: Pontos positivos de viver perto da mata.....	54
Quadro 10: Pontos positivos da mata para a cidade.....	55
Quadro 11: Pontos negativos de viver perto da mata.....	56
Quadro 12: Pontos negativos da mata para a cidade.....	57
Quadro 13: Pontos neutros de viver perto da mata.....	58
Quadro 14: Pontos neutros da mata para a cidade.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

UC - Unidade de Conservação

PNT - Parque Nacional da Tijuca

CIEE - Centro de Integração Empresa-Escola

UPP - Unidade Pacificadora da Polícia

RJ - Rio de Janeiro

IPP - Instituto Pereira Passos

ONG - Organização Não-Governamental

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SISBio - Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. OBJETIVOS.....	11
3. MATERIAL E MÉTODOS.....	12
4. RESULTADOS.....	18
5. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES.....	63
6. RECOMENDAÇÕES PARA O MANEJO.....	66
7. AGRADECIMENTOS.....	69
8. REFERÊNCIAS.....	70
9. ANEXOS.....	73

Introdução

O Parque Nacional da Tijuca (PNT) é uma unidade de conservação localizada entre as zonas norte, sul e oeste do município do Rio de Janeiro, cujo entorno apresenta mais de cento e vinte assentamentos informais. O PNT tem cerca de 4.000 ha e é a área protegida mais visitada do Brasil, com cerca de 3 milhões de visitantes anualmente. Por ser uma ilha de Mata Atlântica envolta por uma densa malha urbana, é comum avistar espécimes da fauna silvestre compartilhando espaços comuns aos moradores da área urbana do seu entorno, coexistindo em parques, praças urbanas e áreas residenciais na cidade do Rio de Janeiro (FIGUEIREDO, 2019). Apesar de haver registros de circulação de várias espécies pela cidade, pouco se sabe sobre esse compartilhamento do espaço urbano com a fauna e sobre como as pessoas que vivem no entorno da unidade de conservação, área delimitada pelo poder público que tem por objetivo a conservação dos recursos naturais e da biodiversidade, percebem a área protegida.

O Parque Nacional da Tijuca localiza-se sobre uma área que foi intensamente explorada desde o período colonial para retirada de madeira, produção de carvão, lavoura de café, entre outros usos. A partir do reconhecimento dos impactos desse uso intensivo, especialmente sobre o abastecimento de água da cidade, a administração do Império adotou uma série de medidas conservacionistas para proteger as nascentes ali existentes e restaurar a vegetação (ICMBIO, 2008). O histórico de grande desmatamento aliado à caça e ao adensamento urbano acarretou no grave empobrecimento da fauna (FERNANDEZ ET AL., 2017).

Diante desse cenário, surge o Refauna, programa que tem por objetivo a refaunação¹ da Mata Atlântica, por meio de múltiplas reintroduções de vertebrados, visando a restauração de interações ecológicas perdidas com a extinção de espécies, as quais são importantíssimas para a manutenção do ecossistema local. Porém, um dos fatores de fracasso de reintroduções de fauna é a má aceitação de comunidades humanas que vivem no entorno de áreas que recebem os indivíduos reintroduzidos (FERNANDEZ ET AL., 2017). Por isso, buscando aumentar o sucesso das reintroduções

¹ A refaunação tem como objetivo restaurar ambientes defaunados, reintroduzindo a fauna localmente ou funcionalmente extinta, para restabelecer importantes processos ecológicos, como os relacionados à dispersão de sementes. As reintroduções são feitas seguindo protocolos internacionais (IUCN, 2014) e as espécies são escolhidas de acordo com critérios como sua função ecológica, causas da extinção remediadas, ambiente adequado para suportar uma população viável, plantel disponível para translocação e aceitação social (FERNANDEZ ET AL., 2017).

de fauna, é fundamental avaliar como as comunidades do entorno percebem o Parque e as espécies-alvo de reintroduções para planejar estratégias direcionadas de comunicação e sensibilização e focar na reintrodução de espécies com maiores chances de sucesso.

Para investigar melhor a complexidade do encontro da alta densidade urbana com as áreas protegidas, elaboramos este projeto de iniciação científica, que buscou, justamente, a compreensão sobre a relação entre os moradores das comunidades do entorno do PNT com o próprio, tendo um foco mais específico na relação com a fauna do Parque. Porém, no que diz respeito à interferência humana, o processo de gestão socioambiental deve superar o mito moderno da natureza intocada (DIEGUES, 1996) e em seu primeiro momento buscar identificar e compreender as relações históricas de convivência que as comunidades de favelas estabelecem com a floresta. Portanto, o desafio de preservação das áreas naturais protegidas, em especial do Parque Nacional da Tijuca, levanta inúmeros problemas de caráter político, social e econômico e não se reduz a uma simples questão de proteção da biodiversidade.

As chamadas favelas costumam ser definidas por uma visão colonizada que projeta o ideal de cidade nas cidades europeias. Assim, muitas vezes a falta de planejamento, de investimentos, de inserção no mercado financeiro, e outras, são usadas para definir os territórios inventados autonomamente pela população trabalhadora marginalizada. Valladares (2000) ressalta que a invenção das favelas foi um processo histórico carregado de representações que permanecem ao longo dos anos, definidas hoje como “aglomerados subnormais” pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O mito da marginalidade (PERLMAN, 1977), reproduzido desde os primórdios do Brasil até os dias de hoje, estigmatiza a população pobre, em sua maioria negra, tornando as favelas, aos olhos do restante da cidade, celeiros de marginais. Em contraposição, elas são comunidades habitadas por trabalhadores batalhadores, fundamentais para a economia da cidade, unidos por ligações de afeto, organizações sociais potentes e redes de solidariedade.

Como todo conceito, a favela tem um histórico por trás de seu surgimento, não sendo diferente com o processo de favelização. No Rio de Janeiro, houve períodos de grande inchaço demográfico, como na gestão do prefeito Pereira Passos, momento de auge econômico relacionado à produção de café, também havendo grande recepção de pessoas escravizadas. Com a chamada “abolição da escravatura” em 1888, grande parte desses trabalhadores foram expulsos das propriedades onde viviam, porém sem nenhuma

projeção de vida e moradia, o que os obrigou a buscar abrigo em habitações precárias, dando origem aos cortiços. A situação foi ampliada pela tentativa de transformação do Rio de Janeiro em uma “Paris” pelo prefeito, que buscou fazer uma reforma, porém sem o planejamento urbano necessário (SILVA, 2018). A história revela a constante marginalização de pessoas pobres diante da crescente especulação imobiliária, dando origem ao crescimento e surgimento de novas favelas.

Diante desse contexto, temos a construção de uma visão estigmatizada das favelas e de seus moradores não só como um local que foge às regras, vive na ilegalidade, como também um ambiente insalubre e repulsivo, quando se tem normas de ocupação como referência (FREIRE, 2008). Porém, basta iniciar uma conversa com um morador para compreender que muito dessa ideia construída é errônea. Apesar de serem locais com baixa infraestrutura e assistência do poder público, as favelas detêm diversos pontos positivos em sua existência, desde a construção de sentimentos de orgulho e união entre os moradores, criando-se um engajamento popular nas questões locais, até a inigualável cultura de cada favela, essa muitas vezes passada de geração a geração como uma sabedoria popular. Por essa visão estigmatizada, as oportunidades, já reduzidas para os moradores de favelas, tornam-se ainda mais escassas, dificultando seu desenvolvimento econômico, além de dificultar, também, a chegada de serviços a esses territórios.

Por tudo isso, outra manifestação estigmatizada sobre as favelas e seus moradores é a de “pobres coitados”, deixando de os reconhecer como adultos capazes. Essa perspectiva paternalista produz políticas assistencialistas, muitas vezes descontextualizadas da cultura local e pouco efetivas (PERLMAN, 1977). Deste modo, faz-se necessária uma compreensão sobre as favelas que fuja do senso comum de modo a buscar um diálogo igualitário e um desenvolvimento efetivo de alternativas socioeconômicas, urbanísticas e ambientais.

Como primeiro passo para uma atuação nos territórios favelados do entorno do Parque Nacional da Tijuca, optamos por uma abordagem teórico-metodológica que nos possibilitasse a escuta. Para nos distanciarmos das perspectivas anteriores, era importante compreender a percepção dos moradores sobre o território, as relações que constroem com o ambiente florestal vizinho e levar em consideração aspectos ambientais valorizados ou problematizados no funcionamento da vida da comunidade. A noção de percepção ambiental agrega elementos de diversas áreas do conhecimento para entender os elementos e processos que compõem a concepção e os comportamentos humanos sobre

o ambiente em que vive. Como explica Ferreira (2004), ainda que “percepções sejam, no limite, subjetivas para cada indivíduo, as representações coletivas de lugar e de território, criadas por cada grupo, revelam o modo como se vive e se planeja o espaço, numa relação dialética entre espaço do político, o território, e o pensamento sobre este espaço.” Dessa forma, para atuar em integração com os moradores do entorno e promover ações conservacionistas efetivas e respeitosas, é imprescindível um diagnóstico local abrangendo a percepção de nossos interlocutores.

Para dar início a essa pesquisa, fizemos uma busca bibliográfica e de dados secundários sobre favelas do entorno do Parque Nacional da Tijuca, percepção sobre o Parque e possíveis conflitos, que será detalhada na metodologia. Cientes de uma diversidade de atores residentes nas favelas da região do estudo, começamos com um levantamento de iniciativas comunitárias, bem como de instituições presentes nestes territórios. Dessa forma, iniciamos contato com representantes institucionais e lideranças comunitárias dos Morros do Cruz, Andaraí, Borel, Formiga, Borda do Mato e Chácara do Céu, os quais nos receberam e, com algumas ressalvas, concordaram em participar. Grande parte das ressalvas existentes foram relacionadas à forma como pesquisas anteriores os abordaram, buscando apenas coletar informações e não procurando levar uma devolutiva, nem algo em troca pela participação dos moradores em sua maioria, de acordo com relatos deles. A partir disso, buscamos entender o que poderíamos fazer para que não se sentissem “usados” com a pesquisa e combinamos de levar essa devolutiva, além de pensar formas de ações em troca, como a oficina de jaca que oferecemos em um dos encontros. Diante disso, os entrevistamos e, a partir deles, pudemos contatar os moradores pessoalmente.

Com as entrevistas, pudemos conhecer melhor as organizações presentes nas comunidades e a atuação delas nas favelas, buscando identificar os objetivos e se havia qualquer diálogo com questões ambientais. A partir delas, fomos capazes de alcançar outras instituições e juntar informações relevantes para a pesquisa desde a relação entre eles e a mata, até com o Parque Nacional no geral, e de identificar vantagens, desvantagens, interações com a fauna e com outros elementos da floresta próxima, como as nascentes.

A partir dessas informações por eles apresentadas, utilizamos a metodologia “Análise de Conteúdo” (BARDIN, 1977), com a qual foi possível categorizar as informações e interpretá-las de forma mais eficiente e organizada, permitindo, assim, uma

análise mais cuidadosa sobre a relação das lideranças e a fauna local que, por vezes, compartilha o mesmo espaço físico com eles. No caso dos questionários, não aplicamos tal metodologia por serem informações mais objetivas, o que nos permitiu uma análise mais quantitativa. As enumerações foram classificadas em positivas, negativas ou neutras e listadas por origem do entrevistado. As discursivas foram discutidas ao longo do texto. Com a organização e estudo dessas respostas, pudemos perceber que a relação entre as favelas e a mata do redor varia entre bastante íntima até bem distante, com relatos interessantes sobre vantagens e desvantagens de se morar perto da floresta; suas relações com esta; utilização e abastecimento de água; interações com a fauna; e percepções sobre o Parque. Relatos do dia a dia revelaram, por exemplo, que em algumas comunidades a interação humano-fauna é cotidiana, principalmente com micos-estrela, pois é o mais comumente alimentado pelos moradores. Também observamos que é bastante comum o aparecimento de cobras, aumentando a frequência com o acúmulo de lixo e chuvas fortes. A partir do estudo dessas informações, poderemos apresentar uma devolutiva mais lúcida às comunidades, além de construir ações conjuntamente a elas com o objetivo de aumentar o sucesso das iniciativas de reintrodução de fauna na mata de seu convívio.

Objetivos

O estudo aqui proposto visa a diagnosticar a percepção dos grupos sociais residentes no entorno do Parque Nacional da Tijuca sobre sua fauna silvestre com ocorrência atual ou pretérita e identificar instituições e iniciativas presentes em tais comunidades a fim de subsidiar futuras estratégias de sensibilização e educação ambiental, aumentando as chances de estabelecimento de indivíduos translocados pelo Refauna, com os riscos percebidos possivelmente mitigados.

O projeto tem como objetivos específicos:

- Reconhecer atores sociais, instituições e iniciativas socioambientais a serem incluídos na gestão participativa do Parque Nacional da Tijuca;
- Conhecer a visão dos diferentes atores sociais presentes no entorno da UC sobre a fauna reintroduzida a fim de reduzir riscos às iniciativas de reintrodução de fauna;
- Identificar as espécies da fauna nativa que têm maior potencial de interações negativas com as pessoas com base na percepção delas e orientar futuras reintroduções;

- Propor estratégias para aproximar visões e aliar interesses sociais e ambientais.

Material e Métodos

Para atingir os objetivos desta pesquisa reuniu-se uma equipe colaborativa composta por aluna, orientadores, funcionárias a serviço do Parque Nacional da Tijuca/ICMBio² e voluntários³. Em uma formação inicial de 8 horas, a equipe foi apresentada ao projeto e teve acesso a informações básicas, discutiu as temáticas a serem abordadas e organizou o método de trabalho. Neste momento, foi feita uma busca bibliográfica sobre favelas do entorno do Parque Nacional da Tijuca, percepção sobre o Parque e possíveis conflitos para que pudessemos iniciar o planejamento da abordagem da pesquisa. Por existirem fatores limitantes como a quantidade de voluntários e funcionários envolvidos, a quantidade de favelas no entorno do Parque, o tempo necessário para coleta e para a análise de informações, foi necessária a seleção de algumas comunidades para dar início à pesquisa.

Sendo assim, esta pesquisa teve como primeira etapa o levantamento bibliográfico de informações sobre o surgimento e a atualidade das comunidades-foco, que inicialmente foram Borel, Andaraí, Nova Divinéia e Borda do Mato, a qual ocorreu no período de agosto/2022 a novembro/2022. Levou-se em consideração, para a escolha do foco das primeiras explorações, a proximidade com as principais áreas de reintrodução de fauna e as condições de segurança da equipe. Porém, dificuldades foram encontradas na busca de informações sobre as duas últimas, o que nos levou a priorizar as três primeiras. A Chácara do Céu foi posteriormente adicionada à área de estudo por se encontrar entre o Borel e o Andaraí e por ser muito fortemente ligada à primeira. Ao buscar contatos na favela do Borel, fomos levados a contatar instituições na Chácara do Céu. O Morro da Formiga também não estava incluído nos nossos focos iniciais, mas a pesquisa teve a contribuição de um voluntário morador desta comunidade, de modo que decidimos ampliar nossa área de estudo para lá também. A partir do contato com as

² Gleiciane Maria de Oliveira secretariou o projeto e atuou em todas as etapas; Sherlyê Francisco de Carvalho elaborou os mapas e gerenciou os dispositivos e banco de respostas do levantamento de organizações e questionários. Também tivemos apoio dos motoristas e a participação de guias florestais.

³ Sessily Coutinho Piovesan Camargo e João Victor Rodrigues Mendes atuaram no levantamento bibliográfico, Renan Oliveira dos Santos atuou ainda no levantamento de organizações e elaboração de roteiro e questionário, Larissa Lanzellotti de Araujo Costa atuou ainda na aplicação de questionários, Krishna Atma Machado de Almeida e Celso Simões Bredariol atuaram ainda na análise de dados (além das etapas anteriores).

lideranças do Andaraí, ainda pudemos expandir nossa pesquisa ao Morro do Cruz, e, finalmente, Borda do Mato, favelas vizinhas. O aumento do número de favelas incluídas considerou uma mudança metodológica. Não seria possível mapear a maioria das organizações de todas essas comunidades no tempo de que dispúnhamos, mas ao ampliar a área de estudo pudemos aproveitar indicações de contatos que obtivemos no início do levantamento e ganhar tempo para expandir nossa rede de conhecimentos em cada favela. A seguir caracterizaremos brevemente cada uma delas.

A favela da Formiga é limítrofe ao Parque Nacional da Tijuca, mais precisamente com o setor Serra da Carioca, setor B. A partir de um loteamento realizado nas encostas entre 1940 e 1960, houve uma intensa ocupação da Formiga por migrantes, majoritariamente, de Espírito Santo e Minas Gerais, que buscavam uma melhor qualidade de vida. Assim, expandiram a comunidade desde a bacia do rio Cascata, afluente do rio Maracanã, até a encosta do morro Sumaré. (WIKIFAVELAS, 2020). Enquanto o censo de 2010 relatou 4.312 moradores vivendo na favela, membros da comunidade dizem que a população chega a quase 6.000 (LEPERCQ, MCALLISTER, 2015).

No que diz respeito ao Borel, 1921 é o ano do início de sua ocupação, que teve origem na demolição do Morro do Castelo, no Centro do Rio de Janeiro. A população que ali residia passou a buscar outros locais na cidade para moradia, a qual foi a primeira a formar uma organização de moradores, a chamada União de Trabalhadores Favelados (UTF), no ano de 1954. Esta passou a ser referência e influenciou as demais favelas da cidade do Rio de Janeiro (WIKIFAVELAS, 2021). De acordo com o Censo 2010, a favela conta com 7.547 moradores. Apesar disso, há desconfiança de que o número verdadeiro de residentes seja bem maior, isso porque há uma grande rotatividade de moradores, fazendo com que apenas cerca de 1/3 seja registrado. Em 2018, a área total ocupada por construções superava os 300 mil metros quadrados - 335.267 m² exatamente (IPP, 2021). Localiza-se no entorno do setor Floresta da Tijuca, no setor A do Parque.

Também pudemos desenvolver parte de nossa pesquisa na Chácara do Céu, favela também pertencente ao Complexo do Borel, com aproximadamente 2.000 habitantes. Desde 2010, o local conta com a presença da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) que atende o Complexo do Borel, além de uma antiga capela que foi reformulada em um ambiente propício para atividades comunitárias, uma creche Santa Mônica - organizada pela Secretaria Municipal de Educação juntamente à ONG Ação comunitária - e a sede da Associação Projeto Roda Viva, projeto este que nos recebeu para auxiliar na pesquisa.

Há alguns mitos sobre o surgimento desta comunidade, porém sabe-se que uma ocupação evidente foi percebida nos anos 1970, quando fundações sem fins lucrativos e igrejas católicas surgiram com maior afinco (FRANCISCO, 2020).

Já o Complexo do Andaraí, dividido entre os Morros do Andaraí, do Cruz - dois nos quais pudemos coletar dados - da Arrelia, Nova Divinéia, Jamelão, Parque João Paulo II e Borda do Mato, tem aproximadamente 40 mil moradores (IBGE, 2010) e cerca de 226,13 ha (IPP, 2021). Fica na vertente contígua ao Borel, no bairro do Andaraí, que é delimitado pelos bairros da Tijuca, Vila Isabel e Grajaú. O bairro sofre com o estigma de ser um bairro pobre, onde sempre se mostravam as discrepâncias entre os bairros vizinhos. Isso gerou e gera em parte dos moradores um constrangimento sobre a história do bairro (SANTOS; LEITE; FRANCA, 2003). É o único local estudado em que observamos fronteiras mais fluidas entre asfalto e favela.

Durante a primeira etapa do projeto, a de levantamento bibliográfico das favelas-foco, foi bastante útil para a pesquisa uma visualização geográfica das comunidades, que nos permitiu entender a localização destas de acordo com os setores do Parque Nacional da Tijuca (figuras 1 e 2).

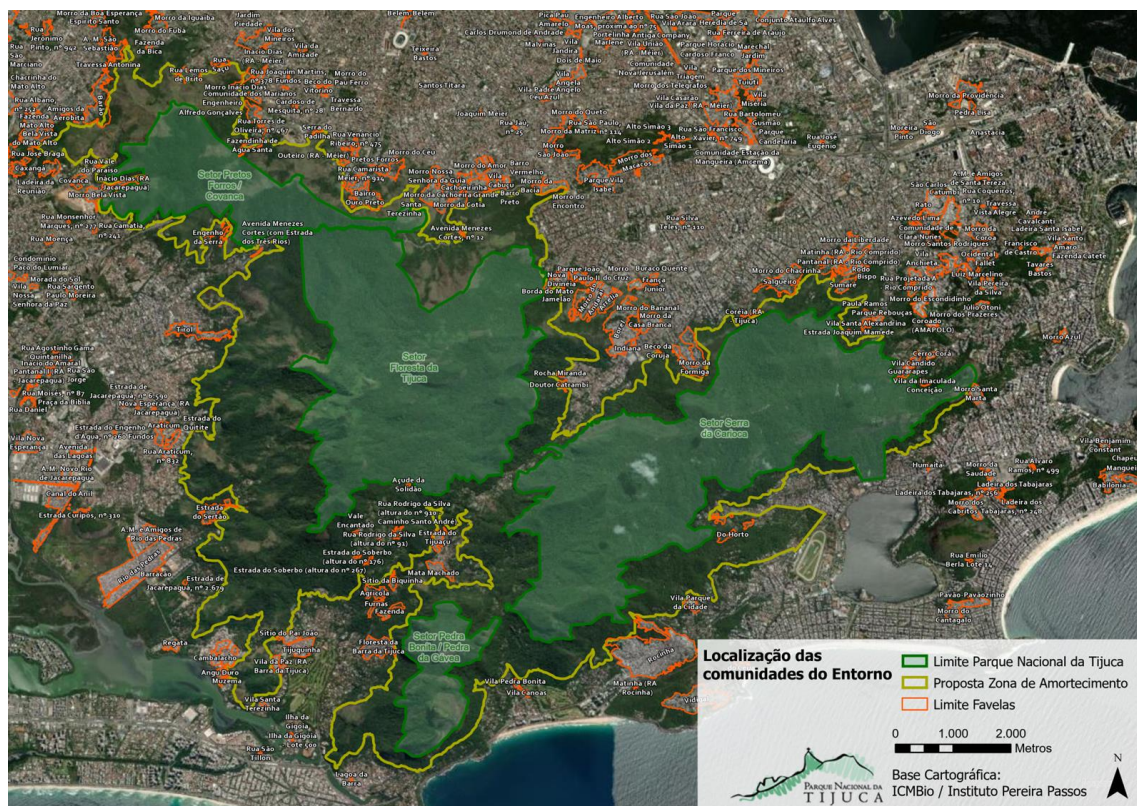


Figura 1: Mapa com os quatro setores do Parque Nacional da Tijuca e comunidades do entorno.

Elaborado por Sherlyê Francisco de Carvalho.

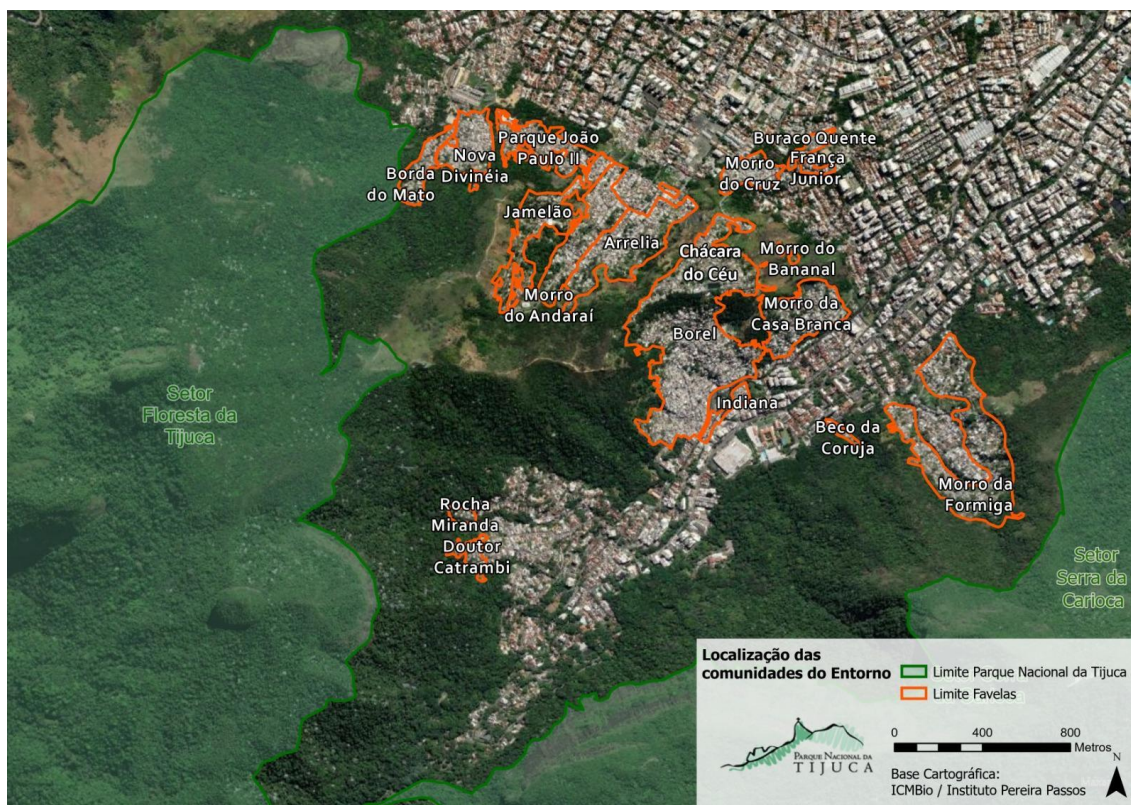


Figura 2: Área de estudo, incluindo o Morro da Formiga (no canto inferior direito), Borel contíguo à Chácara do Céu, Morro do Cruz e Complexo do Andaraí. Elaborado por Sherlyê Francisco de Carvalho.

Após a análise de dados secundários, fizemos o levantamento prévio de instituições e iniciativas presentes nas comunidades por meio de pesquisa na internet e contato com lideranças e instituições já identificadas. Utilizando a metodologia da bola de neve, na qual os contatos foram indicando pessoas que indicavam outras e assim por diante (quadro 1), amplificamos o levantamento. A partir das instituições e iniciativas locais identificadas, passamos ao agendamento de entrevistas com as lideranças destas. Foi utilizado um roteiro elaborado conjuntamente entre os orientadores, a orientanda e os voluntários com o objetivo de: compreender a história da instituição, seus objetivos, os trabalhos desenvolvidos e a relação com a conservação ambiental; destrinchar os pontos positivos e negativos de morar na favela do entrevistado, as questões ambientais existentes, o abastecimento de água e fatos importantes sobre a favela; o engajamento da comunidade sobre ações comunitárias; outras instituições atuantes; como se dá a comunicação entre eles; e a relação deles com o Parque, qual acreditam serem as funções dele e como enxergam a relação dos moradores em geral com o PNT.

Entre outubro/2022 e dezembro/2022 foram agendadas, a partir de contatos pelo aplicativo *Whatsapp* e por ligações telefônicas, entrevistas semi-estruturadas com representantes institucionais e lideranças comunitárias, algumas presenciais e outras

remotas, de acordo com a disponibilidade dos entrevistadores e entrevistados. O roteiro utilizado está disponível em anexo a este relatório (Anexo 1). Inicialmente, solicitamos às lideranças que gravássemos as entrevistas para que fosse melhor aproveitado posteriormente, já que, para analisar, a entrevista na íntegra seria o ideal. Com essas gravações, foi possível realizar a transcrição inteira delas, o que nos possibilitou uma análise mais cuidadosa e com mais detalhes posteriormente. Eventualmente, problemas com a gravação dificultaram o resgate de toda a extensão de alguma entrevista, mas isso não chegou a impactar o conteúdo como um todo. A partir da transcrição, demos continuidade com a metodologia “Análise de Conteúdo”, que se deu pela leitura repetitiva das entrevistas, seguida de escolha de categorias para serem trabalhadas com base nos assuntos identificados nas falas.

A primeira entrevista foi feita em equipe, como continuação da formação dos entrevistadores, para que todos tivessem a experiência e tirassem dúvidas sobre o método antes de aplicá-lo. As entrevistas foram gravadas, transcritas integralmente e, então, analisadas utilizando a metodologia “Análise de Conteúdo”, um conjunto de técnicas de análise textual que objetiva descrever de forma sistemática o conteúdo de mensagens, utilizando indicadores (quantitativos ou não) para inferir conhecimentos relativos às suas condições de produção e recepção (BARDIN, 1977). Essa metodologia nos permitiu esboçar um primeiro apanhado das diferentes visões dos líderes entrevistados em relação ao Parque Nacional, compreender melhor a organização comunitária, identificar iniciativas mobilizadoras em cada favela, e planejar em conjunto com eles a aplicação dos questionários .

A aplicação dos questionários nas respectivas favelas, na terceira etapa (novembro/2022 a fevereiro/2023), foi feita de acordo com sugestões dos próprios líderes, como a oferta de uma oficina, participações em reuniões das instituições e aplicação em um evento local. O levantamento foi feito por meio de questionários presenciais com diferentes grupos sociais do entorno da UC sobre suas percepções a respeito da fauna nativa e do Parque, com foco nas espécies reintroduzidas. Houve o apoio de um grupo de voluntários que auxiliou na aplicação dos questionários, potencializando as idas a campo, já que mais questionários puderam ser aplicados. A partir da primeira aplicação realizada, optamos por adaptar parte dos questionários de maneira a serem auto-preenchidos para otimizar nossas coletas, já que eram muitos moradores para poucos voluntários nas

ocasiões de coleta de dados. Os questionários autopreenchidos foram posteriormente incluídos no banco de dados pelas voluntárias.

Os dados foram levantados com o aplicativo *ArcGIS Survey123* e organizados a partir do *Excel*. Já que os questionários foram aplicados em contextos específicos, não sendo capazes de representar a população como um todo dessas comunidades, a análise quantitativa foi realizada com a finalidade de caracterizar os grupos entrevistados. Para a análise das respostas textuais a perguntas abertas do questionário, não utilizamos a metodologia Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) como nas entrevistas por serem respostas muito diretas. Dessa forma, achamos melhor colocá-las em planilhas mais simples e imprimir as interpretações na discussão. Essas respostas nos permitiram elucidar a visão dos moradores sobre as questões abordadas, desde assuntos relacionados ao Parque e sua fauna, sobre a qual tivemos contato com as mais diferentes histórias de interação, até opiniões sobre vantagens e desvantagens de se viver tão próximo à floresta.

Finalizada esta etapa de análise e redigido o relatório científico final, apresentaremos os resultados não só em eventos científicos, como no XIV Seminário de Pesquisa do ICMBio, mas também para as comunidades do entorno envolvidas na pesquisa, em etapa de devolutiva a ser agendada. Por fim, cabe informar que foi concedida a Autorização SISBio nº 83331-1 para realização de atividades com finalidade científica para o desenvolvimento desse projeto.

Resultados

Em um primeiro momento, no levantamento inicial de informações das instituições e iniciativas não formalizadas presentes nas favelas estudadas, obtivemos bastante informação sobre as comunidades Borel, Andaraí e Formiga, diferentemente das outras que eram o objetivo da pesquisa - Nova Divinéia e Borda do Mato. Isso pode significar pouco estudo sobre as relações e a história dessas comunidades, talvez por não serem tão abordadas pela mídia. Dessa maneira, optamos por focar nestas três, inclusive em algumas outras comunidades próximas, também pertencentes aos complexos do Borel e do Andaraí - Chácara do Céu e Morro do Cruz, respectivamente, nas quais tivemos oportunidade de inserção. Não houve tempo suficiente para um mapeamento extensivo do ambiente organizacional de todas as comunidades. O aprofundamento desse trabalho pode vir a ser realizado em uma próxima oportunidade. Nesta etapa, foi gerada uma

listagem sistematizada, apresentada abaixo e [aqui](#), na qual as informações de contato dos representantes foram suprimidas com vistas a garantir o sigilo sobre os dados pessoais dos mesmos.

Quadro 1: Levantamento de instituições de cada comunidade e seus focos de atuação.

NOME DA COMUNIDADE	INSTITUIÇÃO OU COLETIVO?	NOME DA INSTITUIÇÃO/ COLETIVO	GOVERNAMENTAL OU NÃO GOVERNAMENTAL?	SE GOVERNAMENTAL, DE QUE ESFERA?	SE NÃO GOVERNAMENTAL, INTERNA OU EXTERNA?	DE QUE TIPO?	SE FOR MAIS DE UM TIPO OU OUTRO, ESCREVER QUAL/QUAIS.	SITE	NÚMERO DE INTEGRANTES	QUAL O ANO DE INÍCIO?	QUAL O PÚBLICO ALVO	QUAIS OS OBJETIVOS?	QUE PROJETOS OU ATIVIDADES SÃO DESENVOLVIDAS?
BOREL	COLETIVO	Brota na Laje / IBASE	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	0	POLÍTICA	EDUCAÇÃO	https://www.instagram.com/brotanajala/	8	2018	JUVENTUDE	Articular a juventude, promover o acesso a universidade	podrótando, pré-vestibular comunitário, rolêzinhos
FORMIGA	COLETIVO	Formiga Verde	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	0	AMBIENTAL	EDUCAÇÃO	https://www.instagram.com/formigaverde/			CRIANÇAS		
BOREL	INSTITUIÇÃO	Associação de moradores e amigos do Borel	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	INTERNA	ASSISTÊNCIA	ESPORTE	https://www.facebook.com/Borel-Bores-2020344293899913	5	2015	TOCOS	Levar informações e atender as necessidades da comunidade	Basquete, Zumba e Ginástica
FORMIGA	INSTITUIÇÃO	Associação de moradores Formiga	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	0	ASSISTÊNCIA	ESPORTE	https://www.facebook.com/ammbri/	3		TOCOS	monitorar as demandas da comunidade	organização das entregas do corral, futebol, xadrez de quadra para eventos, monitoramento das políticas públicas governamentais
FORMIGA	INSTITUIÇÃO	Folia de Itês	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	0	CULTURA		https://www.instagram.com/foia_mirim/	61		JUVENTUDE	Apresentar outros caminhos e alternativas de vida para a juventude da comunidade	Trabalhos ambientais, mutirões de limpeza; plantio em terrenos baldios; montagem e manutenção de instrumentos musicais; percussão; cantoria; apresentação da história da Instituição e de saberes históricos
FORMIGA	INSTITUIÇÃO	ONG Novo Horizonte	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	0	EDUCAÇÃO	ESPORTE	https://www.facebook.com/ningovohorizonte/			CRIANÇAS		
BOREL	INSTITUIÇÃO	Jacum	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	0	RELIGIOSA	CULTURA	https://www.facebook.com/jacumborel/			JUVENTUDE		
FORMIGA	INSTITUIÇÃO	Hortas Carlosas	GOVERNAMENTAL	MUNICIPAL	GOVERNAMENTAL	AMBIENTAL	ASSISTÊNCIA	https://www.instagram.com/hortas.carlosas/	5		TOCOS	Compostagem e doação de vegetais da horta aos moradores	Doação de vegetais da horta
FORMIGA	COLETIVO	Meninos e Meninas que sorriem	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	0	ESPORTE		https://www.instagram.com/meninosquememinasqueSorriem/	55	2017	JUVENTUDE	dar oportunidade de treinamento para atletas da comunidade	futebol, entrega de cestas básicas, crossfit
BOREL	COLETIVO	Borearte	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	0	CULTURA		https://www.instagram.com/inletico_borearte/			JUVENTUDE		
FORMIGA	COLETIVO	Guardões do Rio Cascata	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	0	AMBIENTAL	PESQUISA	https://www.instagram.com/guardoesdoriorcascata/	3	2022	JUVENTUDE	preservar e recuperar o rio cascata	pesquisa, reflorestamento, reciclagem, educação ambiental
BOREL	INSTITUIÇÃO	Roda Viva	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	INTERNA	EDUCAÇÃO	CULTURA	Site em manutenção. Instagram: Projeto Roda Viva Facebook: Centro Cultural Roda Viva	145	1989	CRIANÇAS, JOVENS E ADULTOS	Educação Integral	Aula de introdução musical, violino, artes plásticas, dança contemporânea, dança clássica, reforço escolar, futebol, exercício físico, aulas de tecnologia, informática, robótica, cursos profissionalizantes (pedreiro, moda e beleza) e alfabetização de adultos (manhã e tarde).
ANDARAÍ	COLETIVO	Favela Viva	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	0	EDUCAÇÃO	AMBIENTAL	https://www.instagram.com/projetofavelaviva/			JUVENTUDE		
BOREL	INSTITUIÇÃO	Associação de moradores checker do céu	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	0	ASSISTÊNCIA					TOCOS		
ANDARAÍ	INSTITUIÇÃO	Projeto Integração e Centro Comunitário Nova Divinela	0	0	0	EDUCAÇÃO	SAÚDE E ASSISTÊNCIA	http://www.eserdetodaselvaca.org.br/projeto-nova-divinela	0	0	CRIANÇAS, JUVENTUDE E RESPONSÁVEIS (toda a unidade familiar)	0	0
0	INSTITUIÇÃO	Refloresta Rio	GOVERNAMENTAL	MUNICIPAL	GOVERNAMENTAL	AMBIENTAL	EDUCAÇÃO AMBIENTAL	https://www.instagram.com/refloresta.rio	507	2019	TOCOS	Promover o reflorestamento; proteger, desenvolver e acelerar a regeneração das florestas; deter a ocupação irregular das Áreas de Interesse Ambiental do município; incentivar a educação ambiental	Mobilização; manejo de espécies invasoras e dominantes; prevenção e combate a processos erosivos; prevenção de incêndios; controle de formigas cortadeiras; seleção de espécies e plantio; manutenção; educação ambiental e monitoramento

0	INSTITUIÇÃO	Projeto Casa Imã Felicidade	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	EXTERNA	RELIGIOSA	CULTURA, ESPORTE, EDUCAÇÃO, MEIO AMBIENTE E PROFISSIONALIZAÇÃO	http://www.congregacaoantosanjos.com.br/le-congregacao/casa-irma-felicidade/	70	2005	CRIANÇAS E JOVENS	A iniciativa atende crianças e adolescentes, de 7 a 14 anos, das comunidades de Formiga, Borel e Casa Branca, com oficinas de complementação escolar, Informática, capela e educação artística.		
BOREL	INSTITUIÇÃO	Centro de Orientação e Assistência Social Herri Wellon (COASHW)	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	EXTERNA	SAÚDE	EDUCAÇÃO			1995	CRIANÇAS	Recebe crianças carentes da comunidade do São Carlos, Turano Rebouças, Borel e adjacências. Voltada para alunos de escolas municipais com idade de 04 a 15 anos, com dificuldade na aprendizagem (TDA) e/ou transtornos de conduta.	Realizam atendimentos de Fonoaudiologia, Psicologia, Psicomotricidade, Apoio Pedagógico, Orientação Familiar.	
0	INSTITUIÇÃO	INSTITUTO TEAR	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	EXTERNA	OUTRO	CULTURA, EDUCAÇÃO E LITERATURA							
0	COLETIVO	Rede de Favelas de Tijuca	NÃO GOVERNAMENTAL											
ANDARAÍ	COLETIVO	Pelas Ruas do Andaraí (Filhos de Joana)	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	EXTERNA	EDUCAÇÃO	Político (sem apelo partidário), Ambiental e Cultural	Instagram: pelasmais_do_andarae Facebook: https://www.facebook.com/FilhosdeJoana	10	2019	TODOS	O principal objetivo é o de levantar a história e cultura do bairro, fortalecendo a identidade dos moradores e transformando a realidade local.	Atividades literárias (mediadores são os próprios integrantes: professores, escritores e historiadores); Atividades culturais de exposição fotográfica, eventos e comemorações de prestígio de história e cultura do bairro (programação contém rodas de samba, atividades infantis, tour pelos principais pontos turísticos do bairro e demais formas de homenagem dos moradores ao Andaraí).	
BOREL	COLETIVO	Bota Care Coletivo	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	EXTERNA	EDUCAÇÃO	ASSISTENCIAL E CULTURAL	https://www.instagram.com/botacarecoletivo/	3	2020	JUVENTUDE E CRIANÇAS	Conseguir dar assistência às 50 famílias que estão no planejamento deles, dando suporte social, educacional e cultural	Reforço escolar para crianças, Eventos abertos de apoio à cultura dentro da comunidade e assistência social para as famílias assistidas	
BOREL	INSTITUIÇÃO	Fundação São Joaquim	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	EXTERNA	ASSISTÊNCIA	EDUCAÇÃO	site: www.fundacaosaojoaquim.org.br/ Instagram: @fundacao_sao_joaquim / Facebook: fundacao_sao_joaquim	16	1994		Crianças e adolescentes (6 a 15 anos) e a partir de 16 anos para os cursos profissionalizantes em parceria com SENAC e SENAI	Atendimento educacional de crianças e adolescentes no contramão escolar de forma segura e protegida - atendimento grupal e individual. Além de fortalecer as famílias através de cursos profissionalizantes.	Projeto Ampliando Saber. Aulas de Informática, literatura, grafite, esporte, artes e reforço escolar. Atividades lúdicas planejadas semanalmente e conduzidas por professores e educadores
BOREL	INSTITUIÇÃO	Beata Peniel	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	INTERNA	RELIGIOSA								
BOREL	INSTITUIÇÃO	Ibase	NÃO GOVERNAMENTAL	NÃO GOVERNAMENTAL	INTERNA	ASSISTÊNCIA		https://ibase.br	7	2022	TODOS	Intervenções em direitos sociais, entender o que falta no Borel	Formulários aplicados na população "percebida" para diagnóstico, capacitação dos moradores com vários temas, debates sobre esses temas (juventude, violência, violência contra a mulher, idosos, etc)	

No segundo momento da pesquisa, nos esforçamos para agendar entrevistas com os líderes comunitários, mas, em muitas das vezes, não tínhamos resposta destes, ora pelas tarefas do dia-a-dia, ora pelas dificuldades encontradas durante o período de entrevistas (Copa do Mundo, eleições, festividades, etc). Inclusive, observamos que esses eventos são bastante importantes no engajamento da comunidade e da união que as lideranças promoviam com ações e eventos. Para além disso, o receio de ser somente mais um projeto que surge na comunidade prometendo resultados e, na verdade, só usufrui das informações e não gera retorno foi relatado em algumas conversas e pode ter sido mais um fator de dificuldade. Pudemos perceber, com isso, que há muitos projetos e ações que basicamente coletam informações e não oferecem nada em troca, nem mesmo uma devolução de resultados para a comunidade. A clara explicitação dos objetivos da pesquisa, do uso dos dados e o compromisso de uma devolutiva dos resultados permitiu contornar a resistência inicial. A ampliação da área de estudo decorreu, em grande parte, dessa necessidade de ampliar as tentativas de contato até conseguir agendar entrevistas.

Apesar destas dificuldades, alguns líderes foram bastante solícitos e convidativos e conseguimos realizar oito entrevistas com representantes das instituições/iniciativas: duas do Morro do Borel, três do Morro da Formiga, uma do Morro do Andaraí e duas da Chácara do Céu. No que diz respeito às entrevistas com lideranças do Morro do Borel, tivemos uma feita presencialmente e uma online. Na entrevista presencial, feita com o representante da JOCUM Borel, percebemos uma relação de afeto com a comunidade que se fortaleceu com as vivências dele após ir morar no Borel. As falas proferidas por ele revelaram mudanças no que diz respeito às questões ambientais entrelaçadas às práticas cotidianas, principalmente na manutenção da fauna silvestre que coexiste com os moradores e das nascentes que percorrem a favela. Observamos que parte da perda da biodiversidade existente no Borel, essencialmente de peixes das nascentes, aconteceu pela má gestão de resíduos sólidos, que gerou uma poluição que muito impactou o ecossistema das nascentes.

Já na entrevista online, realizada com a representante do IBASE, houve uma boa contribuição à pesquisa, isso porque, além de exercer esse papel de pesquisadora, ela também é moradora do Borel. Sendo assim, ela também nos trouxe visões pessoais a respeito da favela em questão. A maioria delas percorreu a questão da falta de segurança, que é muito presente devido a conflitos com a UPP - a qual, teoricamente, tem o objetivo

de proteger os moradores, ou com outras facções. Além disso, a representante também abordou questões como falta de saneamento básico e risco de moradia.

Quanto às entrevistas realizadas no Morro da Formiga, duas foram presenciais e uma online. Nos dois casos subimos de carro e encontramos os representantes dos respectivos projetos na área de atuação deles. A entrevista piloto foi bastante produtiva pois, além do representante do Morro da Formiga, também tínhamos uma participante do Morro do Salgueiro que atua em parceria com a iniciativa Formiga Verde. Uma característica em comum entre as duas iniciativas, Formiga Verde e Hortas Cariocas, é a principal temática por elas trabalhada, compartilhando objetivos em comum. O principal é o fortalecimento da dieta dos moradores por meio de hortas, as quais são comunitárias e produzem legumes, verduras e frutas. Com essas iniciativas, parcerias importantes foram formadas com escolas, creches e unidades de saúde, o que permite tanto uma integração com os moradores, quanto das próprias organizações presentes na favela, melhorando a qualidade de vida dos moradores. Foram apresentados os ambientes de plantio de ambos, havendo uma diversidade expressiva de ervas medicinais, temperos, verduras, legumes e frutos.

A entrevista do Morro da Formiga realizada online foi com o representante da iniciativa Folia de Reis Mirim, essa focada em educação e cultura. Seu representante já apresentava bastante conhecimento prévio sobre o Parque Nacional da Tijuca por já ter trabalhado como funcionário do Parque e, assim, trouxe visões e termos, como Zona de Amortecimento, que não haviam aparecido em outras entrevistas. Observamos que sua relação com o Parque e as questões ambientais são bastante fortalecidas, o que o incentiva a levar isso para os alunos do projeto, participando de ações comunitárias e ambientais, por vezes juntamente ao projeto Formiga Verde. Além disso, a iniciativa desempenha papel importantíssimo na qualidade de vida dos jovens que dela participam, pois estão em integração, recebem apoio para buscar alternativas e perpetuam a cultura popular.

Quando entrevistamos o presidente da Associação de Moradores do Andaraí, observamos fortes questões sobre a falta de alternativa dos moradores no que diz respeito às projeções pessoal e profissional encontradas pelos jovens das favelas. Durante a entrevista, uma jovem moradora que participava de um projeto voltado à formação política e profissional e atua como secretária da Associação integrou a conversa. Com seus relatos, observamos como a assistência social e as oportunidades, juntamente à desigualdade social impregnada na sociedade, são poucas dentro das favelas, o que afeta

diversos setores, inclusive o ambiental. Como alternativa de vida, alguns jovens buscam como fonte de renda o tráfico de drogas, uma constante preocupação compartilhada entre diversos entrevistados. Além dessas questões, observamos o desejo do entrevistado de construir uma aproximação com o Parque, propondo realizar passeios com os moradores no PNT. Outra coisa bastante importante na gestão do atual presidente da Associação de Moradores do Andaraí é a aproximação com a Prefeitura, o que tem majorado o acesso a serviços públicos. Também foram relatados episódios de desastres naturais por causa de chuvas fortes, que arrebentaram barreiras e destruíram moradias.

Na primeira entrevista feita na Chácara do Céu, que aconteceu presencialmente na organização Roda Viva, fomos buscados pela kombi própria da ONG na praça Xavier de Brito (popularmente chamada de Praça dos Cavalinhos). Observamos ser uma organização muito estruturada e que acaba preenchendo a ausência do Estado nessas comunidades de diversas formas. Atua não só na área educacional como jurídica, assistência social e mobilidade urbana, sendo essa uma problemática apontada pela coordenação, assunto abordado mais detalhadamente na análise de conteúdo das entrevistas, abaixo desenvolvida. Além disso, tivemos falas relacionadas à proteção dos animais silvestres em interações com as crianças do projeto, o que revelou preocupação com questões ambientais.

Quanto à outra entrevista da Chácara do Céu, também presencial, tivemos como interlocutor o Pastor da Igreja Batista, que nos trouxe uma visão importante da utilização da mata pelos moradores, nesse caso fiéis de diferentes crenças, desde as protestantes até praticantes de religiões de matriz africana. Com isso, foi possível observar o quão importante o espaço ambiental é para os mais diversos nichos religiosos. A mata é vista não só como um ambiente de recreação e coleta, como também um local de tranquilidade, paz interior, relaxamento, contemplação e, também, fé. A partir disso e de outras falas, pudemos observar grande apreciação pela mata e uma relação positiva dos moradores para com ela.

Abaixo, apresentamos alguns registros fotográficos das atividades de campo:



Figura 3: Entrevista piloto, realizada com o responsável pela iniciativa Formiga Verde.



Figura 4: Entrevista com o Orlando, responsável pelo projeto Hortas Cariocas do Morro da Formiga



Figura 5: Equipe do Projeto junto ao Pastor da Igreja Batista na Chácara do Céu

As entrevistas permitiram conhecer melhor as iniciativas e instituições cujos representantes ouvimos. Foram observadas características como o histórico, os campos de atuação, projetos em curso, público atendido, grau de institucionalização, espaços e horários de convívio, aspirações, estratégias de engajamento e comunicação utilizadas, relação com os moradores, com outras organizações, com religião e com o Estado. Separamos as falas voltadas às respectivas organizações das lideranças entrevistadas, mas havia conteúdo demasiado e optamos por não fazer a análise de conteúdo dessa parte neste momento, dando foco às outras temáticas. O quadro abaixo apresenta um resumo de cada uma das favelas quanto às organizações entrevistadas, compreendendo JOCUM e IBASE no Borel, Formiga Verde e Folia de Reis Mirim da Formiga, Roda Viva e Igreja Batista na Chácara do Céu e Associação de Moradores do Andaraí.

Antes de entrar no tema da organização comunitária, vale destacar alguns aspectos atuais das favelas que as diferenciam de visões conservadoras como “barracão de zinco, sem telhado, sem pintura” de Herivelto Martins ou outros do tipo valhacouto de marginais, vila miséria, habitação subnormal e outros. Elas são dotadas de via pavimentada da entrada ao topo do morro, as casas são quase todas em alvenaria, com ou sem revestimento ou pintura. Ainda se jogam lixo e esgotos nos rios, mas há serviços públicos disponíveis (água, energia, esgotos, coleta parcial de lixo e outros), embora nem sempre atendendo bem a todos. Contam com escolas, creches, hortas comunitárias, reflorestamento no topo, serviços de comunicação e atuação de associações de moradores, igrejas e ONGs. As associações ainda têm fragilidades, com promessas de mudanças. Salta aos olhos a convivência com a violência, mas de que pouco se fala.

Quadro 2: Caracterização das Organizações Comunitárias

Caracterização das Organizações Comunitárias		
Formiga	Formiga Verde	Propõe fazer da escola um espaço de convivência, de encontros e comunitário. Mobiliza e busca organizar os moradores, criar condições com a escola, posto de saúde, sustentabilidade, horta, troca de ideias. Com encontro com as meninas da educação ambiental, conseguiram apoio da Eletrobras, primeiro na escola, para oficinas mensais, segunda etapa de construção de lajes e banheiro e agora sair plantando, horta, medicinais e plantas por toda a Formiga. Fazem com as crianças, nas pequenas áreas e por toda a Formiga, com as crianças e moradores próximos das áreas livres. Dialogam com os pais das crianças nas creches, usam as folias de reis (tem cinco lá). E vão com elas ao Salgueiro, Turano, Alto da Boa Vista, Cidade de Deus, Maré, Andaraí, etc.
	Sociedade das Águas	Existe desde quando não havia presença da CEDAE. Fazem captação de água de nascentes e ligações domiciliares para abastecimento, mais dinâmicas que a CEDAE. Não foram entrevistados, foram citados pelo representante do Formiga Verde.
	Folia de Reis Mirim	Promovem mutirões de limpeza, horta comunitária, percussão, leitura da Bíblia, música com apresentações nas escolas. Participam do Projeto Favela Garra. Envolvem crianças e adolescentes e fazem a Folia de Reis, percorrendo casas na Formiga e fora (acima citado).
Borel	JOCUM	Organização de origem cristã, mas diversificada, tem estatuto, CNPJ, está lá há trinta anos e atua em desenvolvimento comunitário, projetos de educação e cultura, creche e esportes, tem filial própria no Borel, uma equipe de trinta pessoas, dali e de fora. Áreas de atuação: socioassistencial, educação para cerca de 120 crianças, fortalecimento do vínculo familiar e comunitário e esporte. Gestão de pessoas, segurança, horta comunitária, agrega galera das igrejas, produção de mudas nas creches, plantios e reuniões com as pessoas.
	IBASE (Projeto)	Projeto Cidadania Ativa e Acesso à Justiça, pesquisa com devolução de resultados à comunidade, capacitação, diálogo sobre água e lixo com muita participação e também sobre violência contra a mulher. Quando sobre a juventude, a participação é baixa. Havia comunicação através da rádio comunitária.
Chácara do Céu	Roda Viva	A iniciativa foi da UERJ através de um grupo de professoras judias com alfabetização de adultos. Foi para o Borel onde ficaram 16 anos, mas depois com o conflito com a Chácara do Céu, se mudaram para lá, onde começaram com voluntários atuando em educação, esportes e cultura, depois trazendo profissionais formados (artes, dança). Acesso ao Banco de Talentos, projetos como brinquedoteca, sala de dança. Hoje tem 143 crianças matriculadas, cujo pré-requisito é compatibilizar com frequência à escola, vacinação etc. Quando a criança não vai, fazem a busca ativa. Possuem Kombi com inscrição no teto para se identificar, identificação dos educadores com crachá para segurança, e com a rotatividade vão se abrindo vagas. Perdeu o espaço de cursos profissionalizantes durante a pandemia. A associação de moradores está lá há pouco tempo. Parcerias com o SESC, com Centro Municipal de Saúde, com o CRAS sobre o Bolsa Família. Buscam as crianças na praça Xavier de Brito.

	Igreja Batista	Construída em regime de mutirão sobre ponto antes conflituoso, oferece catequese/estudos bíblicos, ensaios e cultos. Mantém o caminho de subida ao cruzeiro e buscam o alto do morro para orações.
Andaraí	Associação de Moradores	Aproximação com os serviços públicos para a comunidade – COMLURB, SMAC, Defesa Civil, etc. Participam do projeto Pelas Ruas do Andaraí, apoio à biblioteca. Proposta: esporte – não só ensinar a jogar bola, integração ao bloco Cata Latas, campanha de preservação da cachoeira e de não jogar lixo no rio. Carteiro comunitário para distribuir a correspondência, calendário cultural. Acesso a Águas do Rio para consertar esgoto vazando e Light por queima de transformadores, da Comlurb receberam ceifadeira e acessam Secretarias Municipais de Saúde, Ambiente e da Mulher. O complexo tem sete associações diferentes (Cruz, Arrelia, Andaraí, Jamelão, Parque João Paulo, Divinéia, Borda do Mato).

Para analisar o conteúdo relacionado à percepção dos entrevistados sobre o Parque e sua fauna, foram escolhidas as categorias Vantagens, Desvantagens/Problemas, Fauna, Mata, Água e Parque, para as quais foram selecionados trechos que representassem-nas e todos organizados em planilhas, que serão apresentadas abaixo nos quadros de número 3 até 8. Foram criadas as categorias intermediárias e, dentro delas, as subcategorias, de modo a organizar as falas e classificá-las para melhor interpretação, como se vê a seguir. Ao lado de cada categoria intermediária e subcategoria aparece o número de falas nelas incluídas. Para cada categoria final, apresentamos uma definição com a descrição dos resultados encontrados nas respostas. Para garantir que as falas dos entrevistados permaneçam anônimas para proteção de cada um, optamos por trocar seus nomes por codinomes, sendo eles nomes de aves do Parque Nacional da Tijuca. Foi necessário dividir as categorias em mais de uma imagem para que coubesse no corpo do texto. Para melhor visualização do leitor, também disponibilizamos a seguir o link para a planilha na íntegra: [Categorização](#)

Quadro 3: Vantagens de morar nas favelas do entorno do PNT

Categoria final: Vantagens			
<p>Definição: Os moradores possuem boa relação interpessoal, apresentando laços comunitários importantes para ações coletivas, as quais eventualmente passam a ser fontes de renda, como a reciclagem de sólidos retirados dos rios em limpezas. Também há uma boa oferta de serviços, principalmente no que diz respeito à educação. Os moradores apontaram que são favelas bem localizadas pela proximidade com a floresta, que oferece vistas bonitas, e com uma área de proteção ambiental. Em geral, apresentaram bastante falas relacionadas à tranquilidade de se viver nessas favelas, mais ainda com a presença da UPP, que confere maior proteção. Além disso, percebemos que a favela da Formiga possui uma cultura popular de passagem dos saberes tradicionais, que muitas vezes são desenvolvidos em escolas parceiras.</p>			
Categoria intermediária	Subcategoria	Trechos retirados das falas dos entrevistados	
Relação entre os moradores - 10	Engajamento da comunidade - 4	Bacurau: Mutirão de limpeza, isso daí a galera se mobiliza muito, que a gente começa a falar “vamos limpar tal lugar, vamos fazer isso, fazer aquilo”, a galera participa muito.	
		Bacurau: É, eu tenho crianças de sete anos já envolvida, que ele já entra dentro da vala ali com o saquinho pegando os lixo sedimentado, que é aquele lixo branco né? Que a gente consegue ver a garrafa, o pet...	
		Bacurau: Então acho que um destaque muito positivo nesse sentido, além dos moradores ser participativo nas atividades.	
		Maitaca: E a galera foi ficando aqui... se relacionou com a comunidade, começou a viver as coisas e aí os projetos começam a nascer interessante a partir disso. Aí é... o cara da comunidade que tem um violão lá e fala assim: cara, a gente, essas crianças precisam aprender música. Aí é um senhor da comunidade que pega o violão dele. Quem toca? Aí tem um tem um rapaz aqui, um desses que veio de fora e o outro que é da comunidade. Aí vão sair dois violões e eles começam a trabalhar com molecada da comunidade aqui.	
	Luta coletiva - 1	Coleirinho: (...) foi a partir dessa retirada das famílias de lá que (...) aí a gente peitou, não só a Jurema, como os moradores. Aí os moradores que iam ser retirados disseram que não iriam ser retirados, né? Peitou a Prefeitura e falou não, a gente tem espaço sim pra construir pras pessoas permanecerem aqui. E a Jurema tava na liderança, o que facilitou tudo, entendeu? Foi o diferencial.	
	Laços comunitários - 3	Bacurau: (...) é uma comunidade acolhedora, chamada até de mãe, né? Porque a gente acolhe muitas pessoas, todas elas que entram aqui na comunidade, elas são bem acolhida.	
		Azulão: (...) a gente é uma comunidade muita acolhedora um com o outro. Azulão: Normalmente a mãe de alguém tem uma história com a sua mãe, teu pai tem história com o pai de outro e é assim, os laços são muito afetivos.	
	Renda - 2	Bacurau: (...) e hoje em dia tem moradores que (...) Ele mesmo já começa a fazer daquele lixo ali sua renda, então ele começa a pegar o plástico, começa a pegar lata, ele começa a remover alguns tipos de lixos que ele sabe que dá o retorno pra ele e começa a vender fora. Então, hoje, dentro da própria comunidade, ela já tem, por exemplo, um chamado ferro velho. Maitaca: A galera que está trabalhando com reciclagem está começando a entregar separado, né? E eles mesmo chega lá o pessoal já começa a separar o lixo pra aqui na na na lixeira comunitária.	
	Cultura - 2	Espaço nas escolas - 1	Bacurau: (...) hoje ele consegue levar a sua cultura dentro das suas escola. Então ele consegue desenvolver.
		Cultura popular - 1	Maitaca: É, a formiga ainda tem uma coisa de resistência, de tradições ainda, da sabedoria popular, né? Cultural, a cultura popular.
Serviços básicos - 4	Boa oferta de serviços - 4	Azulão: (...) eu subi (?) lá em cima com a Defesa Civil ontem (...) Praticamente não dormi, porque aí ficou aquela chuva a sirene da Defesa Civil tocando e a gente está aqui naquele estado de mobilização.	
		Bacurau: (...) a gente também tem uma unidade de saúde aqui que é chamado Nilza rosa, posto de saúde Nilza Rosa.	
		Bacurau: (...) No geral, a gente possui 3 creches municipais, uma escola municipal (...) Carcará: (...) [a Formiga] é pequena. E ela tem três creches e uma escola. E um posto de saúde. Então, por exemplo, ela tem essa rede, né? De aparelhos públicos e são, é... potências... é, a gente vê como potências, né?	
Proteção - 7	UPP - 2	Curio: Aqui a gente fica teoricamente mais estável, né? Por conta da UPP, né? Porque a gente é parede com parede com a UPP, então esse território acaba tendo uma estabilidade maior por conta disso. [1] Azulão: A gente já teve uma época que era constante, diariamente, todo dia. Hoje está tranquilo. Hoje a gente pode ficar tranquilo porque não é sempre, são eventos esporádicos.	
	Tranquilidade - 5	Curio: Então, a gente tem crianças que hoje são pais, que os pais estão aqui, que os filhos estão com a gente. Até filhos de funcionários do condomínio estão com a gente. Então a gente acaba tendo meio que um salvo conduto em algumas situações. [2]	
		Tucano: É um lugar bem tranquilo de se viver (...). É um lugar calmo, dá pra se viver (...)	
		Curio: (...) essa parte de cá do complexo, ela tem uma característica diferente de uma comunidade que a gente tá acostumado naquele estereótipo que a gente vê na tevê. Aqui ele foge um pouco. (...) parece uma coisa de bairro.	
		Curio: (...) você pode transitar livremente pela essa área e você não vai ter contato com esse tipo de questão, diferente do outro território. Maitaca: A questão da segurança... são lugares que, por exemplo, você tinha o Favela Bairro que atende boa parte da comunidade. Hoje ela está segura.	
Localização - 3	Vista da comunidade - 1	Azulão: (...) eu amo ir lá em cima pra ficar vendo o sol nascer. Eu gosto de ver o sol nascer, eu acho maravilhoso, como também gosto de ver o sol se pôr do outro lado.	
	Proximidade com área de proteção ambiental - 1	Bacurau: (...) Tô numa zona de amortecimento do Parque Nacional da Tijuca, uma área protegida por lei.	
	Bem localizado - 1	Sabiá: Tá tudo muito perto na verdade, né? Essa separação de nome, de espaço geográfico, mas é tudo muito pertinho.	

Na categoria “Vantagens”, separamos trechos relacionados aos pontos positivos apontados pelas lideranças sobre viver em sua respectiva comunidade. Pudemos observar que os moradores possuem boa relação interpessoal, apresentando laços comunitários importantes para ações coletivas, as quais eventualmente passam a ser fontes de renda, como a reciclagem de sólidos retirados dos rios em limpezas. Também há uma boa oferta de serviços, principalmente no que diz respeito à educação. Além disso, eles apontaram que são favelas bem localizadas pela proximidade com a floresta, que oferece vistas

bonitas, e com uma área de proteção ambiental. Em geral, apresentaram bastante falas relacionadas à tranquilidade de se viver nessas favelas, mais ainda com a presença da UPP, que confere maior proteção. Além disso, percebemos que a favela da Formiga possui uma cultura popular de passagem dos saberes tradicionais, que muitas vezes são desenvolvidos em escolas parceiras.

A partir desses relatos, observamos o valor da união entre os moradores das favelas para que haja acesso a serviços básicos à toda a comunidade. Juntamente a isso, a passagem da sabedoria popular adiante é de grande importância para a manutenção das relações entre eles, inclusive da sensação de tranquilidade existente em viver nessas favelas.

Quadro 4: Desvantagens de morar nas favelas do entorno do PNT

Categoria final: Problemas/Desvantagens		
<p>Definição: Dentre os problemas que assolam as favelas participantes, os mais relatados foram a questão da violência constante, que influencia os compromissos do dia a dia dos moradores, e o abandono que sofrem desde a garantia de direitos básicos, como o de saúde, no que diz respeito a saneamento básico; educação; mobilidade com a dificuldade de acesso e moradia, muitas delas sob situação de risco por falta de alternativa, até a distância de projetos culturais e assistência social. Além disso, foram relatadas constantes ideias preconceituosas de pessoas de fora das favelas, as quais apresentam uma visão completamente estigmatizada, o que pode contribuir a invisibilização dessas favelas e fortalecer uma falta de orgulho dos moradores. Também foi relatado o aumento de ocorrência de mosquitos pela proximidade com a floresta.</p>		
Categoria intermediária	Subcategoria	Trechos retirados das falas dos entrevistados
Falta de saneamento básico - 4		Maitaca: (...) a gente uma vez aqui até começou a fazer reciclagem, né? A trabalhar, ajudar os meninos a separar o lixo, só que chegava lá embaixo e misturavam tudo, né? Então a gente acabou se frustrando.
		Curio: Não tem tratamento de esgoto.
		Papagaio: (...) o esgoto é a céu aberto, não tem tratamento nenhum.
		Azulão: Como é uma comunidade que é muito grande, de muitos acessos, muito beco, viela... Então, assim, a Comlurb tem dificuldade de estar atendendo todo mundo.
Escassez de direitos básicos - 2	Educação - 1	Maitaca: E fora a educação, né? A gente meio que fica sozinho nas organizações aqui e que trabalham com isso. A gente fica batendo nisso de políticas públicas, a gente não tem nada nesse sentido. Nada mesmo.
	Serviços concessionados - 1	Azulão: (...) a gente já teve diversos problemas, cês viram lá embaixo com a Light, a gente teve problemas de falta de luz...
Moradia - 6	Falta de alternativa - 2	Maitaca: (...) A gente tem uma cidade que é extremamente desigual nesse sentido, né? Você pega a Tijuca, o centro aqui, são muitas áreas desabitadas só esperando a especulação imobiliária, né? E aí você tem uma população que vai continuar crescendo dentro das favelas.
		Maitaca: (...) e aí você vai ter a favela entrando as áreas de mata por uma deficiência de um déficit de de moradia, de políticas públicas de moradia no Rio de Janeiro.
	Situação de risco - 3 [1]	Papagaio: Então um pouco mais acima nós temos algumas casas que estão em situações de risco sim, né? Esse mapeamento foi feito em dois mil e dezoito, algumas casas foram demolidas, mas já teve aquela questão de problema na indenização e aí algumas pessoas voltaram pra essas residências e pra esses espaços e aí voltou a construir mesmo depois da demolição.
		Azulão: (...) com aquela chuva de terça-feira, uma barreira desceu, quebrou uma canaleta em dois pontos, a gente tem uma pedra lá em cima que tem o risco de cair. Azulão: Deslizamento mesmo, na terça, no dia da chuva, eu tive que entrar dentro da canaleta pra ver pra onde a água estava indo pra ver se ia afetar alguma casa...
Desmatamento - 1	Papagaio: (...) como aqui não tem sido feito um trabalho de conscientização ambiental efetivo, muitas pessoas têm essa questão de desmatar o terreno de mata e construir ali, né?	

Violência - 12	Tráfico - 2	Bacurau: (...) então, infelizmente, eu vivo numa comunidade que é igual outras que têm o tráfico, têm a droga, têm a violência. Bacurau: (...) O atrito, se tivesse, seria esse. Infelizmente, pelo fato de você de repente tá andando dentro duma área de mata e se deparar com alguém.	
	Confrontos - 6	Maitaca: Então essa vivência nossa de estar aqui, de ouvir o morador, de falar "cara, ontem de noite a gente não conseguiu dormir" e porque teve tiroteio, sabe? E aí você entender que não dá pra você abrir a creche pela manhã (...) Curio: (...) e por ser um condomínio que não só entra em conflito com o que está aqui, mas é um condomínio que costuma ter conflitos maiores com a força policial né? Que é o comando vermelho, onde acaba tendo os conflitos, é... acontecem com maior frequência lá. Curio: Então, a gente tem essa questão até mesmo pra salvar, porque a gente teve alguns episódios lá atrás em que o poder público em uma dessas ações, nossas crianças estavam no campo e eles estavam agindo lá para o Borel, mas eles não nos reconheceram no território, então a gente teve que correr porque o tiro começou a vir do helicóptero, entendeu? Azulão: (...) tem é aquilo que eu te falei: conflito entre o Estado e poder paralelo. É uma coisa que é um problema... Azulão: O que a gente tem são confrontos esporádicos. O que a gente teve no sábado? (...) A viatura veio subir pra ir pra base, o pessoal estava aqui em cima e aí começaram confrontos, estourou transformador, furou carro de morador. Bacurau: Muita das vezes, a gente é impedido de fazer esse tipo de trabalho justamente pela violência, pela questão da comunidade não tá legal, fica instável. A gente tem que acordar de manhã e saber se tá tranquilo, né? Como é que tá, se tem tem ocorrência da polícia, se não tem isso tudo...	
		Hostilidade - 2	Maitaca: E é interessante que tem alguns lugares que o pessoal não tem ido, não tem avançado, por quê? Pela questão da segurança. Em questão de "ah, é lugar que tem tiro", "lugar que tem conflito, então eu não vou muito pra lá". Curio: (...) Posso pegar nossa Kombi e descer lá no no Borel com vocês, pra vocês conhecerem o local. Mas assim, lá o é um terreno mais hostil.
		Falta de oportunidade - 2	Azulão: (...) A gente só conhece esse mundinho aqui: a gente está vendo a arma ali, a gente está vendo droga aqui, está vendo promiscuidade. Mas aqui a gente não tem instrução. A gente não tem um leque de opções, da gente tá aprendendo outra coisa. Bem-te-vi: Porque muitas das crianças foram da minha época, muitos seguiram a vida errada, estão na vida errada hoje em dia, não estão nem mais vivo.
			Descarte incorreto de lixo - 1

Abandono - 2	Distância de projetos culturais - 1	Maitaca: Aqui no Borel a coisa tá muito, muito, muito difícil assim, né? Não tem Folia, samba, a Unidos da Tijuca está um pouco distante aí da comunidade, às vezes eles tem... eles estão tentando refazer isso, mas o próprio samba, né? Está distante.	
	Falta de assistência social - 1	Carcará: O abandono, né, das favelas é uma coisa histórica. A gente teve agora a pandemia, né? Ficou no sufoco, tá um sufoco ainda... Não teve um político que subiu aqui pra, pelo menos, escutar. Nas vezes que subiu foi da mesma forma: não se deu pra escutar, pelo menos entender a idade daquela galera que tá numa situação mais crítica né? Fazer uma coisa de mapear uma galera que tá nas piores condições mesmo, aquela coisa desesperadora.	
Mosquitos - 2	Aumento de ocorrência - 2	Carcará: Tem a coisa aí dos mosquitos que chegaram com ele, mas acho que isso aí é um mal menor se compararmos à situação de antigamente. Papagaio: A gente tá com a questão aqui do mosquito, é muito.	
Mobilidade - 4	Dificuldade de acesso - 4	Papagaio: Você pode ver, até no território acaba atrapalhando a questão do acesso porque não tem padaria, aí o que tem de pão são pessoas que vêm lá do Borel com uma Kombi pra rodar pela comunidade pra vender o pão ou de bicicleta. Curio: (?) em termos de política pública aqui o território não tem direito, não tem o acesso ao transitar pela cidade a alguns serviços e outros serviços também não chegam aqui por causa desse acesso. Curio: (...) eles não tem o transporte e aonde eles estão situados logisticamente também é muito contramão, aqui é muito alto, né? Curio: (...) o fato da mobilidade ser precária interfere em toda a sociabilização, os acessos, porque por exemplo, (...) a gente trabalhou muito a questão da saúde mental e aí você pega uma criança que precisa ter acesso a um atendimento de saúde mental e é no Pedro Ernesto, ou é no Fundão ou é que seja lá...	
		Visão de fora estigmatizada sobre a favela - 3	Azulão: As pessoas que moram na rua, elas são muito preconceituosas em relação a isso: "Ah! Morar no morro deve ser bonzão, né? Tu não paga nada." Eu já cansei de me aborrecer com os outros na rua em mesa de bar por causa disso: "Ah mas tu gosta de morar no morro, tu não paga água, tu não paga nada". Eu pago.. E a gente quer pagar. Nos é oferecido isso de graça porque não nos é oferecido muito dos outros serviços que nós temos direito. Saneamento básico, educação. Já cansei de discutir... Tucano: Não tem muito problema, mas sempre tem preconceito da parte de fora das comunidades. Azulão: E a especulação imobiliária ajudou muito isso. A gente foi perdendo espaço, foi diminuindo. [2]
		Falta de orgulho - 1	Azulão: As pessoas não tem orgulho de dizer que são do Andaraí.
Preconceito - 5	Invisibilização - 1	Bacurau: Temos colégios particulares e esse entorno era muito distante da nossa comunidade, né? (...) A gente tá aqui em cima e o ali de baixo não nos enxerga.	
	Engajamento - 1	Azulão: Então, de forma geral, o Andaraí tá há um bom tempo com uma dificuldade em entender o sentido da palavra comunidade. De agir em comunidade, de agir em conjunto, de agir pelo coletivo. [3]	

Em oposição à categoria anterior, criamos a “Desvantagens”, categoria que apresenta pontos negativos apontados pelas lideranças de se viver em sua respectiva comunidade. Observamos que dentre os problemas que assolam as favelas participantes,

os mais relatados foram a questão da violência constante, que influencia os compromissos do dia a dia dos moradores, e o abandono que sofrem desde a garantia de direitos básicos, como o de saúde, no que diz respeito a saneamento básico; educação; mobilidade com a dificuldade de acesso e moradia, muitas delas sob situação de risco por falta de alternativa, até a distância de projetos culturais e assistência social. Além disso, foram relatadas constantes ideias preconceituosas de pessoas de fora das favelas, as quais apresentam uma visão completamente estigmatizada, o que pode contribuir a invisibilização dessas favelas e fortalecer uma falta de orgulho dos moradores. Também foi relatado o aumento de ocorrência de mosquitos pela proximidade com a floresta.

No que diz respeito à marginalização do Morro do Andaraí, tivemos o relato de como isso aconteceu. De acordo com o entrevistado: “De toda a grande Tijuca, que são várias comunidades, o bairro do Andaraí é o único que a comunidade tem o mesmo nome do bairro. Que em Vila Isabel é o Morro dos Macacos. Na Tijuca é Formiga, Salgueiro, Borel. É... Casa Branca, Cruz e Chácara do Céu, o único que o nome do bairro é o mesmo nome da comunidade é o Andaraí. Então assim, a especulação imobiliária, ela foi espremendo o Andaraí numa forma que a gente foi diminuindo.” Com essa e outras falas no decorrer da entrevista, pudemos observar que essa questão da perda gradual do espaço mostra a necessidade de resgatar o orgulho dos moradores do local ao dizer onde moram, de onde são.

Quadro 5: Biodiversidade e influência da poluição sobre a fauna do Parque Nacional da Tijuca

Categoria final: Fauna		
<p>Definição: Os moradores relataram observação de uma boa biodiversidade no que diz respeito à fauna, citando avistamento de peixes em rios, como lambari e piabinha; aves diversas da Mata Atlântica como maritaca, coruja e, principalmente tucano; mamíferos como primatas e gambás; e répteis como lagartos e cobras. Desses animais citados, as maiores interações ocorrem com macacos-prego e micos-estrela pelo costume com a presença humana próximo ao território deles, além de haver uma cultura de alimentação com bananas, por exemplo. Com isso, os macacos foram se aproximando e entrando nas casas com cada vez mais frequência procurando alimento. Além disso, também foi bastante relatado o aumento de aparecimento de cobras nas favelas, muitas vezes relacionado ao aumento de lixo, que atrai ratos e, consequentemente, cobras. Quanto a relação com a fauna, observamos uma cultura hostil para com os animais silvestres que aparecem, principalmente quando é sobre cobras, que geram desconforto ou medo nos moradores, que logo resolvem matando. Apesar disso, algumas pessoas buscam trazer um olhar ambientalista para que levem os animais silvestres de volta para a floresta em vez de matá-los.</p>		
Categoria intermediária	Subcategoria	Trechos retirados das falas dos entrevistados
Biodiversidade - 10	Observação - 8	Maitaca: A Formiga, até estava andando lá e eu estava percebendo esses peixes, os lambarizinhos pequenos, piabinha...
		Carcará: Maritaca, tucano, gambá... (...) Tem ouriço, lagarto... é muito legal essa bicharada, né?
		Carcará: Eu já vi coruja também, mas coruja é mais difícil de ver.
		Papagaio: Ah sim, sim. Sim, às vezes vêm os miquinhos, ficam aqui.
		Papagaio: (...) aqui aparece muitos lagartos, né? Desde os pequenos aos grandes.
		Azulão: Capivara aparece direto. Ou seja, a gente sabe que vem de lá da Floresta da Tijuca.
	Azulão: O Andarái é uma comunidade que, por mais que tenha muitas pessoas, ela é uma comunidade que tem bastante flora, tem bastante fauna.	
	Tucano: Aparece muita cobra. (...) gambá e cobra à rodo.	
Retorno da fauna - 2	Bacurau: (...) animais que a gente não via antigamente, hoje em dia a gente tá vendo. Os alimentos que a gente sabe que faltava pra eles no mato e eles desciam pra dentro da nossa comunidade pra poder buscar...	
	Bacurau: (...) eu vejo tucano, eu vejo algumas aves exóticas ou aves da própria Mata Atlântica aqui também, né? Eu vejo bastante aves aqui, né? Que a gente sabe que antes a gente não via, mas a gente estamos vendo hoje justamente pelas questão da fauna e da flora.	
Influência da poluição - 3	Extinção local - 1	Maitaca: O Rio Maracanã, ele, até 2009, por aí, eu conseguia chegar ali acima aqui do Borel, eu chegava e via peixes no rio. Tinha peixes, tinha cará, tinha traíra, tinha um lambarizinho, aqueles peixinhos, tinha bastante. Hoje, se eu chegar lá é cinza a água, ou seja, não tem mais esses peixes.
	Maior aparecimento de cobras - 2 [1]	Coleirinho: Fora as cobras que apareceram. Estão descendo muita cobra agora ultimamente aqui. Coisa que não tinha, mas as cobras estão vindo...
		Bacurau: (...) por exemplo, cobra sabe: onde tem lixão, tem rato e ela vai estar. Então, infelizmente, faltou alimento pra ela dentro do mato, ela vai vim pra cá
Alimentação de animais silvestres - 6 [2]	Conflito - 3	Carcará: O macaco prego é abusado. Entrou lá em casa também, tentou levar um cacho de banana. (...) Ai, tipo assim, não tem banana? Ele leva outra coisa pra não perder a viagem.
	Coexistência com os moradores - 3	Bacurau: (...) antigamente, [a moradora] tinha o hábito de botar ali sua carne, sei lá, seu frango pra descongelar no sol, na varanda, em algum canto da casa, né? E aí agora ela não pode mais porque os animais e os macaco vêm e pegam.
		Bacurau: Tem um macaco-prego que, agora, ele já reside aqui dentro assiduamente, né? Visitando as casa, pegando os alimento, roubando as banana, entrando até na geladeira...
		Carcará: [Os moradores] têm mania de dar banana. O macaco vem, ai ele dá banana.
		Papagaio: (...) os miquinhos ficam aqui, a gente com as crianças aqui na... teve um que já até parou aqui, ó, no meu armário, aqui nesse gaveteiro. (...) E aí fica maior família aqui no Refeitório.
Interação com animais domésticos - 2	Cachorro - 2	Bacurau: (...) infelizmente, por exemplo, aquilo que falta lá na mata, [o animal] vem buscar aqui embaixo porque aqui tem lixo, aqui tem plantação
		Carcará: Os cachorros vivem na alerta, né? (...) Lá em casa não tem cachorro não, mas a vizinha (...) em cima tem uns três cachorros. Ah, quando eles começam a latir já sei que é macaco.
Relação com a fauna - 9 [3]	Hostilidade - 5	Carcará: Não, macaco não dá mole pra cachorro não. Macaco é muito... O cachorro até tenta...
		Papagaio: (...) a reação das crianças quando veem [os bichos] é querer matar, né?
		Papagaio: (...) as pessoas acabam, é... matando [as cobras], aí é ruim. É porque, como eu falei, como não tem mais esse trabalho efetivo no território, as pessoas [matam]...
		Azulão: (...) as crianças começavam a dar pedrada nela [cobra], né? Aquele animal que a gente não conhece, né.
	Visão ambientalista - 3	Papagaio: (...) tem essa questão do "não, ah, é um bicho, então eu tenho que eliminar aquele bicho, né?"
		Tucano: Muito medo, geralmente matam [as cobras].
		Papagaio: (...) Ele não tá fazendo nada, ele esse é o território dele [lagartos]...
Ações positivas - 1	Bacurau: (...) hoje em dia, a gente sabe que é nós que tamo ocupando o lugar deles, né? Porque aqui, como foi antigamente, eram, dizem que era um cafezal, tal etcétera.	
	Papagaio: (...) quando eu cheguei aqui em 2018, o agente que trabalhava nessa área, ele até trouxe aqui um filhote pra mostrar pras crianças, pra elas poderem ver, ter essa questão do respeito e tal.	
		Papagaio: (...) se ele [animal] tá num lugar que não era pra ele estar, a gente recolhe e coloca ele no lugar correto, sabe?

Como temos como uma das bases da pesquisa a questão da interação com a fauna, essa categoria surgiu nas conversas com os entrevistados. Os moradores relataram observação de uma boa biodiversidade no que diz respeito à fauna, citando avistamento de peixes em rios, como lambari e piabinha; aves diversas da Mata Atlântica como maritaca, coruja e, principalmente tucano; mamíferos como primatas e gambás; e répteis como lagartos e cobras. Desses animais citados, as maiores interações ocorrem com macacos-prego e micos-estrela pelo costume com a presença humana próximo ao

território deles, além de haver uma cultura de alimentação com bananas, por exemplo. Com isso, os macacos foram se aproximando e entrando nas casas com cada vez mais frequência, procurando alimento. Além disso, também foi bastante relatado o aumento de aparecimento de cobras nas favelas, muitas vezes relacionado ao aumento de lixo, que atrai ratos e, conseqüentemente, cobras. Quanto à relação com a fauna, observamos uma cultura hostil para com os animais silvestres que aparecem, principalmente quando é sobre cobras, que geram desconforto ou medo nos moradores, que logo resolvem matando. Apesar disso, algumas pessoas buscam trazer um olhar ambientalista para que levem os animais silvestres de volta para a floresta em vez de matá-los.

Quadro 6: Visões e compreensão da mata do entorno

Categoria final: Mata		
Definição: Muitos deles apresentaram um distanciamento sobre a floresta do entorno, a qual é comumente denominada "mata". Apesar disso, a maioria apresenta boa relação com ela, inclusive são bastantes conscientes no que diz respeito a desmatamento e cuidado com a mata. Ainda assim, pudemos observar uma relação entre a idade e visões protetivas quanto a essa conscientização, a qual se apresenta mais fortemente em moradores mais velhos. Também têm o costume de utilizar a mata para coletar jaca, recreação, contemplação e, em muitas das vezes, motivos religiosos, desde feiç de matrizes africanas até as vertentes protestantes. Além disso, há uma cultura de plantio de hortinhas nas próprias casas do moradores. Uma das vantagens proporcionadas pela proximidade com a mata de acordo com eles é a de serviços ambientais, principalmente no que diz respeito à qualidade de vida - ar mais puro e menor impacto nas moradias quanto a deslizamentos.		
Categoria intermediária	Subcategoria	Trechos retirados das falas dos entrevistados
Regeneração - 3	Desmatamento - 1	Maitaca: É, são as primeiras... aquela mata que ainda não tem as árvores grandes, são mais novas... e (brinca?) e mexe elas são desmatadas e depois volta...
	Reflorestamento - 2	Carcará: Então eu vi quando era só capim, né? Eu via quando pegava fogo, (queimando?) terra, queimava (o cano?) da galera, tinha fumaça, (abria?) o cano pra apagar o fogo... Azulão: Seria bacana se você ver a diferença de 96 pra 2019 e agora 2013 está maior ainda, essa mata ela já está grande.
Visões e compreensão - 8	Proximidade - 3	Maitaca: Que ainda... a floresta mesmo, ela está longe. A gente tem que passar primeiro por essas matas aí ciliares, essas matas primárias até chegar na zona de floresta mesmo, né?
		Maitaca: Minha posição no espaço urbano precisa ainda se concretizar. A inserção nesse lugar não como alguém de fora, mas alguém que tem o direito ao espaço e quem dirá o na floresta. A floresta é o último, é o mais alienígena de todos mais alienígenas de todos né?
	Denominação - 2	Sabiá: Eu acredito a comunidade tenha uma relação muito boa com a mata.
		Maitaca: Essa ideia de floresta, esses nomes comuns "floresta" também não chega. É mata. Tucano: Não consideram a área como floresta. (...) não consideram como Mata.
Sentimento sobre inclusão - 2	Maitaca: O pessoal fala assim de mata "ah a mata", "vou na mata", porque essas áreas aqui ainda tá muito presente na cabeça das pessoas como parte do Borel. Papagaio: Chamam muito de mata, é... mas assim, eles não se identificam como fazendo parte, até porque como eu falei, o trabalho da... aqui tinha um agente florestal há muito tempo atrás, que esse trabalho não tem mais, não fazem mais. Então, assim, descolou um pouco da comunidade esses pertencimentos.	
Importância - 1	Azulão: Floresta da Tijuca. É uma área que é importante, é uma mata muito grande.	

Coleta - 5	Jaca - 5	Maitaca: É o local onde o pessoal vai pegar jaca, você tem ainda árvores de jaca, jaqueiros, né?
		Maitaca: Jaca é daquele jeito, né? Chega com jacão aqui e abre, todo mundo se melando nela. Jaca madura.
		Papagaio: (...) porque aqui a gente tem muita jaca. Na região... (...) Várias, várias, várias e de estragar às vezes porque não consegue absorver pro consumo
		Papagaio: Porque pode usar a carne pra fazer a coxinha de jaca, é muito gostosa e muito fácil de [fazer].
		Maitaca: Ou entram um pouco a área e descobre que tem pé de jaca né? (...) Aí entra um pouco mais pra dentro pra pegar as jacas ou nadar.
Cultura sobre plantio - 5	Hortinhas - 5	Maitaca: O mamão você fazer ou usar ele como pra fazer doce, pra usar na salada, né?
		Curió: É uma região que mesmo com não tendo tanto esse respeito, essa descolação, é uma região que você vê como as casas culturais tem determinada relação ali de plantio com algumas coisas.
		Papagaio: De hortinhas em casa, isso é comum aqui.
		Curió: (...) o cuidado de plantar algumas coisas no seu fundo de quintal ou com a sei lá, já vi acerola, tem essa abacateira, a (?), aí tem outras árvores e espécies que tem nesse quintal (...)
Utilização - 3	Contemplação - 1	Sabiá: O pessoal de Chácara usa o espaço lá às vezes pra passear, pra levar um parente pra conhecer porque o espaço é bonito. O espaço é muito bonito. Você tem uma visão muito boa pra cidade, né? É um espaço bom, pega muito, vê muita coisa. E tem uma parte verde também muito legal, né?
	Recreação - 1	Sabiá: E e a gente anda bem. Se a gente quiser explorar bem, a gente tem um espaço muito bom pra explorar.
	Religião - 1	Sabiá: A maioria dos protestantes costuma a gente fala subir no monte pra orar, né? (...) Na verdade, as igrejas, os irmãos, sejam individual, sejam em grupo, quando vai no monte a orar, eles procuram um espaço assim que seja verde, que seja um espaço bem silencioso né? E é mais aquele momento mesmo de culto, de oração, quando é grupo faz seu culto, né? Tem um período de louvor, tem uma ministração de palavra, tem oração... o pessoal vai mais pra orar, pra passar um tempo ministrando um texto bíblico, entendeu?

Relação dos moradores com a mata - 3	Idade x visões - 2	Carcará: Pô, uma galera tem a sua sensibilidade, né? O quanto essa mata aí é valiosa. Principalmente pessoas como eu que vivem... eu tenho essa cara de novo, mas eu tenho 51 anos.
	Idade x cuidado - 1	Curió: (...) os mais velhos tem mais cuidados, os mais novos não... Papagaio: Os moradores mais antigos tem essa questão mais de proteção. Eu vejo muito isso. Mas as novas gerações, eu vejo mais um descolamento dessa questão assim de não se preocupar, de não entender que você não manter, isso vai afetar efetivamente na sua vida.
Vantagens - 3	Serviços ambientais - 3	Carcará: De quanto que a natureza é essencial pra ele ter uma qualidade de vida, pra gente... continuar, né? (?) eu olho assim:, era tudo mato e tal. Mas não é mato, isso aí é água, né... um ar de qualidade, né, etc?
		Bacurau: (...) quando eu vou pra rua eu sinto o ar totalmente diferente, então, por exemplo, o ar daqui é mais puro, é um ar mais puro. Bacurau: (...) a floresta ela é pura, é natureza e esse impacto dela aqui pra nós é de seguinte forma: hoje em dia a gente não tem mais deslizamento, né? E quando tem é bem, assim, bem pontual de uma casa ou outra, um telhado, sei lá.
Conscientização - 5 [1]		Azulão: Não, depois que pararam de mexer no reflorestamento, assim, ninguém teve mexendo nessa parte.
		Azulão: Mas a criança você consegue moldar com que ela cresça de uma forma diferente. Então se você planta na criança aquilo ali dela saber a importância do que tem, ela sabe: aquilo em cima ele é mato. Mas, assim, aquele mato ali é o quê? Então se você leva ela pra conhecer, tem um guia que está ali explicando (...), a criança automaticamente "pô que bacana, eu moro no pé da Floresta da Tijuca, que é a maior..." ela começa a ter um grupo, de falar pro amigo, começa a ter orgulho de contar na escola quando vai fazer um trabalho, ela começa a ter a consciência de ver alguém jogando no lixo e "ô, não pode. Pô, isso aqui é da floresta e tal".
		Araponga: Mas eh você vê o quão... o como a natureza ela é forte. (?). Por isso a importância da preservação, conscientizar essa galera aí...
		Bacurau: Hoje em dia, essa relação acho que já é bastante consciente nesse sentido, que não pode construir, a questão das queimadas também que hoje em dia a gente conseguiu reduzir muito essa questão que é muito importante também, nem a questão do balão em si. (...) o cara achava que tudo tinha que tacar fogo: um lixinho tem que tacar fogo, é não sei o que tacar fogo e ele não sabia que aquele foguinho ali poderia se tornar uma queimada enorme e atingir o Parque, atingir nossa área de floresta, atingir aquilo que o reflorestamento já construiu.
		Papagaio: (...) aí as pessoas vem, cortam, eu falo "Cara? Ela não está atrapalhando." Eu falei "Tudo bem, você pode podar, mas cê num vai derrubar, né? Porque isso vai vai afetar todo o ciclo ali, né? De ele ter que tá ali por um motivo. Cê vai tirar ele..."

No que diz respeito à relação dos moradores com a floresta ao redor, temos que muitos deles apresentaram um distanciamento sobre a floresta do entorno, a qual é comumente denominada "mata". Apesar disso, a maioria apresenta boa relação com ela, inclusive são bastantes conscientes no que diz respeito a desmatamento e cuidado com a mata. Ainda assim, foi relatada uma relação entre a idade e visões protetivas quanto a essa conscientização, a qual se apresenta mais fortemente em moradores mais velhos. Também têm o costume de utilizar a mata para coletar jaca, recreação, contemplação e, em muitas das vezes, motivos religiosos, desde fiéis de matrizes africanas até as vertentes

protestantes. Além disso, há uma cultura de plantio de hortinhas nas próprias casas dos moradores. Uma das vantagens proporcionadas pela proximidade com a mata de acordo com eles é a qualidade de vida - serviços ambientais como ar mais puro e menor impacto nas moradias quanto a deslizamentos.

Quadro 7: Questões relacionadas à proximidade com nascentes e suas vantagens

Categoria final: Água		
Definição: Os assuntos mais recorrentes relacionados a esta categoria foram o alcance do abastecimento de água das casas, que trazem diversas consequências e necessidades diferentes, além de vantagens e desvantagens da proximidade com nascentes. Quanto ao primeiro ponto, a maior parte dos relatos apontou dificuldade de alcance a muitas moradias pelas empresas Águas do Rio e CEDAE, as quais são responsáveis pelo serviço de distribuição de água nas favelas. Como consequência disso, surgiu a cultura de canalização e coleta de água a partir das nascentes próximas, já que as águas saem limpas da mata. A proximidade com essas nascentes traz, para além deste último uso, vantagens diversas, como lavar roupa, tomar banho e nadar em cachoeiras. Além disso, foi levantada a questão da necessidade de proteção das nascentes, pois muitas secaram e a maioria está bastante poluída, seja por resíduos sólidos, seja por esgoto. Algumas ações já são implementadas nessas favelas com o objetivo de limpar os rios, como mutirões e projetos.		
Categoria intermediária	Subcategoria	Trechos retirados das falas dos entrevistados
Nascentes - 14	Proximidade - 3	Maitaca: A gente tem aqui várias nascentes, né, que forma esse rio Maracanã, né? O Trapicheiro lá do Salgueiro, da Formiga. (...) tem um rio aqui, graças a Deus, atrás do Carrefour (...) que vem aqui...
		Bacurau: Eu tenho um rio que passa dentro da minha comunidade que é chamado de Rio Cascata que tem 994 metros de extensão que deságua dentro do rio Maracanã Bacurau: Dentro desse próprio Rio, diversas nascentes foram encontradas, nascentes que são do lençol freático.
	Utilização da água - 3	Araponga: E aí o volume de água também era muito bom, lavei muita roupa lá, era uma fartura de água. Maitaca: Tem áreas de nascente, de rio, né, e cachoeira que os meninos vão tomar banho, né.
		Araponga: E tem uma gruta embaixo que eu também lavei muita roupa lá, que é na Arrelia a mina, né? (...) e lá tem uma nascente que a água é maravilhosa, né?
	Proteção - 2	Maitaca: (...) é uma questão que precisa ser colocada em pauta: a gente reestruturar nascentes, proteger nascentes que estão dentro da comunidade que não estão em área de mata, mas estão dentro, como que a gente pode criar projetos de manter essas nascentes, criar o cinturão verde aonde é possível, né? Azulão: Ela existe até hoje, só não existe mais a nascente. Agora que seria o entulho da mina. Mataram nascente, mataram. A gente vai tentar revitalizar ela agora.
		Refúgio - 1 [1]
	Deslizamentos - 2	Bacurau: O rio ele também ele faz com que a gente não tenha muitos deslizamento, não tenham casa desabando. Araponga: Teve uma tromba d'água bem próximo à casa do (?), lá pra cima. E aí a tromba d'água ela veio devastando tudo, tudo, todo o asfalto do Andaraí. Todo o asfalto de lá de cima foi arrebentado, retirado.
		Conservação - 1
Qualidade da água - 2	Bacurau: E essa água muita das vezes não são águas que já foram diagnosticadas. Fontes já foram monitoradas, de inclusive por mim e pelo pessoal da SOS Mata Atlântica, tá?	

Abastecimento - 18	Águas do Rio / CEDAE - 7	<p>Papagaio: (...) essa rua principal que a gente chama que é a Estrada da Independência a maior parte tem dentro desse, é... com a própria CEDAE... agora é a Águas do Rio, né, que fez esse trabalho? Tanto que tem uma frente avançada da Águas do Rio dentro da própria comunidade que fez esses canos, né? Pras casas, então tem essa regularização, só que não é pra toda comunidade.</p> <p>Maitaca: (...) tenho água da CEDAE.</p> <p>Araponga: Mas a água na parte alta do morro eu me lembro porque quando eu morava lá em cima da mina, lá pra cima nós tínhamos água da CEDAE. Até ali é pedra. Nós tínhamos.</p> <p>Araponga: Lá no Barreira tinha uma bica (...) que era um volume de água gigantesco, gigantesco da CEDAE e como não tinha água nas casas, a gente, os moradores, utilizavam aquela água, era aquilo que a CEDAE oferecia.</p> <p>Araponga: A CEDAE chegava só até o pé do morro, com essa bica aí enorme com um volume de água enorme, todos que queriam iam naquela área lá e pegavam. Depois de muita luta subiu mais um pouco e foi até a pedra.</p> <p>Tucano: A água que abastece as casas vem da Águas do Rio.</p> <p>Azulão: Não, mas a nossa intenção é a empresa levar a sério o nosso projeto, que a gente tem de modernizar o abastecimento de água. Óbvio, não vai conseguir cem por cento, mas a gente conseguir que a comunidade, que a maioria consiga aderir essa questão da tarifa social e a gente consegue formalizar.</p>
	Captação de água de nascentes, poços ou minas - 10	<p>Araponga: Inúmeras, inúmeras residências com poço. Na minha casa tem nascente.</p> <p>Carcará: Ai a galera entrou pra mata, percebeu que tinha uma parada ali do (conhecimento ancestral, né?) Não sei como a galera identificou que tinha um sistema de (minas?) d'água, né? Ai pela mata um foi prum lado, outro foi pro outro (...) outro foi pra lá, outro pra lá, outro pra lá, aí canalizou essa parada, né? (...) Chegou ali na entrada da favela, fez ali um grande reservatório, né, de concreto lá em cima. A água, né, era acumulada ali, aí saiu vários canos (?) dessas águas.</p> <p>Papagaio: A água ela vem da nascente lá em cima. Tem o sistema de canoamento, né? Mas ele não vai até toda a comunidade. (...) então pros locais que não tem a gente tem que ir até um ponto, uma bica, uma coisa assim pra encher baldes e coisas pra poder levar água pra pra casa.</p> <p>Bacurau: (...) a pessoa para ficar sem água num calor desse e tal, o que que ela acaba fazendo? Canalizando essa água e fazendo uso dessa água.</p> <p>Bacurau: Tem pessoas que aqui cultua a questão de pegar água da mata, né? Então, assim, capta a água do mato, né?</p> <p>Maitaca: Algumas [nascentes] são usadas pra abastecer casa, outras o pessoal já fica meio assim com o pé, precisaria testar pra ver se a água é... mas eu, por exemplo, tenho água na minha casa que vem de uma nascente lá de cima.</p> <p>Maitaca: Você tem nascente, é um lugar onde o pessoal vai tirar água.</p> <p>Maitaca: (...) Que é mais lá pra cima, que é a caveira do burro, onde também tem uma cachoeira que a gente puxa água, que a comunidade puxa água.</p> <p>Azulão: Alguns pontos daqui pegam água justamente da mata, né?</p>
	Apropriação	<p>Azulão: Faz ligação de água e abastece, principalmente as partes mais altas. E aí uma pessoa vai, faz o encanamento, cobra um valor. (...) Tem um monopólio. É, porque a pessoa ela faz isso. Ela ela vai dentro da natureza, pega a água e, como ela tem o trabalho de comprar o cano e fazer a manutenção, ela cobra esse valor.</p>

Escassez - 8	Águas do rio / CEDAE - 6	<p>Curio: (...) eu tenho relatos de famílias que não tem nem o básico em casa, desde o cuidado com a água, né? Água encanada...</p> <p>Azulão: A gente teve problema de... ah, comunidade é isso, né? Problema de abastecimento de água (...)</p> <p>Azulão: O primordial é o nosso maior problema: abastecimento de água. (...) A gente teve um problema de abastecimento de água que muitas casas aqui ficaram trinta e cinco dias sem abastecimento de água.</p> <p>Papagaio: (...) mas pras transversais, pras ramificações, dependendo do ponto, você tem uma dificuldade de chegar e aonde tem essas casas que são casas de que não são de alvenaria, é terrenos aqui de crianças e famílias que a gente atende que são casas de madeira, de restos de móveis e tal e que tem que coletar água.</p> <p>Bacurau: (...) e nesse rio a gente tem várias histórias de pessoas que tomavam banho, que precisava daquele recurso ali pra poder lavar roupa, de poder captar água pra sua própria residência, porque a CEDAE não atinge a comunidade inteira...</p> <p>Bacurau: (...) são águas que a CEDAE não consegue atingir a comunidade (...)</p>
	Seca - 2	<p>Araponga: Depois simplesmente secou, tiraram o serviço e não colocaram a água nas casas das pessoas. Por isso que surgiu essa ideia das pessoas que moram lá em cima pegar água da mata.</p> <p>Maitaca: (...) e ali tem mata, então [o rio] está seguro, apesar que tem vezes que ele seca completamente. (...) Tem muitas nascentes aqui. Eu conto cinco, que eu conheço e tinha muito mais. Elas foram secando.</p>
Poluição - 9	Descarte incorreto de lixo - 4	<p>Maitaca: Ao lado, o pessoal está jogando lixo numa área de mata. E aquilo ali vai só acumulando, acumulando, uma hora esse lixo vai descendo e aí lá embaixo tem uma nascente. Esse lixo que está em cima vai contaminar essa nascente. (...) O lugar pra jogar o lixo, centralizar o lixo está longe. Aí essa pessoa ela não vai até lá.</p> <p>Carcará: É a água que entra... eu falo com a galera: quando entra na Formiga, entra super limpo e vai sendo contaminada dentro da favela, né? Mas é mais uma coisa assim de plástico, não tem muito esgoto não, tem um ou outro vazamento de esgoto porque não tem manutenção, mas a maioria do lixo é lixo sólido, né?</p> <p>Azulão: A gente tem o Rio Joana que começa lá em cima na Avenida Maxwell que é um rio que hoje infelizmente é muito sujo.</p> <p>Azulão: (...) falta conscientização que a pessoa que mora na beira do rio ela acha muito mais cômodo de chegar da janela e jogar a bolsa dentro do rio do que, quando descer pra trabalhar, levar.</p>
	Esgoto - 3	<p>Maitaca: (...) isso pra mim é muito latente, isso é muito forte. Então o lançamento de esgoto... é o crescimento, esse crescimento desordenado, tudo que está está ligado, né? A questão hídrica, a questão dos rios, né? A proteção das nascentes que formam a bacia, né?</p> <p>Azulão: A água aqui a gente tem em abundância, mas assim, (?) que desce aqui óbvio que o fluxo é maior porque muita gente botou o esgoto pra cá...</p> <p>Bacurau: É... claro que hoje em dia o Rio ele não é cem por cento limpo, né? Devido casas, devido rede de esgotos irregulares que acaba desaguardando nele.</p>
	Limpeza - 2	<p>Azulão: (...) a gente tem um projeto da prefeitura do Guardiões do Rio (...) Faz um trabalho bacana de tentar limpar o rio, mas a gente tem que ter um trabalho forte em relação à conscientização da comunidade, da população, pra poder estar ali cuidando do rio, né, poder estar cuidando do meio ambiente, até porque a gente está no pé da Floresta da Tijuca.</p> <p>Azulão: Agora tem um poço ali. (...) Mas, assim, a água não é potável, que jogam lixo. Já limpei três vezes esse poço. Você tira cadeira, você tira almofada.</p>

Uma questão bem recorrente nas entrevistas, a qual decidimos abordar também nos questionários para compreender a relação existente, foi a de utilização e abastecimento de água. Os assuntos mais recorrentes relacionados a esta categoria foram o alcance do abastecimento de água das casas, que trazem diversas consequências e necessidades diferentes, além de vantagens e desvantagens da proximidade com

nascentes. Quanto ao primeiro ponto, a maior parte dos relatos apontou dificuldade de alcance a muitas moradias pelas empresas Águas do Rio e CEDAE, as quais são responsáveis pelo serviço de distribuição de água nas favelas. Como consequência disso, manteve-se a cultura de canalização e coleta de água a partir das nascentes próximas, já que as águas saem limpas da mata. A proximidade com essas nascentes traz, para além deste último uso, vantagens diversas, como lavar roupa, tomar banho e nadar em cachoeiras. Além disso, foi levantada a questão da necessidade de proteção das nascentes, pois muitas secaram e a maioria está bastante poluída, seja por resíduos sólidos, seja por esgoto. Algumas ações já são implementadas nessas favelas com o objetivo de limpar os rios, como mutirões e projetos.

Quadro 8: Conhecimento sobre o Parque Nacional da Tijuca

Categoria final: Parque		
Definição: O conceito de Parque para os moradores é bastante "alienígena", pouco conhecido por eles, apesar de muitos frequentarem algumas áreas do Parque quando visitam cachoeiras, fazem trilhas e entram na mata para outros tipos de utilização, como o uso religioso, prática bastante comum entre fiéis de matriz africana a protestantes. Além disso, a relação entre a comunidade e o Parque é tanto conflitiva, quanto harmoniosa. Conflitiva porque há influência do discurso preservacionista na estigmatização das favelas, além de haver o desafio de preservação pelos moradores, que não existe por vezes. E harmoniosa por não haver atrito entre os moradores e o Parque.		
Categoria intermediária	Subcategoria	Trechos retirados das falas dos entrevistados
Conhecimento - 7	"Alienígena" - 3	Maitaca: A galera não entende como parte. Essa ideia de Parque é muito alienígena (...) no sentido de vir de fora, né? O que que é um Parque; o que que é isso; qual a minha parcela nisso; eu tô dentro de um Parque, eu sou o Parque, né? E isso... essa discussão é totalmente fora aqui da realidade. Tem a zona de mata do Borel, é a área de mata do Borel. Papagaio: Não, assim, eles não tem esse costume, não. Acho que o tanto que falou quando a gente até conversou, "ah, vamos no Parque Nacional" porque eu falei "gente, a gente tá na Floresta da Tijuca, faz parte, é uma coisa só." "Ah, tá." Mas assim, eu acho que o a comunidade acho que não se identifica muito como parte do da Floresta da Tijuca. Bacurau: Ele entender que ali era uma área de amortecimento, que é uma área de um Parque, mas ao mesmo tempo é uma área de floresta. Né? E às vezes ele nem sabia que era uma área de amortecimento que também nem sabia que era uma área que estava ligada ao Parque. Mas ele sabia que era uma área de floresta.
	Visitação - 4	Azulão: A gente quer muito fazer com que as pessoas tenham consciência da importância do Parque. Cuidem dele, façam passeios, vão por conta própria, comecem elas mesmas a querer conhecer. Bacurau: (...) hoje eu sei que ele é bastante frequentado por moradores e sabe que ele existe. Tucano: Conheço, frequentei muito quando criança. (...) As pessoas na favela conhecem e frequentam Maitaca: As pessoas hoje encaram o parque como esse lugar fechadinho que eu vou lá lá visitar a natureza, mas eu não faço parte dela.
Utilização - 9	Cachoeira - 4	Maitaca: Tem uns meninos que sobem e vão procurar os lugares e vão procurar a cachoeira pra nadar. Papagaio: A gente já fez algumas excursões lá, né? De levar as crianças pra usufruir do Parque Nacional, de frequentar as cachoeiras (...) porque a gente tem umas cachoeiras aqui em cima também de fácil... que dá pra acessar a pé, então a gente também fazia esse trabalho com eles. Azulão: (...) muito usado também lá pra parte da Borda do Mato, que já é lá no Bico do Papagaio, que ali tem quatro cachoeiras ali. Tem a primeira que é logo na subida e tem mais outras três no trajeto que você faz pra poder chegar no Bico do Papagaio. Tucano: As pessoas vão para visitar cachoeiras.
	Religioso - 2	Maitaca: (...) a religião é o espaço que mais usa as áreas de floresta aqui. Seja o pessoal de matriz africana, que é os espaços ali da subida do Alto da Boa Vista, e também as igrejas pentecostais que usam esses montes, né? São os montes que estão dentro da área do Parque. Maitaca: (...) e interessante, é uma cultura religiosa que é parecida com essa de matriz afri... ela tem (um traço?) de matriz africana ali. Tem essa coisa da natureza, do estar ali.
	Trilha - 3	Azulão: Eu já fiz muito. Hoje, faço menos. (...) Aqui tem um último mirante que, em vez de você ir pra Tijuca Maior, que é aquela última pedra grandona lá, é Pico da Tijuca (...) se você seguir a trilha lá pelo Alto da Boa Vista e vim pra direita, tem um mirante que ele dá pra cá. Azulão: Então, a gente consegue acessar o Parque chegando nesse mirante. E aí depois a gente vai pro Pico da Tijuca. A gente fazia muito isso. Inclusive o trajeto que a gente faz aqui por dentro a gente encontra vestígio de de senzalas. Construções de de tijolo, aí tem corrente na parede, tem nesse trajeto, só que não é uma trilha oficial do Parque e é uma coisa muito mais pra quem é Andaraí mesmo. "Vamos no pico perdido? Vamos!", mas ninguém desce aqui pra pegar ônibus pra subir o Alto, pra soltar lá e fazer. A gente entra por aqui mesmo em um buraco, vai embora e sai lá. Tucano: As pessoas têm interesse em fazer caminhadas, ir aos picos dentro do Parque para fotos, trilhas...
Relação com a comunidade - 3	Conflitivo - 2	Bacurau: Aqui é uma comunidade, como você já falou, está numa zona de amortecimento do Parque Nacional da Tijuca, onde tem tudo a ver com o Parque, que é uma área protegida por lei, então, assim, queira ou não queira, muitas coisas do Parque acaba resvalando aqui dentro da comunidade e a própria comunidade também acaba impactuando dentro do Parque Nacional da Tijuca. Tucano: Reconheço como um desafio porque muitas vezes os moradores não preservam.
	Harmoniosa - 1	Bacurau: Mas eu acho que é da relação do morador com o Parque e do Parque com o morador, o atrito... aqui da nossa área não tem.

Quanto à categoria apresentada no quadro acima (8), temos que o conceito de Parque para os moradores é bastante "alienígena", como disse um entrevistado. Com isso, ele apontou que é um termo distante e pouco conhecido por eles, apesar de muitos frequentarem algumas áreas do Parque quando visitam cachoeiras, fazem trilhas e entram

na mata para outros tipos de utilização, como a de uso religioso, prática bastante comum entre fiéis de matriz africana a protestantes. Além disso, a relação entre a comunidade e o Parque é tanto conflitiva, quanto harmoniosa. Conflitiva porque há influência do discurso preservacionista na estigmatização das favelas, além de haver o desafio de preservação pelos moradores, que não existe por vezes. E harmoniosa por não haver atrito entre os moradores e o Parque.

Diante das respostas dos entrevistados, pudemos perceber como grande parte dos moradores não têm familiaridade com o termo Parque Nacional da Tijuca e não fazem ideia de que moram no seu entorno, o que revela que pouco é falado sobre as ações do Parque e não é percebido como uma política pública de conservação da Floresta da Tijuca, que tanto é visitada, inclusive por alguns moradores das favelas do entorno do PNT. Com as informações apresentadas pelas lideranças, identificamos que preferem frequentar outros ambientes de lazer, como praias da Zona Sul. Com tudo isso, o conhecimento sobre o Parque não é tão presente nessas favelas, nos trazendo reflexões sobre a importância de se falar sobre ele, assim como do Refauna, nas devolutivas e ações que ofereceremos nas comunidades participantes ao final da pesquisa.

Na etapa de entrevistas estruturadas, optamos por produzir um questionário que pudesse ser preenchido pelo próprio morador além do que nós utilizamos para entrevistar, ambos apresentados, respectivamente, em anexo a este relatório (Anexos 2 e 3). Entretanto, observamos que algumas perguntas não eram respondidas, principalmente as discursivas, o que reduziu o alcance qualitativo da pesquisa. Já os questionários preenchidos pelos entrevistadores obtiveram praticamente todas as respostas, com um caso de interrupção da entrevista por necessidade de trabalho do entrevistado. Foi perceptível, durante as entrevistas, o interesse no tema ou em contribuir, embora em várias das perguntas sobre o Parque e a fauna houvesse uma frequente impressão de distanciamento. Ao todo, conseguimos obter 101 entrevistas, as quais nos permitiram sistematizar os dados para gerar as análises.

Forma de Preenchimento do Questionário

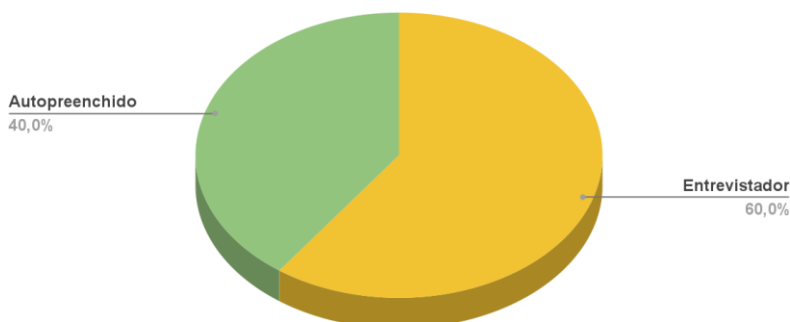


Figura 6: Porcentagem de questionários autopreenchidos e preenchidos por entrevistadores.

Para a análise utilizamos a planilha gerada automaticamente, organizada de acordo com os dias de campo, as favelas onde atuamos, a quantidade de entrevistadores e entrevistados, entre outras informações. A partir dos dados obtidos em campo, geramos alguns gráficos interessantes de acordo com as respostas de cada favela, apresentados abaixo juntamente às fotos dos dias de aplicação. A aplicação de questionários se deu nas favelas do Borel (18/11); Chácara do Céu (03/12 e 29/01); Formiga (05/12); Andaraí e Morro do Cruz (06/02); e Borda do Mato (12/03).

A aplicação piloto de questionários se deu no Morro do Borel. Neste dia, subimos o Borel de mototáxi e nos encontramos todos no ambiente de atividades da JOCUM Borel pois no dia teria reunião com os moradores. Chegando lá, organizamos a mesa com a ajuda dos responsáveis pelo local para começar a oficina de utilização da jaca como “carne”. Essa oficina foi o evento que nos permitiu aplicar, pois foi uma das organizações que nos solicitou que levássemos algo “em troca”. A oficina foi realizada pela voluntária Krishna e, após a apresentação, fomos entrevistando os moradores presentes no local. No final, entrevistamos, também, o líder da JOCUM Borel. Neste dia, por ser a aplicação piloto, não tínhamos o material de autopreenchimento, o que não nos permitiu ter uma grande quantidade de respostas.



Figura 7: Oficina de “carne” de jaca no JOCUM Borel em dia de aplicação de questionário

Na primeira aplicação de questionário na Chácara do Céu (03/12), nos encontramos na Praça dos Cavalinhos (Praça Comandante Xavier de Brito) e subimos com a kombi, que foi disponibilizada pelo projeto do Roda Viva. Inicialmente, houve a reunião mensal com os responsáveis dos alunos participantes do projeto e aproveitamos a oportunidade de que estavam todos reunidos para aplicar o questionário. Além da aplicação do questionário com o auxílio dos voluntários, testamos o formato autopreenchido pela primeira vez para otimizar o tempo, mas percebemos que as pessoas deixavam de responder as perguntas discursivas consideradas cruciais para a análise final. Durante a aplicação houve uma interrupção de uma responsável descontente com uma ação do projeto, mas o conflito foi mediado pela diretora e pudemos seguir com as aplicações. Além dos questionários de autopreenchimento, os voluntários também foram obtendo as respostas pelo questionário impresso e diretamente pelo tablet fornecido (o formato digital se mostrou mais eficaz, pois não precisamos fazer a transição do papel para o virtual depois). Após a aplicação, houve uma palestra feita pela Isaura com o material do Refauna e notamos que os responsáveis adoraram, demonstraram interesse pelo tema e também contribuíram com relatos. Ao final, a kombi do projeto nos deixou novamente na Praça.



Figura 8: Equipe com integrantes da iniciativa Roda Viva após aplicação de questionários com o público do projeto.

No dia da segunda aplicação na Chácara do Céu (29/01), nos encontramos no ponto das kombis em frente à padaria e subimos em uma kombi que o pastor contactou para a gente. Chegamos minutos antes do fim dos estudos dominicais e fomos recebidos pelo interlocutor, que nos recebeu, mostrou o espaço e conheceu um pouco o nosso grupo. Logo acabaram os estudos e todos se reuniram no salão onde ocorrem os cultos. Após uma breve apresentação do projeto, começamos a aplicação dos questionários. Quatro pessoas preferiram o autopreenchido (um deles desistiu e preferiu que aplicássemos, era um rapaz de 20 anos e estava muito inseguro e nervoso após um grande tempo de tentativa de preenchimento, mas respondeu super bem as perguntas). A aplicação dos questionários foi bem rápida e tranquila. Quando acabamos, o pastor e sua equipe nos serviram sanduíches feitos por eles e contaram um pouco da história da igreja, inclusive da região, a qual era uma zona de muito conflito por ser a interseção do Borel e da Chácara do Céu. Disse que os moradores da Chácara do Céu são apenas cerca de 10% dos fiéis e que a grande maioria é moradora do Borel justamente pelo receio de exposição à violência no trajeto para a igreja. Apesar de ser um ambiente aparentemente tranquilo com aspecto rural, a janela e uma das paredes da sala do pastor tinham uma marca de tiro. De qualquer forma, não vivenciamos nenhuma forma de hostilidade ou violência. No final, o pastor organizou uma kombi para descer com o grupo.

A aplicação de questionários na Formiga se deu após conhecermos a Horta Carioca. Para chegar lá, nos encontramos na esquina onde ficam os mototaxistas do Morro da Formiga, onde o voluntário Celso nos buscou de carro e subimos até a Horta. Lá,

observamos a horta cuidada pela liderança e mais 2 ajudantes e os ajudamos a levar as doações num posto de saúde próximo, indo de carro com ele. Ao chegarmos no posto, as doações foram distribuídas e, depois, entrevistamos alguns idosos e o próprio líder da organização utilizando o aplicativo *ArcGIS Survey123* e, também, algumas folhas impressas. Finalizadas as entrevistas, retornamos ao ponto dos mototaxistas e fomos embora.

No dia 06/02/2023, tivemos a aplicação no Andaraí e, posteriormente, no Morro do Cruz. Encontramos a voluntária Luisa e o padre na Igreja e partimos para a primeira missa no Morro do Cruz, onde a assistimos e, no final, o padre nos deu espaço para falar sobre a pesquisa e pedir para entrevistar os fiéis presentes no local, as quais fizemos utilizando o *ArcGIS Survey123* e alguns questionários impressos. Finalizadas as entrevistas, nos ofereceram lanche e fomos para a segunda missa no Morro do Andaraí. Aguardamos a missa terminar e, da mesma maneira, o padre nos deu espaço para pedir que ficassem para serem entrevistados. Entrevistas finalizadas, o padre nos deixou na primeira Igreja, onde nos encontramos inicialmente, e fomos embora.



Figura 9: Missa que precedeu a aplicação de questionário no Morro do Andaraí

No dia da aplicação feita na Borda do Mato (12/03), encontramos o presidente da Associação de Moradores do Andaraí na frente da entrada de Furnas da Borda do Mato. O evento estava sendo montado logo acima, ao lado do campinho. Fomos apresentadas ao presidente da associação de lá, esperamos outros convidados e fomos conhecer a associação, que ele está recuperando há 1 ano e 2 meses com recursos da cobrança pelo uso do campo, mas o pessoal tá parando de jogar porque tem que pagar. Ele nos contou que, na parte de cima da comunidade, tem um reflorestamento e que ele já tinha tentado

evitar que pessoas construíssem casas ali perto, mas que era difícil, que muitos da comunidade tinham vindo recentemente do Nordeste e não conheciam a mata, só faziam o percurso casa-trabalho-casa. Também fomos apresentados à líder da ONG Moral de Cria. Entrevistamos as pessoas que foram chegando para trabalhar ou aproveitar a feira. A pesquisadora Joana começou pelo pessoal que estava reunido em frente ao bar do campo, onde havia 3 gaiolas, uma com canário, outra com trinca-ferro e outra com bicudo. Mais acima, ao longo das casas, vimos mais gaiolas com trinca-ferro e outros pássaros. Um dos entrevistados foi presidente da associação por 8 anos, mas desistiu porque “era muito trabalho e ingratidão”. Listou vários afazeres que foram anotados ao longo do questionário. Contou que a situação está melhor, que na época dele teve até que remover corpo do mato. Disse que conhece tudo, que já andou muito, que natureza é tudo para ele. Infelizmente estão fazendo mais casas e até esgoto na cachoeira já tem. Agora já não anda tanto porque só tem que cuidar da própria vida. A Águas do Rio chegou e montou uma atividade com as crianças, chegou um grupo de samba e mais gente, mas quando se aproximava de 14h fomos embora.

Favela onde foi aplicado

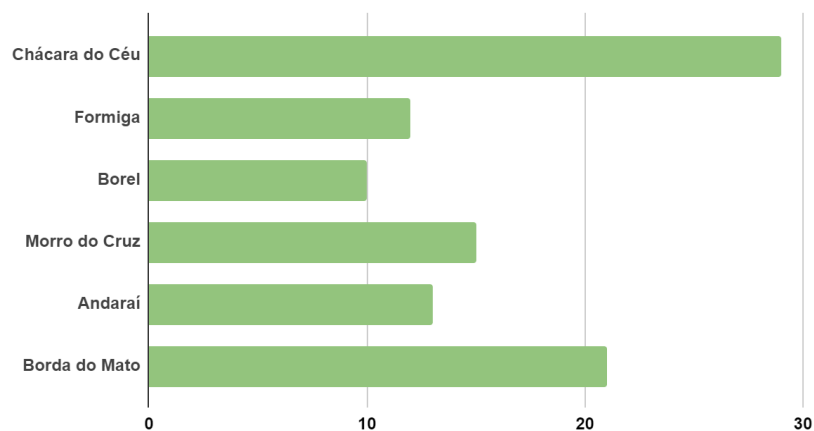


Figura 10: Quantidade de questionários aplicados por favela

Para conhecer o perfil das pessoas entrevistadas, perguntamos a idade, o gênero, a cor/raça, escolaridade, ocupação, religião, tempo de moradia no local, abastecimento da casa, se possuía animal de estimação e sobre participação em iniciativas comunitárias, conforme apresentamos a seguir.

Faixa etária

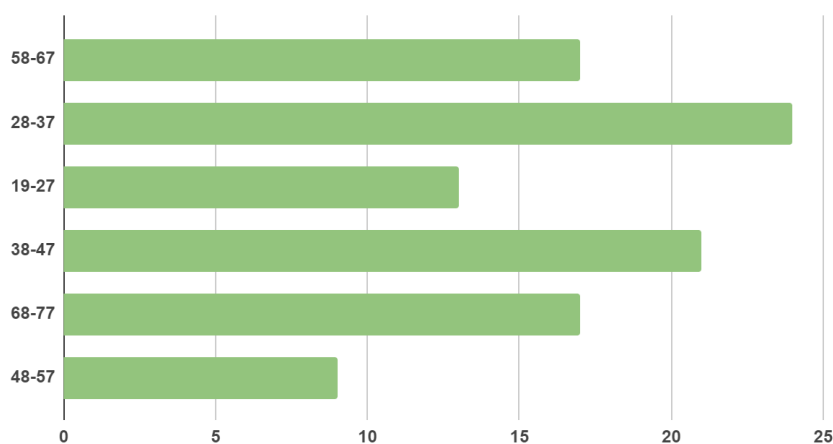


Figura 11: Comparação dos números de respostas de acordo com a idade

Na figura 11, podemos perceber que obtivemos uma maior quantidade de respostas pela faixa etária a partir dos 28 aos 37 anos, variando a proximidade deste valor de acordo com as favelas. No Borel, não conseguimos obter muitas respostas por ser o primeiro dia e não termos pronto o questionário de autopreenchimento, além de não termos tantos voluntários para aplicar. Já na Chácara do Céu, percebemos que o público era de uma faixa etária mais intermediária (28,6% entre 19-27 e 35,7% entre 28-37) nos locais de coleta, o que podemos atrelar ao fato de termos aplicado o questionário com pais de crianças atendidas pelo projeto. Enquanto isso, na Formiga observamos um público majoritariamente de 58 anos para cima. Isso se deu pela coleta ter ocorrido no posto de saúde em uma atividade voltada para idosos. No caso do Morro do Cruz e no Andaraí, observamos que o público de ambos era mais diverso, porém a maioria apresentou faixa etária elevada, coletas essas feitas em missas.

Gênero

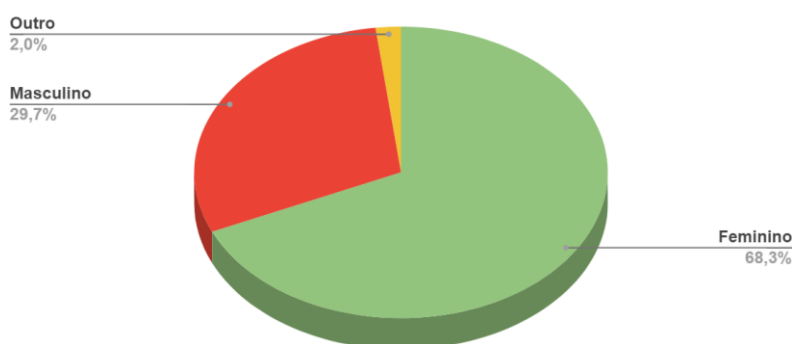


Figura 12: Comparação dos números de respostas de acordo com o gênero

Em relação ao gênero, observamos maior participação de mulheres do que homens e outros (figura 12), inclusive se compararmos aos dados censitários podemos perceber

que esse número é maior. Talvez isso se deva aos tipos de atividades nas quais aplicamos os questionários. No caso da Chácara do Céu, tínhamos responsáveis pelas crianças do projeto, refletindo o tradicional papel de cuidado dos filhos, que na sociedade patriarcal é mais ocupado por mulheres, enquanto homens praticam outras atividades. No caso da Formiga, o resultado foi um pouco mais equilibrado, público esse que estava no posto de saúde. Já no Morro do Cruz, onde os questionários foram aplicados em uma igreja, também observamos uma boa diferença nos números, ainda apontando que mulheres predominam.

Cor/Raça

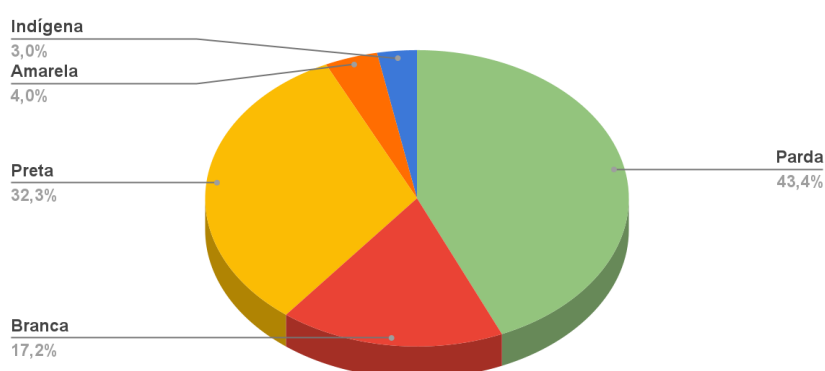


Figura 13: Respostas sobre o autorreconhecimento de cor/raça.

Sobre o quesito cor/raça, os resultados variaram majoritariamente entre pardos, pretos e brancos, com prevalência de pardos, com 43,4%, e pretos, com 32,3% (figura 13). Ressalva-se que optamos pelo termo “raça” reconhecendo que na sociedade em que vivemos esse termo ainda tem predominância sobre o termo etnia. Entretanto reafirmamos a inexistência de qualquer base científica que o ampare, sendo apenas um uso de senso comum.

Escolaridade

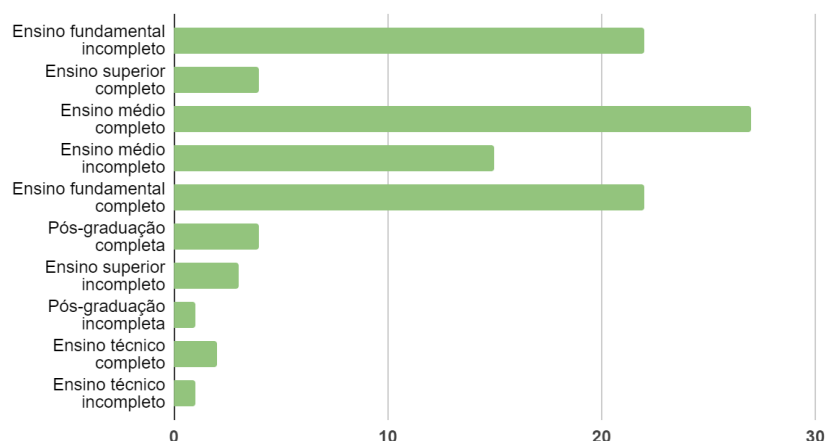


Figura 14: Número de entrevistados por escolaridade

Quando falamos sobre escolaridade, podemos observar certa variedade, mas, ainda assim, grande parte dos residentes chegou ao Ensino Médio completo (figura 14). Entretanto, muitos participantes atingiram apenas o ensino fundamental, em grande parte incompleto. Isso reflete as condições e falta delas quando se fala sobre a educação para populações periféricas, assunto recorrente nas entrevistas com os líderes, que apontavam a falta de políticas públicas voltadas ao ensino nas favelas. O ensino técnico foi a escolaridade com menos respostas e, felizmente, tivemos também alguns participantes pós-graduados.



Figura 15: Nuvem de palavras com as ocupações/profissões declaradas pelos entrevistados.

Quanto à ocupação desses moradores, achamos interessante trazer uma nuvem de palavras, imagem que mostra os termos mais recorrentes em maior tamanho, para ilustrar os trabalhos mais frequentemente exercidos (figura 15). Utilizamos a plataforma *Mentimeter* para criá-la. Como podemos observar, em geral, a maioria dos participantes se encontra com aposentadoria, seguido por muitas mulheres trabalhando como dona de casa, doméstica e autônoma. Além disso, observamos que o desemprego foi bastante presente nas respostas. Com estes dois últimos dados, podemos apontar duas observações sobre a ocupação dos entrevistados: 1) a prevalência do trabalho doméstico entre mulheres; e 2) a falta de assistência e oportunidades de trabalho para moradores de favelas, deixando-os em situações economicamente vulneráveis.

Religião

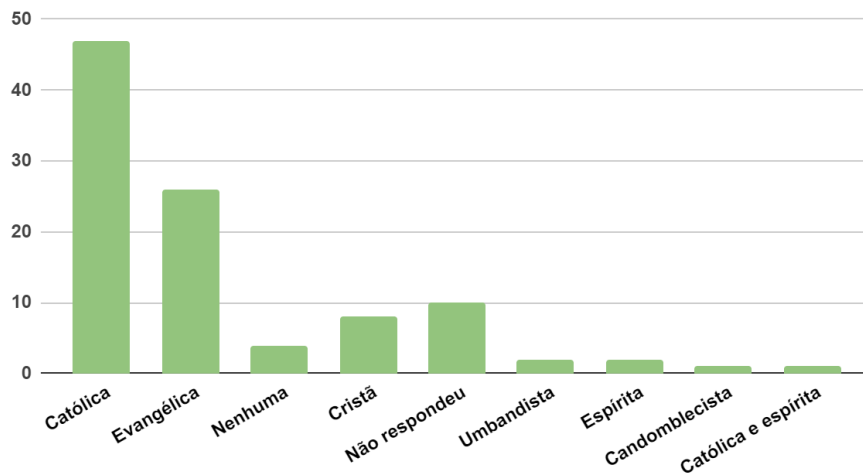


Figura 16: Comparação dos números de respostas de acordo com a religião

No que diz respeito à religião, achamos interessante trazer quantitativamente a frequência com que as diferentes crenças apareceram, visto que uma principal utilização da mata pelos moradores é relacionada a práticas religiosas, como observamos nas análises das entrevistas com as lideranças. Anteriormente, observamos que o maior uso da mata por religião é feito por fiéis de crença protestante ou de matriz africana. Quando olhamos para esse gráfico, entretanto, percebemos que a maior parte dos moradores são católicos, ou seja, provavelmente há pouca utilização religiosa da mata pelos moradores que responderam os questionários (figura 16). É importante lembrar que houve aplicação de questionários na Igreja Batista, incluída na categoria evangélica, e em duas paróquias, tendo sido a do Andaraí em uma missa muito numerosa por ter ocorrido em homenagem a um morador bastante querido na comunidade. Desta forma, reiteramos que o objetivo dessa caracterização é apenas conhecer o perfil dos respondentes, não gerar estatísticas sobre as favelas como um todo.

Há quanto tempo mora no local

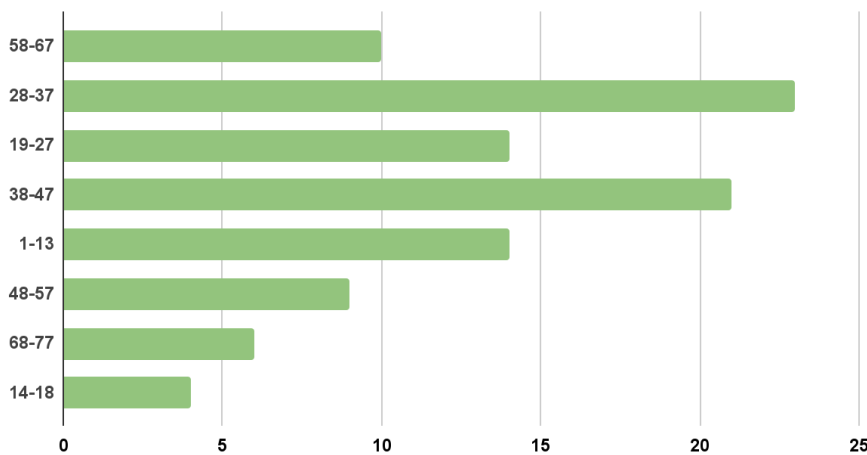


Figura 17: Comparação dos números de respostas de acordo com o tempo de residência na favela aplicada

Assim como na questão da religião, podemos traçar uma relação entre as respostas das lideranças e as dos moradores. Grande parte deles mora entre 28 e 47 anos naquelas favelas (figura 17), enquanto as mais frequentes faixas etárias constatadas ficaram entre 28 e 47 anos, o que mostra que grande parte dos entrevistados são “crias” de seus locais, ou seja, nasceram e se criaram lá. Como vimos na discussão sobre a categoria “Mata” na categorização das entrevistas com as lideranças, foi possível relacionar diretamente o tempo de moradia com um maior ideal de preservação da mata, portanto quanto mais tempo mora na favela, maior proteção à mata existe.

Origem de abastecimento de água da casa

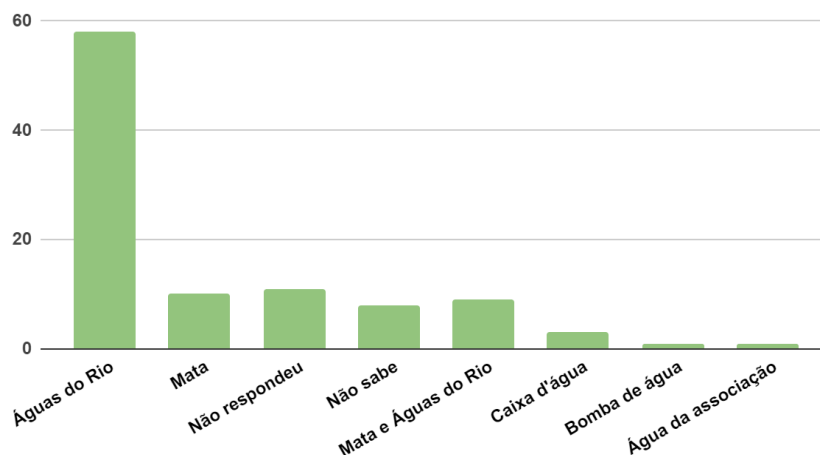


Figura 18: Comparação dos números de respostas de acordo com a origem de abastecimento de água

Podemos observar com o gráfico acima que a maior parte das casas é abastecida pela empresa Águas do Rio (figura 18), apesar de ter sido apontado pelas lideranças que o abastecimento é precário, em grande parte por ela não ser capaz de alcançar toda a

comunidade com constância. Por isso, muitos dos moradores apresentam necessidade de buscar água na mata, seja por canalização, seja por coleta manual e bicas colocadas em nascentes. Em algumas favelas essa canalização de água é feita de forma organizada comunitariamente, o que pode explicar a resposta “água da associação”. Outra possibilidade é que o abastecimento por “bomba de água” refira-se a poço artesanal, porém não podemos confirmar essa hipótese. De todo jeito, fica bastante clara a fundamental importância das nascentes do maciço para a garantia do acesso a água.

Podemos visualizar a comparação com a figura 19, que demonstra quais os tipos de coleta mais comuns pelos moradores - ficando a água entre os dois mais comuns. Além disso, observamos que a cultura de coleta de frutos - segundo mais comum - e mudas da mata é bastante presente nessas favelas. Também chamam a atenção as respostas sobre lenha e ervas medicinais, embora alguns itens exóticos provoquem o questionamento sobre que locais estão sendo considerados “mata”. Inclusive, predominam as denominações da porção florestal como “Floresta da Tijuca” e “mata”, ainda que tenha tido uma diversidade nos nomes que dão, sendo alguns de cunho religioso. Nota-se, ainda, a expressividade da resposta caça, especialmente considerando que os entrevistadores apresentavam-se como equipe e voluntários do Parque Nacional.

O que coleta na mata

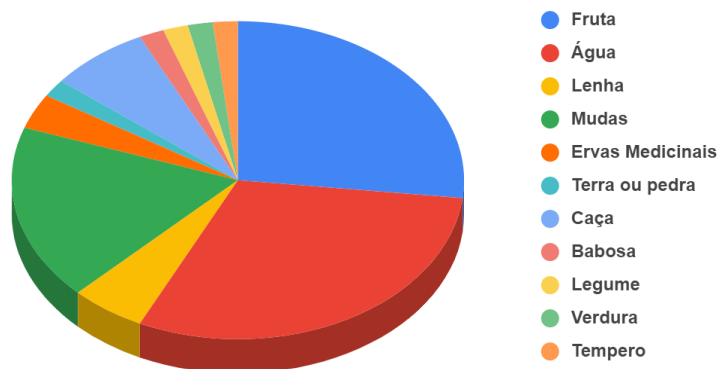


Figura 19: Comparação do tipo de coleta feito pelos moradores na mata

Essa prática de coleta comum pode ser explicada pela proximidade com a mata. Como observamos na figura abaixo (20), a grande maioria respondeu que mora de mais ou menos a muito perto da mata, ou seja, poucos apontaram morar longe ou muito longe.

Quão próximo mora da mata

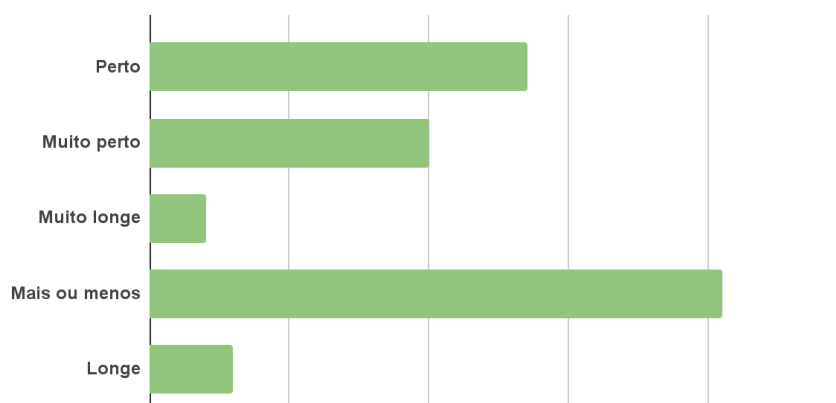


Figura 20: Proximidade da moradia com a mata

Também pudemos observar que, dos que responderam, tivemos a maioria relatando que utiliza a mata para ou recreação, ou coleta, ou os dois. Como podemos ver abaixo (figura 21), além desses usos principais, também há um objetivo contemplativo frequente, seguido do religioso, esportivo e uma resposta “para tomar banho”, que não deixa claro se no sentido recreativo ou de higiene. No caso do religioso, podemos fazer um diálogo com o que foi relatado pelo Pastor que entrevistamos: muitos dos fiéis utilizam a mata com objetivo religioso, uns sobem o monte para orar, outros para fazer trabalhos espirituais, outros para concentrar sua fé nas orações e assim por diante.

Se faz uso da mata

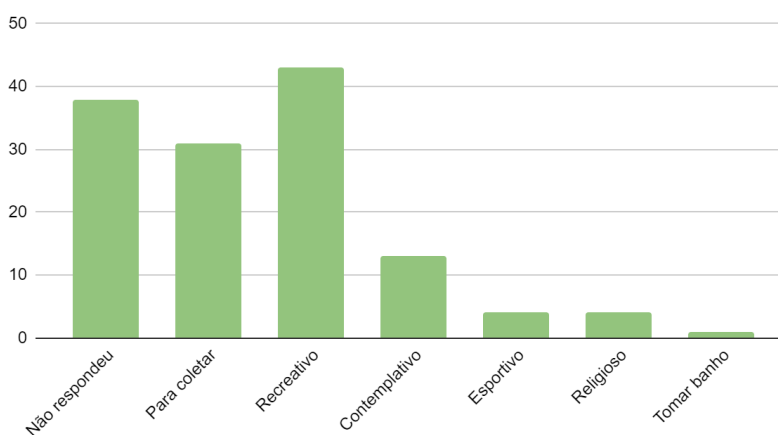


Figura 21: Frequência do tipo de uso da mata pelos moradores

Frequência com que vai na mata, caso vá

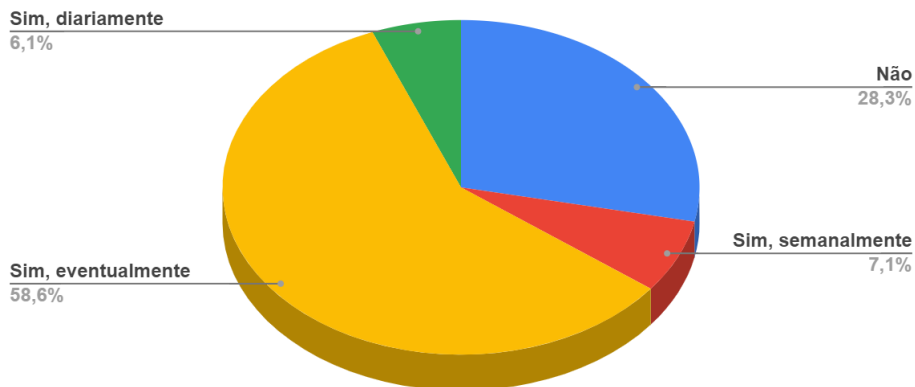


Figura 22: Frequência com que os moradores visitam a mata

Com a figura acima, podemos observar que a grande maioria frequenta a mata pelo menos eventualmente. Quando relacionamos essa informação com as respostas dos moradores sobre quais locais frequentam, temos que visitam majoritariamente cachoeiras (31 citações), trilhas (12 citações) e a Floresta da Tijuca no geral (5 citações), estas últimas atreladas à recreação ou ao Alto da Boa Vista, bairro em que se localiza a entrada do setor A do PNT e onde também encontramos diversas cachoeiras, trilhas e belas vistas para contemplação.

Se conhece o Parque Nacional da Tijuca

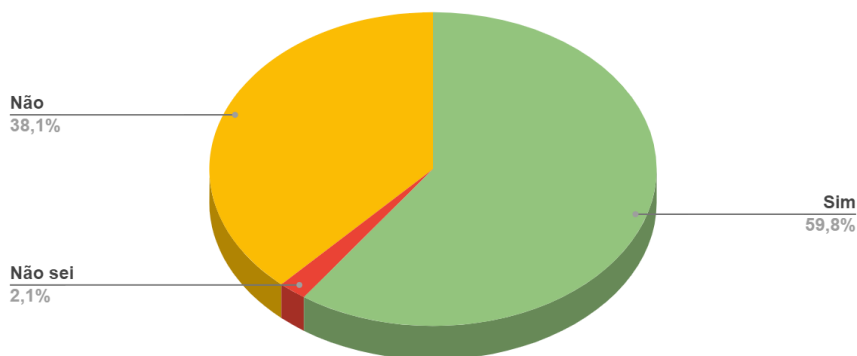


Figura 23: Respostas voltadas ao conhecimento do PNT pelos moradores

No que diz respeito ao conhecimento do Parque Nacional da Tijuca, observações das lideranças apontaram que muitas pessoas não sabiam que os lugares que frequentavam desde pequenos fazem parte do PNT, como cachoeiras e trilhas. Apesar disso, 59,8% das respostas dos moradores a respeito do conhecimento do Parque foram

positivas. Durante a aplicação dos questionários foi possível perceber, porém, que não há clareza sobre que locais fazem parte do Parque, onde exatamente estão localizadas suas fronteiras. Na montagem do questionário, replicamos parte das perguntas sobre a mata perguntando a respeito do Parque com o objetivo de averiguar aproximações e distinções entre essas noções. O resultado foi de muita confluência, embora com um algum distanciamento e imprecisão a mais nas respostas sobre o Parque. A pergunta “Essa mata é vizinha ao Parque Nacional da Tijuca, você sabia?” foi incluída ao final, apenas para trazer uma abordagem dialógica ao questionário. 65,7% dos participantes responderam positivamente, porém seu formato indutivo não permite considerar esse quantitativo.

Comparando a pergunta acima (se conhece o Parque) à anterior (frequência com que vão à Mata), tivemos, aqui, como locais mais frequentados no Parque pelos que responderam à pergunta, a grande maioria citando cachoeiras, outros o Alto da Boa Vista, bairro em que uma entrada do Parque fica localizada, outros Floresta da Tijuca no geral. Muitos relataram visitar bastante pontos turísticos como mirantes, nos quais chegam fazendo trilhas, e a Vista Chinesa. Alguns ainda disseram frequentar todo o Parque, enquanto outros relataram o oposto: não frequentam. Uma das respostas que mais chamou nossa atenção foi a de um único morador que escreveu “aqui já faz parte, eu moro”, demonstrando se sentir parte tanto da mata, quanto percebendo esta como parte do Parque. A comparação dessas respostas com a frequência com que frequentam a “mata” revela que muitos não entendem a mata do entorno como parte do Parque, pois por vezes disseram não frequentar algum lugar do Parque, mas afirmaram frequentar a mata.

Quando questionamos para que serve o Parque Nacional da Tijuca, tivemos diversas respostas. Entre elas, alguns apontaram a função conservacionista, mas a maioria trouxe a recreação como resposta (trilhas, passeios, lazer...). Outros apontaram funções como a de educação ambiental e qualidade de vida, por apresentar serviços ambientais (ar puro, por exemplo). Apesar disso, muitos dos moradores não responderam ou disseram que não conheciam/não sabiam o que é o PNT. Diante disso, fica evidente a necessidade de falarmos sobre o Parque e expôr sua função.

A seguir, apresentamos as respostas dos moradores que trouxeram informações sobre pontos positivos, negativos ou neutros de se viver perto da mata e da existência desta para a cidade; conflitos humano-fauna e quais as interações mais comuns com animais silvestres; criação de animais domésticos; e a percepção deles sobre a

reintrodução de animais silvestres na mata próxima. A maioria desses dados nos permitiram criar planilhas e gráficos ilustrativos, apresentados abaixo.

Duas questões que abordamos com os moradores foi a opinião deles sobre morar próximo à mata e as vantagens e desvantagens da mata para a cidade, buscando entender o que enxergavam como pontos positivos, negativos e outros. Assim, organizamos as respostas em quadros (9-14) para melhor análise de acordo com suas respectivas favelas e o teor das falas, os quais estão apresentados abaixo e [aqui](#). Os comentários positivos foram mais presentes tanto para opiniões sobre morar próximo à mata, quanto para as relacionadas ao que a mata oferece à cidade, sendo necessário um corte dos quadros para que coubessem na página. Os elementos percebidos refletem serviços ecossistêmicos providos pela floresta e a afetuosidade entre os moradores e esta.

Quadro 9: Pontos positivos de viver perto da mata

Favela	Respostas retiradas dos questionários
Chácara do Céu	"Bom (...)"
	"Positivo: tranquilidade, silêncio, oxigênio, ar puro e presença da fauna e flora (...)"
	"Os pontos positivos é que temos água a vontade e uma fonte, e a importância que representa para nossas crianças e outros darem valor."
	"Positivo- o ambiente em si (...)"
	"Positivo- natureza (...)"
	"Energia boa. Oportunidade de passeio"
	"Positivo: a mata é boa para quem frequenta. (...)"
	"Ar que a gente tem"
	"Positivo: natureza, ventilação, ar fresco, faz bem. (...)"
	"() Positivo: relação com a natureza e seus benefícios."
	"Ar fresco"
	"Ar fresco"
	"() Positivo: sombra"
	"Positivo: ar puro e animais livres (...)"
	"Positivos: lugar bonito, fresco e bem visto (...)"
	"Ar puro. boas energias"
	"Positivo: a brisa, frescor"
	"Positivo: ar puro, tranquilidade, água"
	"Positivos: ar menos poluído e clima agradável, som de pássaros. (...)"
	"Positivos: ambiente é refrescante, agradável pois possui bastante árvores (...)"
"Positivo: está próximo a natureza, e próximo dos animais da floresta (...)"	
"Pontos positivos, a natureza"	
Formiga	"Tudo é bom"
	"Positivo-legal (...)"
	"Positivo: ar puro"
	"Positivo- ar puro (...)"
	"Positivo: ar puro, bom (...)"
	"Positivo: ótimo (...)"
	"() Positivo: o bom é que pode coletar água da mata, pois costuma falar a da Cedae."
	"Acesso à água pura. (...)"
	"Comunidade pacata, aconchegante. Ar bom"
	"() Positivo: identificação com o ser parte, voltar a ser parte da natureza; Clima (fresco); Sustentavelmente retirar materiais para a horta"
Borel	"() Positivo: água coletada"
	"Positivo: mais fresco (...)"
	"Acho bom porque tem frutos, mato. (...)"
	"Passear, ar puro, animais, natureza"
	"Local bom, da natureza. (...)"
	"Legal, vantagem pra conhecer, fazer passeio sem dificuldade por ser perto"
	"É bonito. sente a diferença na qualidade do ar. (...)"
	"Natureza faz bem para a saúde."
	"Tudo de bom"
	"Ar puro e sombra. (...)"
Morro do Cruz	"Positivo porque é fresco"
	"Só positivo: área de lazer, atividades, contato com os animais"
	"Positivo: noite bem fresca. (...)"
	"Positivo: ar fresco, tranquilo (...)"
	"Positivo: ar fresco, proximidade com a natureza (...)"
	"Positivo: acesso a frutas sem agrotóxicos e plantas nativas. (...)"
	"Positivo: o verde, mais fresco."
	"Positivos: ar puro"
	"Positivos: respirar ar puro, admirar a natureza."
	"Positivo: respirar "ar puro" por enquanto, contemplar a beleza da criação, sentir a paz interior. (...)"
Andaraí	"Positivo: frescor que ela trás"
	"Positivos: ar puro"
	"Positivos: receber da natureza um ar mais puro para nosso bairro e outros benefícios. (...)"
	"Positivo: gostoso, maravilhoso"
	"Positivos: ar um pouco mais puro, a temperatura fica mais baixa devido a mata"
	"() Positivos: visão bonita da mata, ar puro nas correntes."
	"Positivo: respiração (...)"
	"Positivos: lugar sossegado, tranquilo, sem bagunça que eu não gosto."
"Positivo: vida (...)"	
Borda do Mato	"Positivo: natureza, ar que respira, animais, contemplar, energia boa, até me emocionei"
	"Benefícios. é apaixonado. sem palavras"
	"() é um meio da pessoa vir visitar e agente ter mais preservação, manter cuidado, faz bem pra natureza."
	"Positivo, faz bem, eu gosto, ambiente natural"
	"() Positivo tem a cachoeira (...)"
	"Gosta porque é fresquinho"
	"() Bom é que é mais fresco. (...)"
	"Positivo: ar mais fresco. Sair da poluição"
	"Bom estar perto da natureza"
	"Todos os pontos são positivos amo viver com a natureza. Tem que respeitar a natureza para ela te respeitar."
"Bom é o ar da floresta. (...)"	
"(), se reslo tudo é bom. É um privilégio enorme."	
"Água, trilha"	

Quadro 10: Pontos positivos da mata para a cidade

Favela	Respostas retiradas dos questionários
Chácara do Céu	"Bom para a saúde"
	"Positivo: ter área de biodiversidade próximo da área urbana (...)"
	"Bom"
	"Positivo: água e natureza linda (...)"
	"É sempre positivo ter a natureza próxima"
	"Sim, a natureza coopera em termos de tudo, qualidade de vida, menos poluído"
	"Positivo: lazer, passear, retiro, caminhada, banho de cachoeira. (...)"
	"Positivo mais verde. (...)"
	"O ar e o verde"
	"Positivo: áreas verdes, ar mais puro, convívio com animais (...)"
	"Só positivo, pelo ar, contemplativo"
	"Positivo: controlar calor"
	"Positivos: clima, ar"
	"Positivo: as árvores tomam o ambiente da cidade mais agradável e produz sombra (...)"
Positivos: a fauna e flora, ajuda a deixar o ar mais puro	
Formiga	"Só tem benefício, a natureza é uma coisa muito linda, verde"
	"Tem que ter mata, pois ajuda a cidade"
	"Ar puro (...)"
	"Importante por causa do oxigênio, de lá vem a nossa água"
	"É bom, lugar tranquilo"
	"(...) Positivo: tudo"
	"Para a chuva forte"
	"Positivo: ajuda a diminuir o calor, gera água (...)"
Borel	"Ponto positivo: ser um resquício de vida (...)"
	"Positivo: ar puro, contato com os animais (...)"
	"Ar puro, água, passeio, interação com a natureza"
	"Positivo: ar mais puro (...)"
	"Positivo: a natureza trás um ar diferente"
	"Ar bom."
	"Menos poluição do ar."
	"Dá um ar diferente à cidade (qualidade do ar)"
	"Positivo: a paz que a mata trás. (...)"
"Muito bom"	
Morro do Cruz	"Positivo, quando quer ir para o alto o caminho é mata."
	"Área de lazer de graça, contato com a natureza (principalmente para a comunidade)"
	"Só positivo: preservação"
	"Positivo: ar (oxigênio) (...)"
	"Positivos: melhorar qualidade do ar (...)"
	"Positivo: acesso para passeios e exploração (...)"
	"Apenas pontos positivos."
	"Positivos: purifica o ar, refrescar"
	"Positivo: o ar faz muito bem para a saúde"
	"Positivo"
"Para a cidade ela é de suma importância para qualidade de vida dos moradores da cidade. As autoridades devem ter um olhar de zelo e preocupação com a preservação da mata. Executando medidas de proteção, coibindo o mau uso e as construções irregulares."	
Andaraí	"Positivo: refresco. Não vê pontos negativos. Mata é vida."
	"Ar"
	"Positivos: Os maiores e melhores possíveis, principalmente para nossas crianças. (...)"
	"Positivo: maravilhosa"
	"Oxigenação, preservação da fauna e flora"
	"Positivo: para nós trás a chuva"
	"(...) Positivos: visão bonita da mata, ar puro nas correntes."
	"Positivo: respiração, ar puro, menos poluição."
	"Positivos: sossegado, não tem nada que ver"
	"Ar livre"
"Positivo: preservação da área nativa e animais"	
Borda do Mato	"Coisa boa"
	"Positivo, as mesmas coisas"
	"Ar limpo, bem estar da comunidade, vem gente de fora pra cá no calor, bem estar emocional"
	"Benefício, aqui ajuda a manter mais o meio ambiente, evita a poluição, mais fresco, tem árvore, água"
	"Ar puro, lugar que traz benefício para gente, floresta, tranquilidade"
	"Não, para mim é positivo. traz benefício para todos nós"
	"Com certeza, se não tivesse, não tinha ar puro, o que seria da tijuca sem essa floresta"
	"Árvores, meio ambiente"
	"Tem muita cachoeira. Lazer"
	"As pessoas podem usar para o lazer."
	"Ar que respira, água, vida tranquila, já acorda na paz."
	"Floresta sempre tem importância"
"Para a cidade é positivo por causa das nascentes"	
"Natureza é sempre ponto positivo pulmão da cidade (...)"	
Positivo, refrescar a cidade.	
INDEFINIDO	"Qualidade do ar. (...)"

Quando analisamos as respostas relacionadas aos pontos positivos organizadas nos quadros acima (9 e 10), observamos que a vantagem predominante de se viver próximo à mata é a qualidade do ar que ela proporciona. Também observamos a apreciação de animais silvestres e da natureza em si, a qual é apontada como agradável por si só. Além disso, muitos apontam o controle de temperatura como um ponto positivo, já que torna o ambiente mais fresco. Também são citadas a tranquilidade e a facilidade para realizar passeios, como trilhas e cachoeiras. Quando a pergunta se voltou para as vantagens da mata para a cidade, as respostas foram bastante parecidas, tendo maior ênfase na importância da natureza para a qualidade de vida. Além disso, foi apontada a necessidade de medidas de proteção para coibição do mau uso e das construções irregulares, dada a importância da mata na qualidade de vida dos moradores da cidade.

Quadro 11: Pontos negativos de viver perto da mata

Favela	Respostas retiradas dos questionários
Chácara do Céu	(...) mas as vezes tem tiroteio"
	"(...) Negativo: fauna, mora muito próximo e aparecem jiboias com frequência, capivara, tatu, tucano"
	"(...) Negativo- o desmatamento, às vezes sem intenção"
	"(...) Negativo- desmatamento"
	"(...) Negativo: quando chove muito preocupa-se com queda de barreiras e rolamento de pedras. Queimadas."
	"Negativo: casas próximas por conta de desmoronamento. (...)"
	"Negativo: vento forte (...)"
	"(...) Negativo: mosquitos"
	"(...) Negativos: aparição de animais peçonhentos, deslizamento do terreno "
	"(...) Negativo: os insetos e o frio"
Formiga	"(...) Negativo- os mosquitos"
	"(...) Negativo: mosquito"
	"(...) Muito pernilongo, criança passa sufoco"
	"(...) Negativo- quando chove é ruim, pois o esgoto é a céu aberto"
	"(...) Negativo: micos invadem para comer e cobras"
Borel	"Negativos: oferendas deixadas (...)"
	"(...) Negativo: desabamento"
	"(...) Negativo: chuva, vento e cobra"
	"(...) Negativo: perigoso pela comunidade como é"
	"(...) Negativo: chuva. aparecem animais perigosos. o rio sobe quando chove."
Morro do Cruz	"(...) Negativo: mofa roupas, medo de cobra"
	"(...) Negativo: mosquito"
	"(...) Negativo: mosquito que pode transmitir doenças"
	"(...) Negativo: riscos de animais peçonhentos, deslizamentos."
	"Negativo: muito medo de cobras"
Andaraí	"(...) O problema é o mau uso do local por pessoas que não sabem usufruir do bem que é uma mata."
	"(...) Negativos: ver algumas degradações das nossas matas e rios e não conseguir fazer nada."
	"Negativos : moradia irregular, desmatamento, queima da mata, corte das árvores. (...)"
	"(...) Negativo: ser humano não cuida"
	"Negativo: tem muito mosquito"
Borda do Mato	"(...) Negativo: negar a vida"
	"Quando está frio é muito frio. (...)"
	"(...) Deixaram largado, agora tem esgoto"
	"Negativo: bicho perigoso"
	"(...) Ruim é os bichos que podem chegar"
	"Ruim é o mosquito. (...)"
	"(...) Negativo é o risco de desbarrancamento para algumas casas."
"(...) quando chove desce cobra."	

Quadro 12: Pontos negativos da mata para a cidade

Favela	Respostas retiradas dos questionários
Chácara do Céu	"(...) Negativo- lixo e desmatamento que é um absurdo e o relacionamento dos governantes com ela"
	"Negativo- desmatamento"
	"Desmatamento"
	"Desmatamentos"
	"Ver a mata sendo maltratada"
	"(...) Negativo: pessoas de comunidade que se refugia na mata."
	"() Negativo: a floresta em si não traz problema para a cidade, mas devido ao gás poluente presente nos carros prejudica a cidade. Em dias de fortes tempestades pode ocorrer queda de árvore."
Borel	"(...) A cidade é o ponto negativo."
	"(...) Negativo: desastres naturais (deslizamento)"
	"(...) Quando chove, árvore cai"
Morro do Cruz	"(...) Negativo: mosquito, cobra"
	"() Negativos: degradação pela população"
	"(...) Negativo: quando invadido territorialmente, os silvestres nativos invadem área da cidade atrás de alimento"
Andaraí	"Negativos: moradia irregular, desmatamento, queima da mata, corte das árvores. (...)"
Borda do Mato	"(...) Negativo - guardas florestais, antigamente tinha, quando as casas usavam madeira pra construir, hoje não tem mais guardas, o que é ruim."
INDEFINIDO	"(...) Negativo: desastres naturais"

No que diz respeito aos pontos negativos, foi bastante comum o incômodo com os constantes contatos com animais silvestres, em especial as cobras, pelo risco à saúde que as peçonhentas podem oferecer. Além das cobras, foi apontada a grande quantidade de mosquitos e a presença de primatas invadindo as casas para apanhar comida (sem que a oferta de alimentos tenha sido relacionada ao problema) e, novamente, atributos climáticos.

Uma questão de alta gravidade levantada foram os deslizamentos de solo, muito frequentes durante as chuvas de verão por conta da estrutura geomorfológica do Maciço da Tijuca e que chegam a provocar desastres ambientais de grande impacto sobre a vida e a moradia nas favelas dessas encostas. Outro aspecto importante de ser notado é a conexão estabelecida entre a mata e a violência, o que ocorre porque grupos armados utilizam a área do Parque para esconderijo. Também observamos a inversão da pergunta por alguns entrevistados, que apontaram a falta de preservação da floresta, sendo o desmatamento bastante evidenciado nas respostas sobre a mata e a cidade, tendo os moradores entendido que perguntávamos dos problemas da cidade para a mata. É relevante que os mesmos respondentes tenham mencionado tanto pontos positivos quanto negativos, reconhecendo a complexidade real das relações.

Quadro 13: Pontos neutros de viver perto da mata

Favela	Respostas retiradas dos questionários
Chácara do Céu	"Não sabe. Tem todo tipo de bicho lá. Cobra."
	"Não me prejudica em nada"
	"Nenhum"
Formiga	"Nunca passei por nada assim"
	"Conheço pessoas daqui"
Andarai	"Não soube dizer"
Borda do Mato	"Não sabe"
	"Não"
	"Agora estão frequentando. (...)"
	"Nem bom nem ruim. (...)"
INDEFINIDO	"Natureza, bichos, cachoeira"

Quadro 14: Pontos neutros da mata para a cidade

Favela	Respostas retiradas dos questionários
Chácara do Céu	"Não sabe, mas tem jaca"
	"Acha que não tem nada nem positivo nem negativo."
Formiga	"Não sabe"
	"Não tem"
Borda do Mato	"Não tem"

Consideramos trechos “neutros” quando não observamos nenhuma conotação clara ou quando a pessoa não soube dizer pontos positivos ou negativos de se viver próximo à mata. Também foi apontada a inexistência de pontos bons ou ruins. Embora minoritária (13 respostas), a inexistência de atributos positivos ou negativos significa um alerta sobre a indiferença de tais moradores pela floresta. Muitos fatores podem influenciar as relações individuais com a natureza, porém a presença de respostas como essas não deixa de ser uma preocupação, já que a indiferença se relaciona à ausência de valor e, portanto, constitui um desafio à conservação ambiental. A presença de jaca foi classificada como neutra porque não ficou explícito se isso seria um aspecto positivo.

As questões discutidas a seguir se debruçam sobre a relação entre os moradores e a fauna silvestre. Quanto à mencionada “matança” de animais, observamos que grande parte destas tem como foco as cobras, animal silvestre que costuma gerar repulsa na maior parte das pessoas por medo. No geral, 31 pessoas citaram a matança como uma questão, havendo 38 falas no total relacionadas a isso, sendo 29 delas sobre matar por matar, 5 com o objetivo de alimentação, 1 pelo incômodo com a presença, 1 por medo, 1 acidente e 1 atropelamento. Além dessas falas, tivemos outras 17 relacionadas à pura maldade das pessoas com os animais silvestres, não necessariamente atreladas à matança e 13 trazendo a questão da caça como prática (neste último caso, nenhum dos relatos surgiu da favela Borda do Mato, onde verificamos a presença de passarinhos silvestres engaiolados). Além desses, os animais silvestres ainda correm outros riscos como a fiação elétrica que, por

muitas vezes, inclui ligações diretas (“gatos”) e não tem manutenção, provocando choques, principalmente em primatas e gambás.

Apesar do reconhecimento do valor da floresta pelos moradores, tais respostas evidenciam o impacto dos conflitos humano-fauna na conservação da biodiversidade, o que demanda ações direcionadas ao problema. Também observamos o reconhecimento pelos moradores sobre o impacto da urbanização no maior aparecimento de animais silvestres, como nos casos de áreas recentemente desmatadas (nas favelas ou nos bairros do entorno).

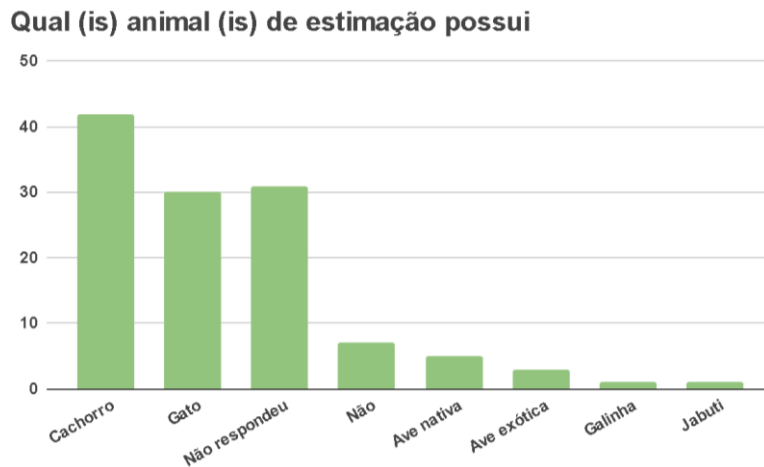


Figura 24: Tipos de animais de estimação recorrência

Dos animais domésticos presentes nas favelas, a maior parte dos moradores possui ou gato, ou cachorro, por vezes os dois juntos. Como animais predadores, cães e gatos impactam várias espécies silvestres. Algumas pessoas detêm aves, algumas delas nativas, outras exóticas, incluindo galinhas. Também apresentaram jabuti como animal de estimação.

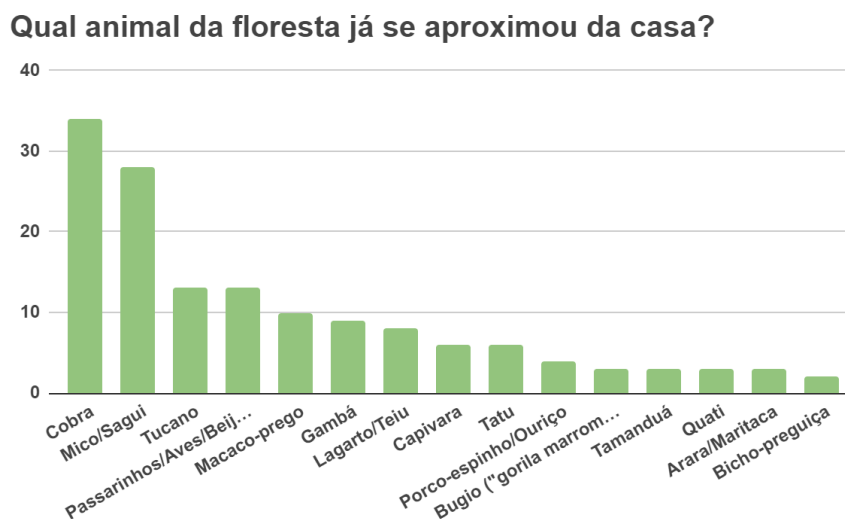


Figura 25: Ocorrência de animais silvestres próximos às casas

Nos relatos sobre animais silvestres se aproximando das casas, tivemos uma grande diversidade apresentada. Como vemos na figura 24, dos avistamentos se destacam as cobras e micos (mico-estrela ou sagui-do-tufo-branco, uma espécie nativa do nordeste brasileiro muito bem estabelecida no Rio de Janeiro). Já foram observados mais de uma vez passarinhos e aves como tucano e maitaca, lagartos e mamíferos como macacos-prego, bugios, gambás, capivaras, ouriços, tatus, tamanduás, quatis e bichos-preguiça. Dos citados, os mais comuns de se avistar são as cobras, geralmente mencionadas sem a espécie, aves em geral (principalmente passarinhos e tucanos) e macacos, dando foco aos micos/saguis. Os relatos de avistamento de quati se concentram no Borel. Além dos animais citados acima, tivemos alguns que apareceram apenas uma vez, sendo eles: rã/sapo, mico-leão-dourado, porco-do-mato, cutia, ratos, paca, escorpião e cabra. Algumas dessas respostas (ratos e cabra) deixam de diferenciar animais silvestres e domésticos ou pragas urbanas; outras (mico-leão-dourado e porco-do-mato) supõem a existência de espécies extintas localmente.

Que animais são encontrados com frequência no local

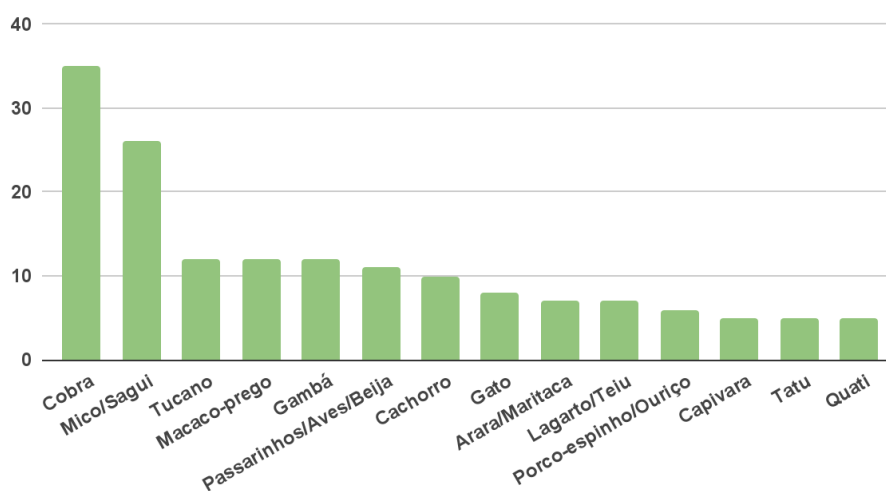


Figura 26: Frequência de ocorrência de animais silvestres nas favelas

Quando perguntamos sobre quais animais são encontrados com frequência nas favelas participantes, observamos que a maioria também foi citada na pergunta sobre a proximidade deles com as casas. Com isso, podemos perceber que a maioria dos bichos que frequentam são percebidos pelos moradores com frequência, havendo uma convivência. Nesse caso, os animais que foram listados apenas uma vez foram: bicho-preguiça, rã/sapo, galinha, ratos, paca, escorpião, cabra, garça, tamanduá e anta, ou seja, pouco diferiu da pergunta anterior. Os relatos de quatis continuaram se concentrando no Borel. Reparamos que os relatos de contatos com animais são menos recorrentes no

Morro do Cruz, sendo a maioria avistamentos de “maritacas”. Retornando ao mapa no início desse relatório evidencia-se a distância do Parque como provável explicação para isso.

Se acha que os animais silvestres causam algum problema

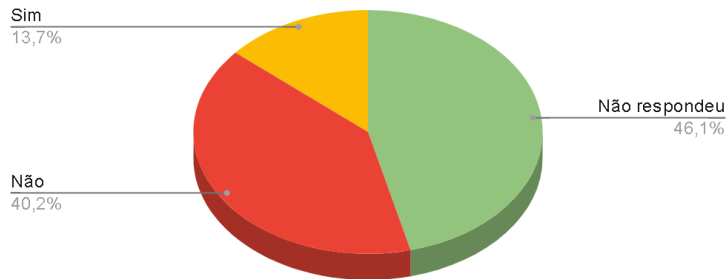


Figura 27: Opinião dos moradores sobre se os animais causam algum problema

Apesar de pouco mais da metade dos moradores ter respondido esse questionamento, podemos observar que as opiniões sobre problemas causados por animais silvestres são majoritariamente negativas, o que nos dá a entender que não há incômodo pela maioria no que diz respeito à coexistência com eles. Dos que responderam “Sim”, podemos pensar nos relatos que vimos anteriormente de macacos adentrando as casas para pegar comida e fazer bagunça, além de cobras apresentando “perigo” à comunidade. Houve ainda relatos de conflito entre um cachorro e um quati e dois com ouriços-cacheiro, causando ferimentos de certa gravidade aos animais de estimação.

Quais animais deveriam ser reintroduzidos

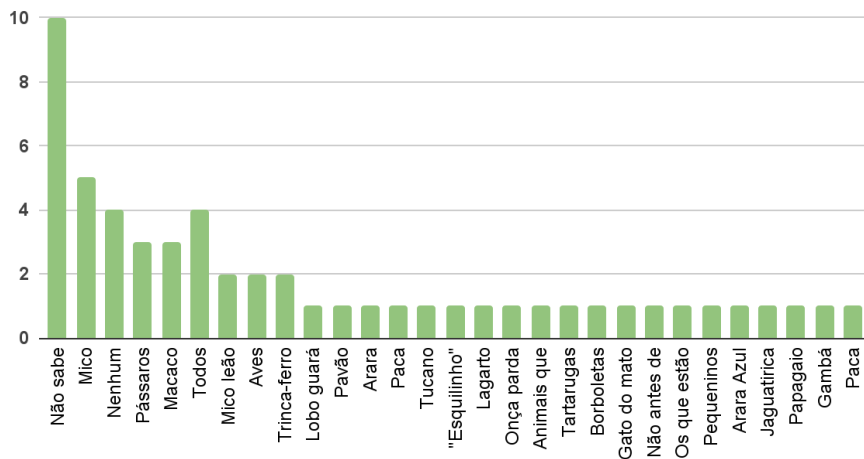


Figura 28: Quais animais deveriam ser reintroduzidos de acordo com os moradores

Quais animais NÃO deveriam ser reintroduzidos

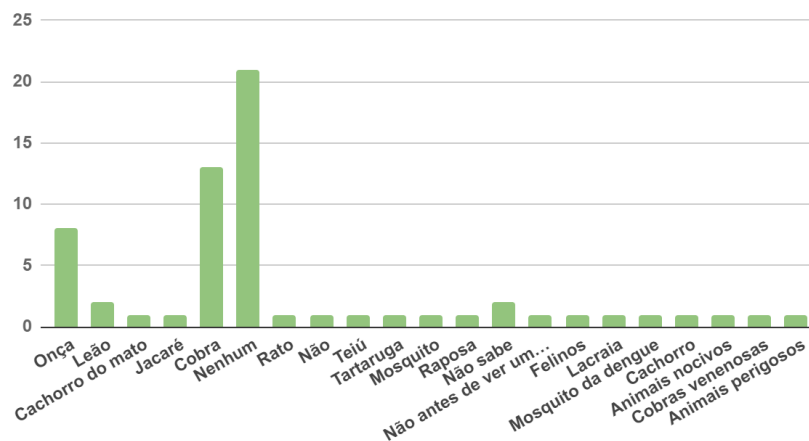


Figura 29: Quais animais não deveriam ser reintroduzidos de acordo com os moradores

Quando comparamos as respostas sobre quais animais devem ser reintroduzidos e quais não devem, pudemos observar que vários entrevistados interpretaram a pergunta como uma “lista de desejos”, tendo a maioria listado animais que fazem parte do que entendemos como “fofofauna”, que são animais que geralmente geram reações positivas por apresentarem certo carisma, como micos e aves em geral. Por outro lado, o alto número de “não sei” aponta para o distanciamento dos participantes em relação ao tema. Já os indesejados geralmente estão atrelados a algum tipo incômodo quando avistados ou em coexistência. Como exemplo temos o número considerável de pessoas citando onças e cobras, por medo na maioria das vezes, observação confirmada pela resposta “animais perigosos”. Respostas como “não sem ver estudos”, “os que estão em extinção” e “todos” fogem a esse padrão, trazendo um olhar mais próximo do propósito técnico. O grande número de respostas “nenhum” pode indicar uma boa aceitação da reintrodução de espécies. É relevante reconhecer que a estratégia dialógica adotada para o questionário pode ter influência nas respostas. Fizemos essa opção por refletir que não seria razoável perguntar se a pessoa sabia o que era reintrodução de fauna e, em caso de resposta negativa, deixar de informar. O momento de entrevista foi entendido também como uma aproximação e troca com os moradores, de modo que procuramos atender ao rigor científico, porém sem desumanizar o diálogo.

Se sabe o que é reintrodução de animais

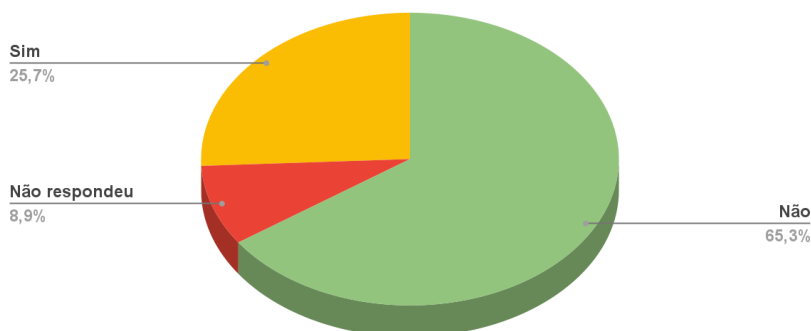


Figura 30: Conhecimento dos moradores a respeito da reintrodução de animais silvestres

Se já ouviu falar das reintroduções de animais

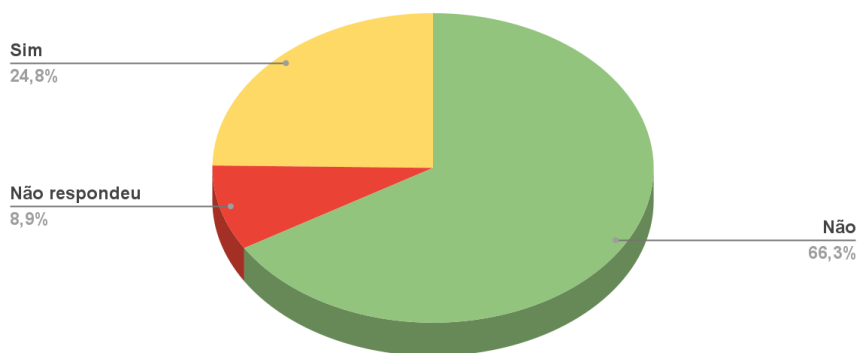


Figura 31: Conhecimento dos moradores a respeito da reintrodução de animais silvestres no Parque Nacional da Tijuca

Quando perguntamos sobre as reintroduções de animais silvestres, pudemos perceber que parte considerável dos participantes não conhecia a prática, o que nos traz a necessidade de pensar atividades e eventos de divulgação científica voltados para esse público, um dos objetivos para a continuação do projeto. Entretanto, considerando a especificidade do tema, o percentual positivo de 25,7 pode ser celebrado, sugerindo que as ações de comunicação do Refauna têm tido resultado. Esse pode ser um dos motivos pelos quais o sucesso das reintroduções é impactado, por isso é tamanha a importância da divulgação e preparo da comunidade frente a esse tipo de manejo.

Discussão e Conclusões

Uma questão que observamos no decorrer da pesquisa foi a relação múltipla e por vezes aparentemente contraditória que os moradores têm com a mata: ao mesmo tempo que valorizam a mata, matam alguns tipos de animais por diversos motivos, dentre os

citados nos resultados: o medo, a caça para comer ou prender e o simples ato de matar, sem reconhecer qualquer motivo, sendo a maioria desses conflitos na comunidade e não dentro da mata. De encontro a isso, temos que os animais silvestres parecem ter se acostumado com a presença humana pela constante interação com eles, principalmente pela recorrente oferta de alimentação, voluntária ou acessível no lixo. Com essa observação, podemos ressaltar posteriormente como esses animais são peças-chave para a manutenção da mata e, assim, buscar uma sensibilização para mudar esse quadro. Entretanto, é necessário também buscar formas objetivas de manter o afastamento desses animais, principalmente pensando a melhoria da gestão dos resíduos. Ou seja, é preciso um trabalho multidisciplinar que traga tanto questões ecológicas sobre a fauna, quanto alternativas práticas como o saneamento, informações, mudança de cultura etc.

Quanto à questão do uso de nascentes, vimos que o uso vai de lazer até higiene. A assistência aos moradores no quesito abastecimento deixa a desejar em todas as favelas, visto que as empresas responsáveis por isso não têm o compromisso de buscar alcançar todas as casas, gerando uma necessidade de busca ativa por condições de higiene e saneamento, essa por coleta individual ou, frequentemente, por canalizações comunitárias a partir da água das nascentes. É indubitável que o Parque Nacional da Tijuca, reflorestado para recuperar as nascentes que abasteciam a cidade, segue cumprindo sua vocação e provendo à população ao seu entorno o direito fundamental à água.

Sobre o conhecimento do Parque Nacional da Tijuca enquanto política conservacionista, pudemos observar que poucos sabem as funções e ações da instituição gestora, inclusive sobre as iniciativas de reintrodução de animais silvestres. Com isso, tivemos a certeza da necessidade de construção conjunta aos moradores de oficinas, formação sobre o assunto e ações conjuntas para que o sucesso das reintroduções possa alavancar e possamos trabalhar todos juntos em prol de um objetivo em comum: a restauração e manutenção do ecossistema que os envolve. Assim, a coexistência entre os moradores e os animais silvestres pode ser pensada nos termos de compartilhamento de espaços e soluções para mitigar possíveis conflitos (GROSS, 2021), abandonando uma visão que estabelece lugares próprios para pessoas (favela, área urbana) e para a fauna silvestre (floresta).

Interessante trazer algumas observações quando comparamos as vantagens e desvantagens das comunidades apontadas pelas lideranças nas entrevistas, dentre as quais temos: o embate no quesito “engajamento da comunidade”, que é apontado tanto em uma

categoria, quanto na outra. Além disso, também temos a questão da proteção, que é elogiada pela presença da UPP, mas ao mesmo tempo é criticada pelo mesmo motivo. Traz proteção porque tem policiamento, mas traz perigo por invasões e combates entre a instituição e as organizações criminosas presentes na favela. Parece não ser a existência de uma polícia que aflige os moradores, e sim a forma como ela atua na favela. Como principal motivação para a atuação de grande parte das lideranças está a oferta às crianças de um caminho alternativo ao tráfico. O orgulho de ter infraestrutura pública na favela, similarmente, se justapõe às críticas pela insuficiência de oportunidades e de políticas estatais.

No caso do Morro do Andaraí, ao que diz respeito à relação deles com a mata em si, percebemos que muito da valorização das lideranças das atividades de reflorestamento e do discurso ambientalmente consciente existente estão relacionados a um trauma de moradores terem sido ameaçados de expulsão das suas casas em um evento de remoção forçada pelo governo municipal⁴, que não aconteceu com muitos deles porque se juntaram e enfrentaram, apontando que havia sim espaço para eles construírem alternativas habitacionais no local, de acordo com os entrevistados. A partir disso, observamos que pode haver um cuidado com a questão ambiental e o engajamento em atividades do tipo com origem nesse acontecimento, despertado nesse receio de correrem o risco de tentativa de expulsão novamente.

O Morro do Andaraí havia passado por um potente processo de organização política e comunitária nos anos 70, liderado pela professora e liderança negra local, Jurema Batista, a primeira presidente da associação de moradores criada (DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO, 2023). O fenômeno de “ambientalização” dos movimentos sociais é descrito por Lopes (2004, p. 17) como “um processo histórico de construção de novos fenômenos, associado a um processo de interiorização pelas pessoas e pelos grupos sociais (...) das diferentes facetas da questão pública do “meio ambiente”.” Nota-se essa transformação na linguagem, na forma de atuação nos conflitos sociais e, por vezes, na sua incorporação nas instituições. Embora inicialmente esse seja um caso de injustiça ambiental, diante da capacidade do movimento de moradores de favela de se apropriar da questão ambiental e a incorporar em sua luta, torna-se exemplar da alta

⁴ O discurso ambientalista ganhou força no mundo motivada pela Conferência de Estocolmo, em 1972.

relevância da formação política e organização comunitária para a construção de uma realidade ambientalmente viável e socialmente justa.

Uma fala recorrente entre alguns entrevistados foi a relação entre idade e consciência socioambiental. Voltando a essa queixa sob o prisma das reflexões acima, pode-se perguntar qual o impacto da repressão militar e do crime organizado sobre a organização comunitária e a construção de consciência e práticas ambientalistas nas favelas cariocas. Recorda-se, aqui, o papel da ditadura militar na desarticulação e perseguição de lideranças políticas até a década de 80 e o crescimento da atuação de grupos armados nas favelas do Rio de Janeiro na década de 90. Hoje, observamos uma rede de protagonismo social buscando se reorganizar a partir de iniciativas individuais, com lideranças mais jovens e formação política mais fragmentada, mas ainda dialogando com práticas ambientalistas. A descentralização, por vezes uma estratégia de não enfrentamento do poderio do crime organizado, pode oferecer desafios, mas também oportunidades de povoamento dos territórios com novas possibilidades. Investir na articulação entre as iniciativas parece ser uma chave para sua potencialização e uma porta para a superação do embate entre conservacionistas e moradores de favelas.

Diante de alguns imprevistos e por falta de tempo hábil, não foi possível gerar gráficos comparativos entre os locais de aplicação do questionário, o que ressaltaria as especificidades de cada um deles. Todavia, futuramente novas análises poderão ser realizadas com os mesmos dados. Apesar das dificuldades, as entrevistas e aplicações de questionários foram mais bem sucedidas por contar com o grupo de voluntários no apoio, que potencializaram as idas a campo, não só pela maior quantidade de questionários aplicados, mas também pela disponibilidade quando nem todos podiam. A equipe foi crucial para que pudéssemos ter sucesso no desenvolvimento da pesquisa. Mesmo assim, a quantidade de voluntários no grupo pode ter sido um fator limitante, pois a quantidade de questionários aplicados poderia ter sido maior caso a equipe pudesse alcançar mais moradores simultaneamente nas saídas a campo.

Recomendações para o manejo

Com as informações levantadas nesta pesquisa, espera-se planejar ações posteriores do Refauna, ICMBio e parceiros visando à promoção da coexistência e redução de conflitos entre a população local e fauna nativa da área, especialmente a fauna

reintroduzida. Isso pode ocorrer a partir da identificação de instituições e atores sociais presentes em tais comunidades, com o objetivo de estabelecer pontes de diálogo e criar possibilidades de cooperação nos territórios, foco que daremos na próxima etapa da pesquisa, a ser iniciada com o fim desta apresentada nesse relatório final. Em diálogo com os contatos estabelecidos, um melhor entendimento sobre essa relação pode ser construído e, assim, torna-se possível trabalhar a importância da presença e manutenção dessas espécies críticas na natureza, ou mesmo o medo de uma interação negativa com esses animais, com ações de sensibilização, mitigando o risco à efetividade da refaunação e oferecendo informações potencialmente úteis aos moradores. O aumento do engajamento social no apoio às atividades de reintrodução e monitoramento dos animais pode significar o futuro sucesso no estabelecimento de populações viáveis das espécies reintroduzidas.

Mais que isso, o extenso levantamento empírico dessa pesquisa indica, ao contrário do que muitas vezes é preconceituosamente repetido, o valor atribuído ao ecossistema florestal pelos moradores do entorno do Parque Nacional da Tijuca. Em um contexto capitalista neoliberal de crescente distanciamento humano-natureza, parcela expressiva das pessoas marginalizadas e que enfrentam diversos desafios na vida diária percebem serviços providos pelo ecossistema florestal, frequentam a mata e eventualmente podem usufruir desta em atividades de lazer gratuitas. Urge que conservacionistas e o poder público percebam que a manutenção e valorização de tais vínculos são fundamentais à proteção da biodiversidade e reconheçam o direito de acesso à floresta pelas populações negras e periféricas como fundamental. Se a população é desprovida de alternativas habitacionais, o mesmo não significa que seja indiferente à preservação. A busca pelo equilíbrio ambiental passa, necessariamente, pela justiça social e atendimento a todos os direitos básicos de todos os cidadãos.

Essa pesquisa buscou conhecer um pouco da organização social e de cunho ambiental em favelas do entorno do Parque Nacional da Tijuca. Buscou compreender visões sobre o ambiente e perceber encontros entre anseios das favelas e conservacionistas. Em continuidade, vamos propor uma pesquisa-ação participante para identificar e desenvolver uma ação em conjunto com uma das comunidades estudadas. Esse percurso se insere em uma pergunta maior: como a conservação ambiental no Brasil pode se reinventar para além de seu histórico repressor e tecer alianças com a população marginalizada para produzir novas vivências sociais, políticas e ambientais. Nossa

principal recomendação para manejo é que cada passo da gestão de unidades de conservação seja dado nessa direção. Fortalezas já de nada servem, a transformação necessária para um meio ambiente equilibrado se fará transpondo muros e dando as mãos.

AGRADECIMENTOS

Às instituições fomentadoras Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e ao Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) por disponibilizar todo o material e apoio necessário para que a pesquisa pudesse acontecer.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) por permitir que eu faça parte dessa iniciação científica tão importante e pela brilhante formação que me dá.

Aos meus orientadores e conselheiros Isaura Bredariol, Katyucha Von Kossel, Marcelo Rheingantz, Henrique Rajão e Joana Macedo por todo o aprendizado e apoio no desenvolvimento da pesquisa.

A toda a equipe do Parque Nacional da Tijuca pelo importante auxílio nos campos e, também, no desenvolvimento da pesquisa, principalmente à Gleiciane de Oliveira, à Sherlyê Carvalho e aos voluntários Celso Bredariol, Krishna Atma, Larissa Lanzelloti, Renan Oliveira e Luisa Lucarelli.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO. Jurema Batista (PT-RJ) - Andaraí - RJ. **WikiFavelas**, 19/09/2023. Disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php/Jurema_Batista_%E2%80%93_\(PT-RJ\)_%E2%80%93_Andara%C3%AD_-_RJ](https://wikifavelas.com.br/index.php/Jurema_Batista_%E2%80%93_(PT-RJ)_%E2%80%93_Andara%C3%AD_-_RJ). Acesso em: setembro/2023
- FAVELA DO BOREL. **WikiFavelas**, 21/11/2021. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Favela_do_Borel. Acesso em: março/2023
- FERNANDEZ, Fernando *et al.* Rewilding the Atlantic Forest: Restoring the fauna and ecological interactions of a protected area. **Perspectives in Ecology and Conservation**. 15(4): 308-314, 2017.
- FERREIRA, C. P. Gestão e Percepção Ambiental na Estação Ecológica Juréia-Itatins, São Paulo, Brasil. In: **Commons in an Age of Global Transition: Challenges, Risks and Opportunities**, the Tenth Conference of the International Association for the Study of Common Property, Oaxaca, Mexico, 2004. 30p.
- FIGUEIREDO, Camila S. **Padrões de interações entre humanos e animais silvestres no Rio de Janeiro, uma megacidade no hotspot de biodiversidade da Mata Atlântica**, 2019. Monografia, Ciências Ambientais, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2019.
- FRANCISCO, Diego. Chácara do Céu. **WikiFavelas**, 02/12/2020. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Chácara_do_Céu. Acesso em: março/2023

- FREIRE, Leticia. Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, 1(2), 95-114, 2008.

- GROSS, Eva, *et al.* **A Future for All: The Need for Human-Wildlife Coexistence.** (WWF, Gland, Switzerland), 2021.

- IBGE. **Censo 2010.** Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. 2010. Acesso em março/2023.

- INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio). **Plano de Manejo do Parque Nacional da Tijuca.** Brasília: Ibama, Mimeo. Vol. I, II, III. 2008.

- INSTITUTO PEREIRA PASSOS. **Sistema de Assentamentos de Baixa Renda.** 2021. Disponível em: <https://sabren-pcrj.hub.arcgis.com/pages/favelabusca> Acesso em agosto/2022.

- IUCN/SSC. **Guidelines for Reintroductions and Other Conservation Translocations.** Version 1.0. Gland, Switzerland: IUCN Species Survival Commission, viiii + 57 pp., 2014.

- LEPERCQ Claire, MCALLISTER Nia. Sociedades de água e outras iniciativas sustentáveis prosperam no Morro da Formiga. **RioOnWatch**, 17/11/2015. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=16790>. Acesso em março/2023

- LOPES, José Sérgio *et al.* **A ambientalização dos conflitos sociais.** Relume Dumará - Núcleo de Antropologia da Política, Rio de Janeiro, 2004.

- MORRO DA FORMIGA. **WikiFavelas**, 24/09/2020. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Morro_da_Formiga. Acesso em: março/2023

- PERLMAN, Janice. **O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.

- SANTOS Alexandre, LEITE Márcia, FRANCA Nahyda. **Quando memória e história se entrelaçam: a trama dos espaços na Grande Tijuca**. Rio de Janeiro: IBASE, 2003.

- SILVA, Marcelo P. O processo de urbanização carioca na 1ª República do Brasil no século XX: uma análise do processo de segregação social. **Estação Científica** (UNIFAP), Macapá, v. 8, n. 1, p. 47-56, jan./abr. 2018.

- VALLADARES, Licia. A Gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v 15, n 44, 5-34, 2000.

ANEXO 1: Roteiro para entrevista com lideranças de iniciativas comunitárias

Roteiro para entrevista com lideranças de iniciativas comunitárias

Nome do/a/s entrevistador/a/s: _____

Data da entrevista: _____ Local: _____ Favela: _____

Nome do/a entrevistado/a: _____

Nome da iniciativa/instituição que representa: _____

Após cumprimentar o entrevistado, checar se estão em condições adequadas para a entrevista e lembrar o objetivo da conversa, apresentar o termo de consentimento e solicitar a assinatura. Em seguida, perguntar se para melhor aproveitamento poderia gravar, assegurando que o áudio será acessado apenas pelo grupo de pesquisadores envolvidos e que ele/a será consultado/a caso haja intenção de transcrever algum trecho de sua fala para ilustrar o relatório final.

Sobre o entrevistado

Há quanto tempo mora/trabalha na favela?

Sobre a iniciativa/instituição

Iniciativa

O que motivou a criação dessa iniciativa/instituição? Qual o objetivo? Qual a história?

O que vocês vêm desenvolvendo?

Quem ajuda nesse trabalho? Tem quantas pessoas envolvidas?

Esse trabalho se relaciona com a conservação ambiental de alguma forma?

O que falta ser desenvolvido além disso? Vcs têm planos de expandir o trabalho de alguma forma? Como?

Instituição governamental

Que serviço a instituição oferece?

Esse trabalho se relaciona com a conservação ambiental de alguma forma?

O que deveria melhorar?

Sobre a favela

Quais são as vantagens aqui da favela?

Quais são os problemas daqui?

Que questões ambientais estão presentes aqui? Saneamento / riscos / espaços verdes / qualidade ambiental...

De onde vem a água que abastece as casas?

E que conflitos ou ameaças existem?

Que fatos importantes você destacaria sobre essa favela?

Sobre outras instituições

Que políticas públicas você identifica aqui?

Quem são os responsáveis?

Que instituições existem aqui na área de ... ? Saúde / Educação / Assistência / Cultura / Religião / Segurança / Meio Ambiente ...

O que mais deveria existir?

Sobre outras iniciativas

Que iniciativas não governamentais existem aqui? Quais?

Quem elas engajam? Que público atendem?

O que tem dado certo? Funcionam bem?

E o que não tem dado tão certo? Quais as dificuldades?

O que pode melhorar?

Alguma iniciativa tem relação com a questão ambiental?

Que outras iniciativas seriam relevantes?

Sobre ação social

O que mobiliza moradores por aqui?

Quem se mobiliza?

Que espaços são frequentados e para quê? Quais os espaços de convivência?

Que meio de comunicação são usados? Existe rádio ou jornal comunitário?

Existem eventos comunitários?

Sobre a relação com o entorno

O que existe em torno da favela?

Como a favela se relaciona com esse entorno?

Existe alguma influência da favela na mata logo acima?

E a mata que existe influencia de alguma forma a favela?

O que as pessoas acham dessa proximidade com a mata?

As pessoas usam a mata de alguma forma?

Aparecem animais silvestres na favela? Quais? Como é a convivência com esses animais?

Sobre o Parque

Você conhece o Parque Nacional da Tijuca? Frequenta? Qual a função do Parque (pra que serve)? E as pessoas na favela, conhecem? Frequentam? Como é a relação delas com o Parque? Existe interesse no Parque de alguma forma?

Você acredita que pode haver interesses em comum entre os moradores daqui e os objetivos do Parque? Quais?

Quais são os desafios da relação entre a favela e o Parque? Existe algum ponto de atrito? Divergências e convergências?

Você acha que sua iniciativa/instituição teria interesse em estabelecer alguma parceria com o trabalho no Parque? De que tipo?

Sobre essa pesquisa

Explicar novamente o objetivo da pesquisa e falar sobre as próximas etapas. Perguntar se o/a entrevistado/a gostaria de ajudar.

Quem mais você indica para entrevistarmos? Por quê? Como o/a encontramos?

Mostrar o questionário a ser utilizado e dar oportunidade para comentários.

Em que espaços poderíamos abordar moradores para aplicar o questionário? Em que momentos? Quem poderia nos ajudar a chegar nesses espaços?

Que cuidados devemos ter para desenvolver essa pesquisa aqui?

Mais alguma observação?

Agradecer a colaboração e combinar sobre próximos contatos, se for o caso. Se possível, pedir para tirar uma foto.

ANEXO 2: Questionário de preenchimento pelos próprios moradores



DIAGNÓSTICO DAS INTERAÇÕES DE MORADORES NO ENTORNO COM A MATA E SUA FAUNA

Olá, você está sendo convidado a colaborar com uma pesquisa promovida pelo ICMBio e o Refauna que tem o objetivo de identificar interações entre moradores daqui e a mata.

Você poderia contribuir respondendo ao nosso questionário anônimo?

() Sim () Não

Data: ___/___/___

Comunidade: () Formiga () Indiana () Borel () Chácara do Céu
() Casa Branca () Andaraí () Outra: _____

Local: _____

Bloco 1 - Perfil

1- Qual a sua idade?

- | | |
|-----------|----------------|
| () 14-18 | () 48-57 |
| () 18-27 | () 58-67 |
| () 28-37 | () 68-77 |
| () 38-47 | () mais de 77 |

2- Com que gênero você se identifica?

() Feminino () Masculino () Outro: _____

3- Com qual cor ou raça você se identifica?

() Preta () Parda () Branca () Amarela () Indígena

4- Qual a sua escolaridade?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino técnico completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo | <input type="checkbox"/> Ensino superior incompleto |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto | <input type="checkbox"/> Ensino superior completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio completo | <input type="checkbox"/> Pós-graduação incompleta |
| <input type="checkbox"/> Ensino técnico incompleto | <input type="checkbox"/> Pós-graduação completa |

5- Qual a sua ocupação? _____

6- Você tem alguma religião? Qual? _____ Não tem

7- Há quanto tempo você mora aqui? ____ anos ou menos de 1 ano

8- Você sabe de onde vem a água da sua casa? _____ Não sei

9- Você tem animal de estimação? Qual(is)? _____ Não tem

10- Participa de alguma iniciativa comunitária? Qual(is)? _____

_____ Não participo

Bloco 2 - Floresta

1- Você mora perto da mata?

Muito perto Perto Mais ou menos Longe Muito longe

2- Você dá algum nome a essa mata? _____

3- Você já foi nessa mata?

Não Sim, eventualmente Sim, semanalmente Sim, diariamente

3.2- Que locais da mata você frequenta? _____

_____ Não frequento

4- Você faz algum uso dessa mata?

Contemplativo Recreativo Religioso Para coletar

Outro: _____ Não faço uso

4.2 - Caso use para coleta, o que você coleta?

Água Fruta Lenha Terra ou pedra Mudas Caça

Outro: _____ Não faço coleta

5- Quais pontos positivos e negativos de viver perto da mata?

6- Quais os pontos positivos e negativos dessa mata para a cidade?

Bloco 3 - Parque

1- Você conhece o Parque Nacional da Tijuca?

Sim Não sei Não - nesse caso pule para a pergunta 5 desse bloco.

2- Quais locais do Parque Nacional da Tijuca você conhece? _____

_____ Não conheço

3- Você frequenta algum(ns) desse(s) locais?

Não Sim, eventualmente Sim, semanalmente Sim, diariamente

4- Para que serve o Parque Nacional da Tijuca?

5- Essa mata é vizinha ao Parque Nacional da Tijuca, você sabia?

Sim Não

Bloco 4 - Fauna

1- Algum animal da floresta já se aproximou da sua casa? Qual(is) animal(is) era(m)? Como foi a experiência?

2- Que animais você encontra com frequência por aqui? _____

3- Eles causam algum problema? Qual(is)? _____

3.2 - Se sim, o que o que as pessoas fazem para resolver? (Se não, pule para a próxima pergunta) _____

4- Eles correm algum risco estando próximo das casas? Qual(is)?

5- E na floresta, eles encontram algum risco? Qual(is)?

6- Existe algum animal que você via e não vê mais aqui na comunidade? Qual(is)?
() Não () Sim, _____

7- Existe algum animal que você vê e não via antes por aqui? Qual(is)?

() Não () Sim, _____

8- Por que você acha que mudou? (Se acha que não mudou, pule para a próxima pergunta)

9- Você sabe o que é reintrodução de animais silvestres? () Não () Sim

Alguns tipos de animais desapareceram das matas próximas da cidade por conta da urbanização, da caça e de outros impactos da sociedade moderna. Como cada tipo de animal cumpre um papel no equilíbrio da mata, a ausência de muitos deles afeta a capacidade da mata se regenerar. Para restaurar a mata e seus processos naturais, como por exemplo a dispersão de sementes, pesquisadores estudam quais animais deixaram de existir e poderiam ser recolocados ali. Depois desses estudos, fazem a reinserção de alguns deles na mata, monitorando para ver se eles conseguem sobreviver e se reproduzir.

10- Você já ouviu falar das reintroduções de animais no Parque Nacional da Tijuca? () Não () Sim

11- Você acha que a reintrodução de animais silvestres pode trazer benefícios e/ou prejuízos? Quais? _____

12- Você acha que algum(ns) animais deveria(m) ser reintroduzidos? Por que?

13- Você acha que algum(ns) animais NÃO deveria(m) ser reintroduzidos? Por que?

Chegamos ao final do nosso questionário e agradecemos muito a sua contribuição! Ao final da pesquisa, nós faremos uma apresentação dos nossos resultados. Se você quiser, podemos te convidar para essa apresentação ou te enviar os resultados. Para isso, deixe seu contato aqui, se desejar: _____

Ele não será utilizado para nenhuma outra finalidade e nem compartilhado com outras pessoas.

Obrigad@!

ANEXO 3: Questionário para aplicação dos entrevistadores com os moradores



DIAGNÓSTICO DAS FAVELAS NO ENTORNO DO PARQUE NACIONAL DA TIJUCA: INTERAÇÃO COM A MATA E SUA FAUNA

Data: ___/___/___ Favela: _____ Local: _____
Preenchido por: _____

Olá, eu sou (nome) e estou colaborando com uma pesquisa promovida pelo ICMBio e Refauna que tem o objetivo de identificar interações entre moradores daqui e a mata. Você poderia contribuir respondendo ao nosso questionário anônimo? Precisaremos de aproximadamente 15 minutos para completá-lo.

() Concordo () Não concordo

Bloco 1 - Perfil

1- Qual a sua idade?

- | | |
|-----------|----------------|
| () 14-18 | () 48-57 |
| () 18-27 | () 58-67 |
| () 28-37 | () 68-77 |
| () 38-47 | () mais de 77 |

2- Com que gênero você se identifica?

() Feminino () Masculino () Outro: _____

3- Com qual cor ou raça você se identifica?

() Preta () Parda () Branca () Amarela () Indígena

4- Qual a sua escolaridade?

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| () Ensino fundamental incompleto | () Ensino técnico completo |
| () Ensino fundamental completo | () Ensino superior incompleto |
| () Ensino médio incompleto | () Ensino superior completo |
| () Ensino médio completo | () Pós-graduação incompleta |
| () Ensino técnico incompleto | () Pós-graduação completa |

5- Qual a sua ocupação? _____

6- Você tem alguma religião? Qual? _____ () Não tem

7- Há quanto tempo você mora aqui? ____ ano(s)

8- Você sabe de onde vem a água da sua casa? _____ () Não sei

9- Você tem animal de estimação? Qual(is)? _____ () Não tem

10- Participa de alguma iniciativa comunitária? Qual(is)? _____
_____ () Não participa

Bloco 2 - Floresta

1- Você mora perto da mata?

() Muito perto () Perto () Mais ou menos () Longe () Muito longe

2- Você dá algum nome a essa mata? _____

3- Você já foi nessa mata?

() Não () Sim, eventualmente () Sim, semanalmente () Sim, diariamente

3.2- Que locais da mata você frequenta? _____

4- Você faz algum uso dessa mata?

() Contemplativo () Recreativo () Religioso () Para coletar

() Outro: _____

4.2 - Coletar o que?

() Água () Fruta () Lenha () Terra ou pedra () Mudas () Caça

() Outro: _____

5- Quais pontos positivos e negativos de viver perto da mata?

6- Quais os pontos positivos e negativos dessa mata para a cidade?

Bloco 3 - Parque

1- Você conhece o Parque Nacional da Tijuca? () Sim () Não () Não sei

2- Quais locais do Parque Nacional da Tijuca você conhece?

3- Você frequenta algum(ns) desse(s) locais?

() Não () Sim, eventualmente () Sim, semanalmente () Sim, diariamente

4- Para que serve o Parque Nacional da Tijuca? _____

5- Essa mata é vizinha ao Parque Nacional da Tijuca, você sabia?

() Sim () Não

Bloco 4 - Fauna

1- Algum animal da floresta já se aproximou da sua casa? Qual(is) animal(is) era(m)?

Como foi a experiência? _____

2- Que animais você encontra com frequência por aqui? _____

3- Eles causam algum problema? Qual(is)? _____

3.2 - Se sim, o que o que as pessoas fazem para resolver? _____

4- Eles correm algum risco estando próximo das casas? Qual(is)? _____

5- E na floresta, eles encontram algum risco? Qual(is)? _____

6- Existe algum animal que você via e não vê mais aqui na comunidade?

() Não () Sim, _____

7- Existe algum animal que você vê e não via antes por aqui?

() Não () Sim, _____

8- Por que você acha que mudou? _____

9- Você sabe o que é reintrodução de animais silvestres? () Não () Sim

9.2- Se sim, o que é? _____

[Se não, explicar que alguns tipos de animais desapareceram das matas próximas da cidade por conta da urbanização, da caça e de outros impactos da sociedade moderna. Como cada tipo de animal cumpre um papel no equilíbrio da mata, a ausência de muitos deles afeta a capacidade da mata se regenerar. Para restaurar a mata e seus processos naturais, como por exemplo a dispersão de sementes, pesquisadores estudam quais animais deixaram de existir e poderiam ser recolocados ali. Depois desses estudos, fazem a reinserção de alguns deles na mata, monitorando para ver se eles conseguem sobreviver e se reproduzir.]

10- Você já ouviu falar das reintroduções de animais no Parque Nacional da Tijuca?

() Não () Sim

11- Você acha que a reintrodução de animais silvestres pode trazer benefícios e/ou prejuízos? Quais? _____

12- Você acha que algum(ns) animais deveria(m) ser reintroduzidos? Por que?

13- Você acha que algum(ns) animais NÃO deveria(m) ser reintroduzidos? Por que?

Chegamos ao final do nosso questionário e agradecemos muito a sua contribuição! Ao final da pesquisa, nós faremos uma apresentação dos nossos resultados. Se você quiser podemos te convidar para essa apresentação ou te enviar os resultados. Quer deixar seu contato? Ele não será utilizado para nenhuma outra finalidade e nem compartilhado com outras pessoas. () Não () Sim: _____
Obrigad@!